

Maria Júlia Saraiva Rabelo

“A gota d’água”:

Narrativas de mulheres vítimas de violências nas relações amorosas

Uberlândia

2024

Maria Júlia Saraiva Rabelo

“A gota d’água”:

Narrativas de mulheres vítimas de violências nas relações amorosas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do título de Bacharel em Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão

Uberlândia

2024

Maria Júlia Saraiva Rabelo

“A gota d’água”:

Narrativas de mulheres vítimas de violências nas relações amorosas

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção de Título de Bacharel em Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão

Banca Examinadora

Uberlândia, 19 de abril de 2024

Profa. Dra. Lígia Ferreira Galvão
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Miriam Tachibana
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Cláudia Regina Braga da Cruz
Especialista em Psicologia do Trabalho - Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA
2024

AGRADECIMENTOS

À orientação da profa. Lígia Galvão, pelos ensinamentos e apontamentos, na escrita e na prática clínica, e por incentivar algo que, embora singela, várias vezes foi difícil de ser acessada: a autoconfiança;

À banca examinadora, pela disponibilidade e leitura atenciosa;

Aos meus amigos, pelo suporte, por doses diárias de carinho e por trocas tão preciosas e necessárias nesse trajeto. Particularmente, à minha amiga Giovanna Rodovalho, pela parceria ao longo da graduação e por partilhar, comigo, as conquistas e os desafios desse processo de construção pessoal e profissional – que, sem dúvidas, vai para além dos muros da universidade;

À minha família, por todo o apoio e crédito depositado em mim;

À minha mãe, Roberta, à minha irmã, Ana Luiza, e à Erika, por serem alicerce, pela paciência, pelo cuidado, pelo incentivo, pela compreensão e pelo colo, *tantas vezes necessário*;

Ao meu pai, Giuliano, que nunca mediu esforços para viabilizar que eu alçasse voos, reforçando a garantia de que tenho todo o suporte para ir e para voltar – o resultado de tanto cuidado e confiança se faz presente, aqui, nesse trabalho;

À OSC SOS Mulheres Uberlândia, terreno propiciador de experiências inesquecíveis como graduanda, por inaugurar olhares para a potência da Psicologia em espaços de cuidado coletivo e por ser uma base importante para a minha futura atuação profissional. A possibilidade de atuar, como estagiária e posteriormente como extensionista, junto à equipe, na rede de suporte oferecido, contempla meu desejo de escutar atentamente mulheres, em suas singularidades;

À espiritualidade, por ser amparo e certeza – o que permitiu, para além de tudo, que eu olhasse para mim e para todas as versões necessárias de mim mesma que tiveram de ser e se reinventar para estar, hoje, sendo capaz de acolher e sustentar todas as escolhas e não-escolhas feitas até aqui.

*Já lhe dei meu corpo, minha alegria
Já estanquei meu sangue quando fervia
Olha a voz que me resta
Olha a veia que salta
Olha a gota que falta
Pro desfecho da festa*

(Chico Buarque)

Resumo

Esta pesquisa realizou um mapeamento dos discursos de mulheres vítimas de violências nas relações amorosas, buscando-se identificar seus modos de dizer a própria experiência e sua compreensão sobre a dinâmica relacional. Valeu-se do método da análise institucional do discurso, referência teórico-metodológica que implica em um modo específico de proceder em todas as etapas da pesquisa e é estruturado por quatro conceitos: sujeito, instituição, discurso e análise. A coleta de dados foi feita na plataforma *Youtube*; do material obtido foram selecionados cinco vídeos. Após transcritos, analisou-se individualmente cada vídeo e, depois, em conjunto com os demais. A análise indicou a presença de idealizações e expectativas, no discurso das mulheres, que atravessam o ato de se relacionar, bem como a tendência de elas assumirem para si, na forma de sentimentos como a culpa, a responsabilidade pela violência sofrida. Destacaram-se fatores identificados nos discursos que sustentariam, de um lado, a permanência das mulheres na relação violenta e, de outro, as razões, por elas apontadas como a gota d'água que lhes permitiu sair do relacionamento. Também se identificaram elementos discursivos relativos a como as mulheres se posicionavam em relação ao agressor, ao fim da relação e à condição de ajudar outras mulheres. A análise permitiu, ainda, a compreensão do discurso social em circulação referente a relações amorosas violentas, considerando os modos de dizer das mulheres sobre si, o parceiro e a relação. Enfatizou-se, finalmente, a importância de estudos voltados à compreensão da violência contra as mulheres, sobretudo a partir de entrevistas com esse público.

Palavras-chave: violência contra a mulher; discurso de mulheres; relacionamento abusivo; análise institucional do discurso.

Abstract

This research mapped the discourses of women who are victims of violence in romantic relationships, seeking to identify their ways of expressing their own experience and their understanding of the relational dynamics. The method of institutional discourse analysis was used, a theoretical-methodological reference that implies a specific way of proceeding in all stages of the research and is structured by four concepts: subject, institution, discourse and analysis. Data collection was carried out in the YouTube platform; five videos were selected from the material obtained. After transcription, each video was individually analyzed and then collectively, with the others. Such analysis indicated the presence of idealizations and expectations in women's discourse that permeate the act of relating, as well as the tendency for them to take on feelings such as guilt and responsibility for the violence suffered. Some factors identified stood out in the discourses that seemed to sustain, on one hand, women's remaining in the violent relationship and, on the other hand, the reasons they pointed out as the final straw that allowed them to leave the relationship. Discursive elements relating to how women positioned themselves regarding the aggressor, the end of the relationship, and the condition of helping other women were also identified. The analysis also allowed an understanding of the social discourse in circulation regarding violent romantic relationships, considering women's ways of expressing themselves about themselves, their partner, and the relationship. Finally, the importance of studies focusing on understanding violence against women, especially through interviews with this audience, was emphasized.

Keywords: violence against women; women's speech; abusive relationship; institutional discourse analysis

SUMÁRIO

1	Introdução	4
2	Metodologia	10
2.1	Do método	10
2.2	Procedimentos	11
3	Análise	14
3.1	O começo do relacionamento	14
3.2	Violência em ato	16
3.3	“ <i>Eu senti na pele</i> ”	18
3.4	“ <i>Ele me fazia me sentir culpada</i> ”	19
3.5	Ficar ou ir embora?	20
3.6	“ <i>A gota d’água</i> ”	24
3.7	“ <i>Quando você consegue sair...</i> ”	26
3.8	“ <i>Se eu tivesse denunciado...</i> ”	27
3.9	“ <i>Ajudar</i> ”	29
4	Discussão	32
5	Conclusão	36
6	Referências	37

1 INTRODUÇÃO

Os dados levantados pela quarta edição da pesquisa *Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil* – realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pelo Instituto Datafolha, em 2023 – que retratam uma situação das mais atuais no Brasil são alarmantes: 33,4% das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais foram submetidas à violência perpetrada por parceiro íntimo ao longo da vida, sendo que 45% das vítimas não recorreram à denúncia após o episódio da agressão (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023). Razera e Falcke (2017) nos dizem que essa conjuntura reflete a herança do patriarcado e da relação assimétrica entre homens e mulheres construída e sustentada historicamente.

“Não se nasce mulher, torna-se mulher”: a célebre afirmação de Simone de Beauvoir (1970) inaugura olhares para como se iniciou a constituição do conceito de gênero e ainda hoje continua a ecoar nos estudos sobre o tema. Autoras como Scott (1995) e Saffioti (2001) admitem o gênero como uma construção histórica social de funções e expectativas que recaem sobre a concepção comumente propagada como atributos próprios de homens – “masculino” – e de mulheres – “feminino” –, que parte das diferenças biológicas e se desdobra e respalda discriminações entre homens e mulheres em razão do sexo. Segundo Nóbrega, Júnior, Nascimento e Miranda (2019), é nesse contexto que a violência reflete a construção social de gênero que determina as relações hierarquizadas entre homens e mulheres, a partir da delimitação de seus papéis sociais enraizados culturalmente.

Para Teixeira e Paiva (2021), é incontestável que, na sociedade ocidental, o domínio do poder por parte do homem e a subjugação da mulher foram pilares de estruturação para construir, historicamente, as relações de gênero e, conseqüentemente, naturalizar o exercício de poder por parte do homem e a marginalização da mulher. Nesse sentido, Conte e Mühlen (2020) apontam que a transmissão geracional assume encargo fundamental, ao reforçar as representações de atribuições e funções sexuais a partir das leis, das normas, das instituições (tais como família, escola, mídia, entidades religiosas) e da subjetividade atravessada pela cultura patriarcal. Sendo assim, ao considerarmos o lugar social da mulher como produto das relações sociais, é possível pensar que a naturalização da violência dentro de um espaço familiar, guiado pela ótica sexista e patriarcal, tende a favorecer a cultura da dominação e do poder do homem sobre a mulher, sem que ela sequer se questione quanto a isso.

Segundo Soares e Tachibana (2022), por muito tempo predominou a cultura de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, de forma que a violência perpetrada no âmbito privado seguiu negligenciada tanto pela sociedade, quanto pelos órgãos públicos, fortalecendo uma dinâmica social que favoreceria relações desiguais de poder entre mulheres e homens.

Sucedendo um extenso período histórico de invisibilidade, mascarada pelo imaginário de que a eventual solução de conflitos familiares tende a ser restrita ao âmbito doméstico, a violência conjugal passa a ser alvo de notoriedade a datar da década de 1970, com as mobilizações realizadas pelos movimentos feministas da época (Soares & Tachibana, 2022).

Será a partir de 1980, com as reivindicações desses movimentos, como discutem Curia et al. (2020), que as várias manifestações de violência contra a mulher passarão a ser concebidas como um fenômeno de ordem pública e, conseqüentemente, demandarão maior implicação de ações governamentais. Sendo assim, em razão da pressão social vigente naquele contexto, passa-se a reconhecer a necessidade de se instituírem políticas públicas, cujo objetivo fosse a proteção de mulheres em situação de violência – o que acompanhou a instauração de marcos legais e institucionais, à época, com vistas a viabilizar medidas de enfrentamento à violência doméstica.

Como apontam os autores citados acima, inicia-se, então, em 1985, a implantação de medidas de combate à violência contra as mulheres. O ponto de partida se dá com a inauguração da primeira Delegacia de Defesa da Mulher, seguida pela instituição do projeto intitulado “Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher”, até alcançar, em 2006, a promulgação da Lei nº 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha. Tida como marco notório na rede de enfrentamento à violência contra as mulheres, essa lei foi promulgada com a intenção de coibir a violência doméstica e familiar (Curia et al., 2020).

O conceito de violência doméstica contra a mulher, tal como definido pela Lei nº 11.340/06, estabelece que essa violência ocorra no contexto da relações de gênero (a mulher que se torna vítima por ser mulher), que aconteça no âmbito doméstico e que se refira a qualquer relação afetiva da mulher. Da mesma forma, a Lei Maria da Penha legisla sobre instrumentos de assistência e de proteção disponibilizados às mulheres em situação de violência doméstica, bem como categoriza os tipos de violências perpetradas contra elas, assim definidas:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Lei nº 11.340, 2006, capítulo II).

Segundo Razer e Falcke (2017), as modalidades de violência e sua intensidade tendem a variar nas relações conjugais, de forma que ela pode ser considerada a partir de um viés cíclico, progressivo e relacional. No intento de compreender as interações conjugais marcadas pela violência, Walker (1979), concebe o ciclo da violência, como composto por três fases, que ela assim denomina: *aumento da tensão*, *fase da explosão* e *lua de mel* – as quais tendem a se repetir de forma cíclica, a cada ato violento cometido pelo agressor.

Em um primeiro momento, na fase de *aumento da tensão*, evidencia-se uma conjugalidade atravessada por desentendimentos e incidentes de menor intensidade – considerados, sob controle, pelos cônjuges – bem como uma anulação das vontades próprias da mulher, que, por temer um possível conflito, tende a anular a si mesma, valendo-se de justificativas que minimizariam o comportamento violento do parceiro. Em seguida, na *fase da explosão*, tem-se o acontecimento agudo do ciclo, em que a agressão se torna mais grave, sendo, até mesmo, impulsionadora para que a vítima recorra à denúncia e busque por auxílio. Já a fase da *lua de mel* é perpassada pela promessa de mudança no comportamento do agressor, prontamente encampada pela mulher – enviesada pela idealização da relação (Walker, 1979).

A compreensão da dinâmica acima descrita ganha relevância nesta pesquisa, na medida em que se busca conhecer os motivos que sustentariam a escolha de mulheres em situação de violência, de não alterar o funcionamento da relação com o parceiro. Contudo, conforme abordado por Chagas (2019), é essencial ressaltar a necessidade de aprimorar a compreensão da dinâmica das relações violentas e do ciclo da violência, considerando a singularidade de cada mulher.

Como apontam Gregoleti, Paula e Kodato (2017), apesar dos notórios avanços no que compete à alçada jurídica, que legisla sobre a garantia de direitos às mulheres em situação de violência e de avanços no funcionamento social, que indicam maior conscientização e visibilidade social, ainda se encontram entraves que impedem uma mudança na atual conjuntura, como a cultura do silêncio e a submissão da mulher.

Essa disparidade ocorreria na medida em que, ao mesmo tempo em que são viabilizadas possibilidades para se debater sobre o fenômeno da violência contra a mulher, evidencia-se uma inclinação do corpo social a considerar as relações amorosas fundadas em valores conservadores, compartilhados socialmente e atravessados por uma lógica religiosa, moral e patriarcal. Dessa perspectiva, entende-se que tal movimento é consonante à manutenção, no imaginário social, de uma estrutura familiar tradicional e idealizada, na qual se incumbe a mulher do cumprimento de tal ideário – pouco importando se a dinâmica conjugal é perpassada por violência ou não.

Na mesma direção dessa conjuntura, que reflete os papéis sociais esperados da mulher no cenário social, Zanello (2018) postula que, culturalmente, a subjetivação das mulheres ocorre por meio de duas principais vias: o dispositivo amoroso e o dispositivo materno. No dispositivo amoroso, as mulheres tendem a se subjetivar em uma relação consigo mesmas a partir de um homem que as “escolha”. Esse processo é explicitado pela metáfora da “prateleira do amor”, a qual é regida por um ideal estético que impacta as mulheres. Assim, sentir-se sujeita à seleção nesta prateleira, na condição de objeto de escolha, implica em uma construção que, na medida em que desempodera afetivamente as mulheres, garante maior poder aos homens – aos quais cabe a avaliação física e moral dessas mulheres.

O amor seria, então, fundamento identitário para as mulheres, em que ser escolhida por um homem, implicaria na sua validação como mulheres (Stevens et al., 2017), de modo que seria, então, naturalizado submeter-se a diversas formas de violência por amor.

Da mesma forma que o dispositivo amoroso é reforçado cotidianamente pelas imposições aos gêneros, também o é por meio do dispositivo materno, que versa sobre outra forma de ser mulher na cultura: a função de cuidado com tudo o que remete ao espaço doméstico e à criação dos filhos. A partir dessas vias de subjetivação, é reforçada a díade maternidade-domesticidade, tida como um dos motivos que incidem no posicionamento da mulher de sustentar a relação amorosa violenta (Stevens et al., 2017).

Considerando o levantamento bibliográfico de estudos em psicologia referentes à temática da violência contra as mulheres, observou-se que, apesar de muitos discutirem os impactos da relação amorosa violenta e/ou os motivos que justificariam a permanência ou saída do vínculo, bem como os que dificultariam a denúncia, são poucos os que são voltados a analisar o discurso de mulheres vítimas de violências, a partir de seus próprios depoimentos/relatos publicizados em plataformas digitais. Da pesquisa feita, destaquem-se Lima e Werlang (2011), que discorrem sobre o efeito traumático da exposição à violência na subjetivação psíquica – o que tende a associar um quadro de repetição de comportamentos violentos, outrora acontecidos na cena familiar, à escolha amorosa conjugal.

Já Curia et al. (2020), expõem em seus estudos os prejuízos físicos, psíquicos e sociais que acometem as mulheres, os quais, segundo nossas observações até então, são inúmeros e consideráveis. Também, encontraram-se pesquisas sobre os motivos que levariam à permanência das mulheres nos relacionamentos, como a de Custódio e Tavares (2022), que apontam, como motivos, a falta de apoio, a culpa, o medo, a vergonha de buscar ajuda e a (re)vitimização.

Como já apresentado anteriormente, não são poucas as mulheres que, apesar de poderem se valer de leis e dispositivos de proteção de seus direitos diversas mulheres encontram dificuldades para alterar a dinâmica de relacionamento com o companheiro agressor, sustentando, por muitas vezes, a relação conjugal violenta. Nesse sentido, assim como Soares e Tachibana (2022) destacam, não se trata de incriminar ou culpabilizar a mulher pela violência à qual foi submetida, mas de pensar sobre a sua coparticipação no vínculo – evidentemente, não a colocando em uma posição simétrica ao agressor, mas trazendo à tona a sua posição de sujeito implicado com a própria história.

Para Chagas (2019), trata-se de uma questão ética, seja para a psicologia, seja para a psicanálise, a responsabilização do sujeito por suas próprias escolhas –

conscientes ou não. Em outras palavras, trata-se de implicar o sujeito, nesse caso as mulheres, nas situações que vivencia. Destaque-se que não se está propondo responsabilizar as vítimas pela própria violência à qual foram expostas, mas sim que se possibilite a elas um movimento de reconhecimento da dimensão de sua responsabilidade nas situações vivenciadas, convocando-as ao exercício de lidar com seu próprio inconsciente e de se responsabilizarem por si mesmas.

Dessa forma, tomar como princípio a perspectiva de mulheres vítimas de violências nas relações amorosas poderem, elas mesmas, elaborar sua narrativa, pressupondo-se que, em seus modos de dizer a própria vivência, possam se enxergar de um ponto de vista capaz de ampliar sua interpretação do lugar que ocupam/ocupavam na relação constitui um dos principais interesses desta pesquisa. Tal perspectiva, assumida como hipótese principal deste trabalho, teve a intenção de propiciar, também, que se identificassem, pela análise desenvolvida, os elementos que sustentariam, no discurso, as escolhas e não-escolhas dessas mulheres, quanto a manter ou romper o relacionamento amoroso identificado como violento.

Afinal, como aquelas que sentem a violência “na pele” têm significado a própria vivência? O que dizem disso?

Dessa maneira, estabeleceu-se, como **objetivo geral** o mapeamento, por meio da análise de depoimentos/relatos coletados em plataformas digitais, de discursos de mulheres vítimas de violências em suas relações amorosas, quanto à sua leitura da própria experiência, procurando-se identificar seus modos de dizer e sua compreensão da dinâmica relacional.

Já como **objetivos específicos**, buscou-se identificar, em cada depoimento/relato analisado, e quando possível, se e como ocorreu o processo de reconhecimento de si como uma vítima de violência; verificar a ocorrência de fatores identificados pelas próprias mulheres como disparadores das situações de violência; e delinear como figuram, nos depoimentos analisados, as expectativas iniciais quanto ao relacionamento, confrontadas com o desenrolar da experiência concreta.

2 METODOLOGIA

2.1 Do método

O método da análise institucional do discurso, proposto por Guirado (1986, 2010), não só constitui um modelo de tratamento dos dados coletados, mas uma estratégia de pensamento que orienta toda a pesquisa. Configura-se como um instrumento de análise qualitativa, que permite a compreensão de que/quais discursos estão em circulação em um dado contexto discursivo, no qual se implicam sujeitos e suas relações.

Trata-se de um método voltado ao desenvolvimento de um modo de pensar e atuar em psicologia, capaz de compreender a vida institucional como matriz de toda subjetividade e de articular uma concepção específica de análise e discurso. É nas instituições – entendidas como os distintos modos de se configurarem as relações humanas – e por elas, que circulam os discursos que instituem lugares e práticas que se repetem e se legitimam. Ressalte-se, ainda, a estruturação do método por meio de seus quatro conceitos fundamentais: sujeito psíquico, instituição concreta, discurso e análise.

O sujeito, psíquico, está sempre posicionado, imaginariamente, na relação com os outros; a singularidade que o caracteriza não constitui o único ou exclusivo elemento para a compreensão desse conceito, dado que todo sujeito é, segundo Guirado, matriciado institucionalmente, o que garante sua compreensão como um sujeito de relações e laço social. A instituição, assim, não se refere a um espaço físico intitulado sob qualquer denominação, ou como uma entidade social sem a presença de sujeitos, seus atores concretos que também a concretizam. Ela se refere à e é definida por ser um conjunto de práticas sociais que se repetem (em tempos e espaços específicos) e que se legitimam justamente por essa repetição.

Já o discurso, componente fundamental nessa abordagem, pode ser tomado como ato, não como veículo de qualquer sentido exterior a ele. Nesse sentido, o discurso é entendido como, e é, relação humana, nas diversas condições de possibilidade que tal expressão evoca. Ao mesmo tempo em que diz do como é instituído, o discurso também institui relações. No plano dos enunciados, o discurso pode ser compreendido por duas dimensões que o constituem: a dimensão do que se explicita por meio do ato de se dizer algo e a dimensão do que é mostrado e se encontra implícito na própria organização dos modos de dizer. Assim, o discurso, posto em circulação pelos sujeitos, permite que se identifiquem modos de pensar e de agir,

justamente pela leitura das formas de relação que ocorrem em determinado âmbito (instituição) e pela análise dos discursos que ali se presentificam.

A análise, por sua vez, entendida como uma desmontagem do objeto e de sua “remontagem”, figurará, quando análise de discurso, como um novo discurso, produzido por meio dos recursos singulares de cada analista e, ao mesmo tempo, pelos recursos compartilhados que o marcam como sujeito.

Destaque-se, por fim, que é pela análise que se identificam as posições ocupadas pelo sujeito nas relações – sujeito este que pode, até mesmo, nem se dar conta disso, produzindo, dessa forma, um efeito de desconhecimento/reconhecimento de seus próprios dizeres, o que se encontra na base de toda naturalização de elementos que, evidentemente, são datados, historicamente e carregam, em si, as marcas de uma época, um recorte social e cultural.

2.2 Procedimentos:

A coleta dos dados foi realizada na plataforma digital *YouTube*, em função de considerá-la como uma fonte de busca potente em relação ao alcance do conteúdo publicado, assim como o fácil acesso a ela.

Assim, os termos de busca eram: “relatos de mulheres vítimas de violência doméstica”, “depoimentos de mulheres vítimas de violência doméstica”, “depoimentos de mulheres vítimas de violência nas relações amorosas”, “relatos de relacionamento abusivo” e “depoimentos de relacionamento abusivo”. Ressalte-se que, de início, priorizou-se “violência doméstica” como expressão-chave, no entanto, incluiu-se o termo-chave “relacionamento abusivo”, em função de se observar a larga utilização, socialmente, dessa nomenclatura para se referir ao fenômeno da violência contra a mulher nas relações amorosas.

Inicialmente, foram coletados 30 vídeos, considerando sua relação com o tema e o critério de que contemplassem o recorte da pesquisa, quanto à condição de que as mulheres estivessem falando de si e da experiência vivida. Foram selecionados, para transcrição e análise, os vídeos que apresentavam o mínimo de cortes e/ou edição, garantindo o fluxo espontâneo do depoimento da mulher. Por outro lado, foram descartados aqueles cujas marcas de cortes na edição eram evidentes e que afetavam a narrativa espontânea das mulheres, assim como o material produzido no formato de entrevistas dirigidas.

Dessa forma, cinco vídeos foram selecionados. Deles, um compunha um conjunto de vídeos de um canal de contação de histórias¹ e os outros quatro eram gravações postadas pelas próprias mulheres em seus canais. Uma vez selecionados, transcreveu-se o áudio de cada vídeo, de modo a se obter um texto corrido, no qual buscou-se registrar, também, as pausas, os silêncios, repetições, enfim, as entonações próprias da linguagem oral, por meio dos recursos gráficos de pontuação.

Cabe assinalar que se priorizou por transcrever os depoimentos da maneira mais semelhante possível ao discurso oral, mantendo-se eventuais conjugações verbais sem conformidade com a norma dita culta, os vícios de linguagem, bem como os termos regionais. Da mesma forma, tratando-se de depoimentos que continham marcas de edição textuais, optou-se pela transcrição idêntica ao registro escrito da depoente.

Embora trate-se de conteúdos de acesso público, optou-se pela abreviação dos nomes das mulheres depoentes como, também, qualquer outra menção a elementos que pudesse permitir algum tipo de identificação em seus relatos (nome de cidade, nome de terceiros etc.). Ressalta-se que a íntegra das transcrições dos vídeos analisados, bem como as análises individuais, encontra-se no apêndice deste trabalho.

A análise do material transcrito foi realizada a partir dos conceitos básicos da análise institucional do discurso. Cada discurso foi analisado individualmente e depois em conjunto com os demais. Desse procedimento, esperava-se obter elementos recorrentes e singulares que se destacassem por sua configuração discursiva, criando-se, assim, categorias temáticas advindas do processo.

Em um primeiro momento, tomava-se o discurso configurado pela transcrição de cada um dos vídeos, individualmente e, para sua análise, observavam-se os modos particulares de cada enunciativa/locutora dizer da experiência vivida na(s) sua(s) relação(ões) amorosa(s). Na sequência, tomava-se o conjunto dos cinco vídeos não como um discurso único, mas como uma produção discursiva relativa à experiência de mulheres em situação de violência na relação amorosa. Esse procedimento era possível na medida em que se buscavam, a partir das narrativas individuais, termos, expressões, sentidos recorrentes, de modo que tal repetição em mais de um discurso fazia surgir categorias temáticas em torno das quais organizava-se o texto de análise, como veremos a seguir. Lembre-se, por fim, que, olhados por perspectivas metodológicas distintas da aqui assumida, o que se denomina ‘modos de dizer’ pode ser aproximado da estrutura

¹ O canal é intitulado “ter.a.pia”, em que as pessoas participantes contam sobre suas histórias pessoais enquanto lavam louças.

da narrativa, dado que cada mulher estava a contar, de maneira pessoal e singular, a sua própria história.

Considerando, ainda, que toda produção discursiva se apoia em gêneros discursivos que também contam dos tipos de relação que se estabelecem entre os diversos atores em um dado contexto institucional, entende-se, aqui, que, dada a destinação dos vídeos a um público supostamente amplo e anônimo, como o que compõe a audiência das redes virtuais, o gênero discursivo que nos pareceu melhor traduzir a posição em que as responsáveis pelos vídeos se colocavam é o depoimento.

Dado o método adotado, o número de documentos analisados não constitui o elemento central e, sim, a assunção de que os discursos configuram, ao mesmo tempo, aspectos subjetivos e institucionais, de modo que a produção discursiva a ser analisada conforma não somente a percepção de si, relativa às mulheres, como os modos de relação intersubjetiva própria à dinâmica das relações institucionais. Assim, os modos de dizer de sua experiência ou o posicionamento de cada mulher constituirão aspectos dignos de atenção, nos estudos com esse recorte.

3 ANÁLISE

Este capítulo apresenta o resultado do processo de análise do material, tal como já descrito anteriormente. (Vide p. 11)

Recorde-se que, a partir dos procedimentos adotados, obtiveram-se categorias temáticas que emergiram da observação de recorrências e singularidades relevantes resultantes, primeiramente do processo em que se analisaram os discursos, um a um e, depois, da organização das recorrências identificadas na análise conjunta desses discursos. Dessa forma, apresenta-se, a seguir, recortes dos discursos individuais, organizados em categorias temáticas e sua respectiva análise; categorias essas configuradas pela presença recorrente de termos, expressões, sentidos (enfim, modos de dizer) nos discursos e, ainda que não recorrentes, por sua relevância para a pesquisa.

3.1 O começo do relacionamento

Assim como, talvez, o “era uma vez” das tradicionais histórias contadas às crianças, “o começo”, enunciado nesses discursos, para além de criar a expectativa própria a um gênero de discurso que incorpora a estrutura de uma narrativa, parece evidenciar a posição ocupada pelas mulheres quanto aos modos de estabelecerem seus vínculos amorosos.

“No começo, eu não tinha nada a reclamar, de verdade, eu tava feliz com ele. Não era ruim, não era ruim porque eu ainda não tava passando pelo que eu passei. As coisas foram se intensificando de uma tal maneira, sucessivamente. Ao longo do tempo, foi ficando pior” [DEP03-05, grifos nossos]

“Bom, gente, então, tudo começou de uma forma bem romântica, tá? [...] A pessoa é um príncipe encantado, quer te agradar de todas as formas, não vai de cara mostrar o outro lado dela, sabe? [...] Eu me vi completamente apaixonada” [DEP05-04, grifos nossos]

Tome-se, de início, o primeiro recorte discursivo: “No começo, eu não tinha nada a reclamar, de verdade, eu tava feliz com ele”. Encontra-se explícita, aqui, tanto uma ausência de queixas (“eu não tinha nada a reclamar”) quanto uma experiência de felicidade (“eu tava feliz com ele”). Por outro lado, encontra-se implícita (uma situação não dita, mas mostrada), que indica ter havido outro momento, distinto daquele do começo, em que não ter nada a reclamar e estar feliz com o companheiro já não tinha lugar. Caso contrário, não haveria por que criar um marco de referência – “no começo” – a não ser contrariando as leis mais básicas da enunciação.

Já em “*Não era ruim, não era ruim porque eu ainda não tava passando pelo que eu passei*”, a expressão “*não era ruim*” confere ao relacionamento um atributo não ruim. Culturalmente, dizer de algo que não é ruim pode equivaler a mostrar, sem dizer, que bom esse algo também não seria, já que, se assim fosse, isso teria sido enunciado de forma explícita.

Observa-se que passar pelo que ela passou “[...] *não era ruim porque eu ainda não tava passando pelo que eu passei*”, modificaria a condição inicial de não reclamar e estar feliz e, por isso, “*não era ruim*”.

Já no segundo recorte: “*Então, tudo começou de uma forma bem romântica, tá? [...] A pessoa é um príncipe encantado*”, observa-se que é atribuída uma qualidade “romântica” ao início do relacionamento, o que permite hipotetizar, que a “*forma bem romântica*” sugere gestos de amor, cuidado, atenção com a outra pessoa. Em “*A pessoa é um príncipe encantado*”, subentende-se que ao parceiro são conferidos atributos que o aproximariam de uma figura comum a contos de fadas e narrativas amorosas: o “*príncipe encantado*” – este seria reconhecido por sua beleza, gestos nobres, cavalheirismo, bondade. Tais atributos, em conjunto, sugerem um alto grau de idealização desse parceiro amoroso.

Dessa forma, o recorte discursivo aponta para um “*começo*” do relacionamento atravessado por uma idealização do parceiro e da relação, dado que a “*forma bem romântica*” que marca esse início já nos sugere uma idealização amorosa do que se esperaria da relação: gestos de amor, cuidado, atenção etc.

Nos dois casos, em que se narra como o relacionamento teve início, pode-se subentender, pela análise, que certamente houve um momento, posterior a esse “*no começo*”, em que ocorre alguma mudança na dinâmica do relacionamento que, retroativamente, permite identificar que “*no começo*”, em que uma relação atravessada por “*eu não tinha nada a reclamar, de verdade, eu tava feliz com ele*” e por se ver “*completamente apaixonada*” por “*um príncipe encantado*”, via-se a relação de modo distinto a outros momentos, quando “*Ao longo do tempo, foi ficando pior*”.

Destaquem-se, também, objetivos e expectativas vinculados ao estreitamento dos laços, pelo casamento:

“*Eu casei foi pra viver. Eu casei pra ter minha família, pra ter meus filhos, pra ter um lar, pra ter paz, pra ter um almoço de domingo*” [DEP02-07, grifos nossos]

É possível hipotetizar a existência de idealizações que permeiam a posição ocupada por elas, quanto à forma de estabelecerem seus vínculos amorosos. Observa-se que em “*Eu casei foi pra viver. Eu casei pra ter minha família, pra ter meus filhos, pra ter um lar, pra ter paz, pra ter um almoço de domingo*”, “*eu casei foi pra...*” sugere que o ato de se casar, no discurso, está sendo posto como um meio para se obter algo, como uma instância que propiciaria à mulher conseguir o que não tinha até então: viver, ter família, ter filhos, ter um lar, ter paz, ter um almoço de domingo. Assim, a mulher enunciaria sobre suas expectativas com o casamento.

É interessante notar como, nesse recorte discursivo, viver, ter família, ter filhos, ter um lar, ter paz, ter um almoço de domingo são colocados no mesmo nível e vinculados ao ato de casar-se, quando, a rigor, não é necessário ter um casamento para se atingir essas finalidades, de forma que, até mesmo, ter filhos e ter família, também não depende de se casar. Aqui, o interesse parece apontar não para um parceiro específico, mas para o casamento em si e no que ele eventualmente proporcionaria a ela. É se de perguntar, então, em que medida que ela coloca como objetivos do casamento elementos cuja ausência ela se ressentia na vida dela até o momento em que se casa. É possível supor que ela identifica não ter obtido esses aspectos antes do casamento.

Cabe apontar, também, nessa temática, o recorte de um dos discursos analisados, que, embora não se refira ao início do relacionamento com o companheiro-agressor, conta sobre o início de um novo relacionamento:

*“E eu conheci uma **pessoa incrível na minha vida**, é.... uma pessoa que me respeita, que me trata como uma mulher [...] Ele é uma pessoa incrível, ele **foi a melhor coisa que me aconteceu na minha vida**” [DEP01-025, grifos nossos]*

Considerando esse modo de dizer, evidencia-se um parceiro depositário de expectativas e ideais, ao qual são conferidos atributos que o qualificam como “*uma pessoa incrível*” e “*a melhor coisa que me aconteceu na minha vida*”. A partir disso, considera-se que, apesar de ter sido agredida em outro momento, permanece no ideário dessa mulher características acentuadamente boas em um novo companheiro, o qual por respeitá-la e tratá-la *como uma mulher*, recebe o título de “*uma pessoa incrível*”.

3.2 A violência em ato

Dentre outros aspectos, a análise nos permitiu agrupar recortes dos discursos analisados em torno das semelhanças quanto às formas de violência descritas:

“Ele me agrediu muito, ele me bateu muito, me jogou contra a parede, me agrediu muito naquela noite” [DEP01-017, grifo nosso]

“Eu levava cuspidas na cara, eu levava chutes. A última taca, que foi com cano de ferro, cabo de vassoura, o que tinha na mão.[...]” [DEP02-10, grifo nosso]

“E ele veio em minha direção e pegou essa frigideira. E quando ele veio pra me jogar o óleo quente, eu abaixei, e o óleo pegou na parede [...]” [DEP04-03, grifo nosso]

“Nesse dia, ele pegou um pau de guarda-roupa, sabe? [...] Ele pegou esse pau e ele correu atrás de mim, pra me bater com esse pau, porque eu tava discutindo com ele, sabe?” [DEP05- 026, grifo nosso]

Observa-se haver maior referência às agressões físicas sofridas (“*Me bateu muito, me jogou contra a parede*”; “*Eu levava cuspidas na cara, eu levava chutes*”; “*Ele pegou esse pau e ele correu atrás de mim, pra me bater com esse pau*”). Apesar disso, encontra-se explicitado, no discurso, que, concomitante à agressão física, outras violências eram frequentes:

“Falando que eu era feia, que eu era aquilo. E eu sempre colocava na minha cabeça: ‘Poxa, ele tem razão, sabe?’ [...] Eu não sou bonita, eu sou feia.” [DEP01-010, grifo nosso]

*“Porque são muitas marcas, são muitos, muitos ferimentos – e fora que as **marcas psicológicas** são as mais duras. Essas doem na alma, você não supera da noite pro dia.” [DEP02-13, grifo nosso]*

*“Eu descobri que ele ainda estava me **traindo** com uma menina, é a mesma menina com quem ele estava me traindo quando eu estava grávida” [DEP03-015, grifo nosso]*

*“O teu brilho vai apagando. **Tudo aquilo que você faz, a pessoa crítica**” [DEP04-01, grifo nosso]*

*“Então, aí começou as **humilhações, os gritos, os xingos**, aí que eu comecei a ver quem ele realmente era” [DEP05- 006, grifo nosso]*

*“Então, isso me **abalava muito, psicologicamente**. Minha autoestima era lá no chão” [DEP05- 010, grifo nosso]*

Posto isto, constata-se que as principais queixas, para além das violências físicas, envolvem terem sido traídas (“*Ele ainda estava me traindo com uma menina*”), terem que lidar com prejuízos psicológicos (“*Fora que as marcas psicológicas são as mais duras*”), serem humilhadas (“*Aí começou as humilhações, os gritos, os xingos*”), serem inferiorizadas (“*Tudo aquilo que você faz, a pessoa crítica*”) e serem depreciadas (“*Falando que eu era feia, que eu era aquilo*”).

Destaque-se, também, que as violências cometidas estão associadas a uma dominação do homem sobre a mulher. Vejamos:

“*O que eu fiz foi ser eu mesma. **Eu obedeci... e ele sabe disso**” [DEP02-02, grifos nossos]*

“*E a gente brigava e sempre ele era o maior na discussão, né? Eu tentava falar as coisas, mas ele sempre vinha e, sabe, acabava comigo*” [DEP05- 025, grifos nossos]

Em “*Eu obedeci... e ele sabe disso*”, a mulher, obediente, está colocada em uma condição, que ela mesma reconhece, de submissão ao parceiro. Ora, toda obediência pressupõe algum tipo de submissão, voluntária ou não, a alguém que, necessariamente, figura na relação como quem manda, determina, domina. Logo, teria o reconhecimento de que o autor da violência ocuparia a posição de quem manda no relacionamento, o que implica em uma relação de dominação explícita e reconhecida por ela.

Também, ao enunciar que “*O que eu fiz foi ser eu mesma. Eu obedeci*”, entende-se que ao afirmar ter sido ela mesma e ter obedecido, a mulher estaria vinculando ser ela mesma ao ato de obedecer. Sendo assim, parece que ser mulher, para ela, seria intrínseco ao ato de obedecer.

Ainda nesse sentido, enunciar que “*Sempre ele era o maior na discussão, né? Eu tentava falar as coisas, mas ele sempre vinha e, sabe, acabava comigo*”, promove a aproximação desse trecho discursivo à dominação do homem sobre a mulher, quando, ao relatar que ao tentar se impor (“*Tentava falar as coisas*”), era diminuída e alvo de possíveis violências (“*Acabava comigo*”).

3.3 “Eu senti na pele”

Observe-se como, ao se posicionar em relação às violências sofridas, as mulheres tendem a relatar os motivos de elas terem ocorrido, citando como disparadores situações por elas identificadas:

“*Eu era agredida por eu andar de moto e **ficar se mexendo na moto**, atrás, enquanto ele pilotava, porque eu não ficava tipo durinha na moto. Eu era agredida por eu não ter feito um pão, que era **minha obrigação de mulher** [...] Eu era agredida por várias coisas nada a ver, sabe?” [DEP01-09, grifos nossos]*

“*Eu senti na pele o que é ter um **homem ciumento** assim. Possessivo*” [DEP02-16, grifo nosso]

“*As **crises de ciúmes** não estavam tão intensas, mas ele ainda continuava, quando tinha os **surtos dele**, ele continuava a levantar a mão pra mim*” [DEP03-017, grifo nosso]

“*Ele **tava muito agressivo**. Então, me empurrou várias vezes depois que eu voltei do banheiro*” [DEP05-022, grifos nossos]

As construções discursivas acima permitem que se entenda a associação do ato violento a características pessoais do parceiro, tal como identificadas nos relatos dessas mulheres: *“um homem ciumento”*; *“tava muito agressivo”*; *“ele era uma pessoa totalmente bipolar, descontrolada, agressiva”*. Assim, supõe-se que a violência estaria sendo tomada como decorrente dessas características que influem em comportamentos violentos – e banalizados – dos autores da violência.

Do mesmo modo, o ciúme é identificado como um elemento disparador de atos violentos: *“As crises de ciúmes não estavam tão intensas, mas ele ainda continuava, quando tinha os surtos dele, ele continuava a levantar a mão pra mim”*, em que não só as crises de ciúmes, mas também *“os surtos dele”*, dos quais não se têm informação, seriam razões para as agressões acontecerem: *“levantar a mão pra mim”*.

Observe-se o recorte discursivo DEP01-09, em que é possível identificar, como desdobramento do enunciado (subentendido), que a violência cometida seria decorrente de a mulher *“não ter feito um pão”*, o que estaria atrelado ao não cumprimento de sua *“obrigação de mulher”*. Aqui, da mesma forma que, como *“ciumento”* e *“agressivo”* seriam atributos intrínsecos ao homem, à mulher estaria reservada a tarefa de responder pelo espaço doméstico (*“fazer um pão”*, por exemplo). O não cumprimento dessa tarefa seria argumento para que o parceiro a agredisse.

3.4 *“Ele me fazia me sentir culpada”*

Dentre vários afetos possíveis, suscitados pelas situações de violências vividas pelas mulheres, a culpa é um dos que comparece de forma mais regular e explícita nos enunciados. O sentimento de culpa parece ser aquele que se faz mais presente nos discursos analisados, o que possibilita que se questione de que forma essa culpa é suscitada e sustentada ao longo da relação. Conforme veremos a seguir, vários dos episódios de agressão eram seguidos da tentativa, quase sempre bem-sucedida, por parte do parceiro, de colocar na própria mulher a responsabilidade por estar sendo agredida:

“[...] ele sempre jogava pra mim e falava: “Você é a culpada, você está apanhando porque você é a culpada, porque é sua obrigação fazer isso, porque é sua obrigação fazer aquilo”. Eu sempre me sentia culpada, realmente me sentia culpada” [DEP01-09, grifos nossos]

“[...] falava que eu era a culpada por tudo. É isso que acontece. É de tentar jogar pro outro a culpa, a culpa de ‘Ah, eu te bati, eu perdi a cabeça, porque tu falou aquilo’” [DEP02-03, grifos nossos]

*Eu sempre queria estar agradando de alguma forma, porque **ele me fazia me sentir culpada pela reação dele***” [DEP05- 009, grifo nosso]

É de se pensar se, na medida em que haveria um movimento, por parte dos autores da violência, de responsabilizá-las pelas violências sofridas, as mulheres estariam assumindo, para si, a culpa pelo comportamento violento do parceiro (“*Eu sempre me sentia, realmente me sentia culpada*” [DEP01-09]). Supõe-se que assumem a culpa para si sem se darem conta de que estão sendo impactadas por outros afetos – raiva, ódio, vontade de esquecer o que aconteceu.

Ainda, o sentimento de culpa assume outro sentido, quando, acompanhado por uma leitura retroativa da relação que as mulheres só conseguem fazer após terem saído da mesma, é enunciado com ditos como: “*o meu erro foi*”, em que elas assumem outra posição em relação a como agiram no momento das agressões, identificando, agora, o que antes não identificava:

*“Eu acho que **o meu erro foi** não ter denunciado as agressões, sabe? Eu vim embora e não denunciei.”* [DEP01-023, grifo nosso]

*“E eu perdoei ele. **E o meu erro foi** ter perdoado a primeira agressão dele. E depois dessas, as agressões só aumentaram, sabe?”* [DEP01-008, grifo nosso]

*“Até porque tinha sido a primeira vez, eu achei: “Vamos dar uma chance”. **É o erro da gente**. É dar uma chance, porque a gente sabe que vai acontecer de novo, mas a gente dá uma chance, pensando que não vai acontecer, mas vai lá e acontece”* [DEP03-013, grifo nosso]

Nos recortes acima, observa-se que, com “*o meu erro foi*”, não foi preciso o movimento de um terceiro (o parceiro) de responsabilizar as mulheres por algo, mas que elas mesmas estão se responsabilizando por uma conduta: “*não ter denunciado as agressões*”; “*ter perdoado a primeira agressão*” e “*É dar uma chance*”.

Assim, o *erro* estaria atrelado a terem perdoado a agressão (“*O meu erro foi ter perdoado a primeira agressão dele*”), a terem cedido, naquele momento, e – assim como acreditado na suposta mudança do autor da violência – terem continuado a investir na relação (“*É dar uma chance, porque a gente sabe que vai acontecer de novo, mas a gente dá uma chance, pensando que não vai acontecer*”).

3.5 Ficar ou ir embora?

Os elementos presentes nos discursos e os modos como as mulheres dizem o que as levaria a não alterar a dinâmica da relação amorosa, permanecendo no

relacionamento, configuram uma categoria recorrente, em que se constata o dilema de ficar ou ir embora da relação. É explícito nos discursos, que, ao enunciarem o porquê de manter o vínculo, as mulheres dizem, dentre outros motivos que serão discorridos adiante, sobre acreditarem na eventual mudança do companheiro:

*“Muitas pessoas perguntavam assim: ‘Mas, S.C, por que tu continua?’ Eu respondi anteriormente: porque **eu acreditava na mudança** e acreditava no casamento, acreditava na família.” [DEP02-11, grifo nosso]*

*“**Acreditei que ele ia mudar**, não ia fazer mais aquilo [...]” [DEP05- 008, grifo nosso]*

*“**Eu acreditava nele, eu queria dar mais uma chance**. E eu sempre me vi, eu sempre achava que quem tava errado era eu [...]” [DEP05- 015, grifo nosso]*

*Ao mesmo tempo, a gente gosta da pessoa, ama a pessoa, **a gente acredita que ela vai mudar, sabe?**” [DEP05- 015, grifos nossos]*

Observa-se que acreditar na eventual mudança do parceiro – que se entende como uma possível retomada de uma postura marcada por atos não-violentos, demonstrada outrora (no início do relacionamento) – seria decorrente de amar o autor da violência (*a gente gosta da pessoa, ama a pessoa*), em que “a gente”, como sujeito, aponta para uma tentativa de diluição da implicação individual, convertendo-a em coletiva: como se todas as pessoas, em condição semelhante à sua, tenderiam a acreditar na mudança da pessoa amada. Ao mesmo tempo, com “*eu queria dar mais uma chance*”, supõe-se que há um reconhecimento da própria escolha/ responsabilização pela situação vivida.

A crença na mudança do companheiro é acompanhada pela expectativa de não ser mais agredida: “*não ia fazer mais aquilo*”. Assim, observa-se que a escolha por sustentar a relação com o parceiro-agressor também está associada ao desejo de não estar mais na condição de vítima de violências:

*“Mas o que as pessoas às vezes não se dão conta é que você, às vezes, fica numa situação dessa na esperança de... **Na esperança de nunca mais apanhar** [...]” [DEP04-11, grifos nossos]*

A expectativa da mudança do autor das violências e de não ser mais vítima dessas violências (“*Na esperança de nunca mais apanhar*”), estão, também, atreladas ao desejo de que reestabelecer a relação, como mostrado em:

*“Mas o que as pessoas às vezes não se dão conta é que você, às vezes, fica numa situação dessa na esperança de [...] **Na esperança de você reestabelecer a sua relação**” [DEP04-11, grifos nossos]*

[...] ***Eu quero que meu relacionamento dê certo. Onde eu tô errando?*** [DEP05- 015, grifo nosso]

Considerando os recortes acima, pode-se afirmar que as expectativas de mudança do companheiro, de não ser mais vítima de violências e de reestabelecer a relação permeada pela violência (“*Na esperança de você reestabelecer a sua relação*”; “*Eu quero que meu relacionamento dê certo*”) remete à fantasia das mulheres de transformar a relação e/ou voltar ao que era antes, o que seria mobilizado pelo ideal romântico propagado culturalmente. Ainda, entendendo que, apesar das violências que atravessam esses vínculos amorosos, há a intenção de dar seguimento à relação (“*Eu quero que meu relacionamento dê certo*”), poder-se-ia supor que as mulheres não queriam romper as relações, mas, sim, que as violências que as permeiam acabassem (“*Na esperança de nunca mais apanhar*” - [DEP04-11]).

Dando seguimento, observa-se que também é recorrente nos discursos que prezar pela família, pelo casamento e pelos filhos seria um elemento influente no posicionamento da mulher de manter-se na relação. Vejamos:

*“Muitas pessoas perguntavam assim: ‘Mas, S.C, por que tu continua?’ Eu respondi anteriormente: porque eu acreditava na mudança e **acreditava no casamento, acreditava na família.**”* [DEP02-11, grifos nossos]

*“Várias vezes, me permiti esquecer o que tinha acontecido para **poder continuar com ele por conta da I.*** [filha].” [DEP03-016, grifos nossos]

É de se pensar se *continuar* em um vínculo amoroso marcado por uma dinâmica violenta em razão de “*acreditar no casamento e na família*”, bem como *esquecer* as violências “*pela filha*”, não estaria associado ao que se espera das mulheres na sociedade ocidental: de zelo pela maternidade e pelo ideal de família historicamente repassado entre as gerações (de mulheres).

Observe-se, também, como nos recortes discursivos a seguir, que as mulheres tenderiam a permanecer na relação por tomarem para si um discurso depreciativo do parceiro sobre elas:

*“E eu ficava... falando que eu era feia, que eu era aquilo. E eu sempre colocava na minha cabeça: ‘**Poxa, ele tem razão, sabe?**’ Eu nunca vou achar um cara legal. **Se eu também apanhei, eu nunca vou achar um cara legal.** Eu não sou bonita, eu sou feia”. E eu sempre, tipo, **aguentava tudo aquilo.**”* [DEP01-010, grifos nossos]

*“Gente, não é fácil assim, não é fácil você falar ‘Ai, tô indo embora’. Não é fácil, porque no relacionamento abusivo, essa pessoa **te diminui muito e te faz sentir insegura.** Ele faz você **acreditar que você não consegue viver sem ele.** Então, ele me fazia isso, sabe? [...]”* [DEP05-015, grifos nossos]

A partir dos recortes acima, admite-se a relevância que teria a percepção do parceiro sobre elas – ao ponto de, até mesmo, manipulá-las em favor deles próprios. Com “*Se eu também apanhei, eu nunca vou achar um cara legal*” e “*Ele faz você acreditar que você não consegue viver sem ele*”, pode-se supor que a validação dessas mulheres estaria atrelada a sentirem-se desejadas por um homem – no caso, pelo autor da violência.

É interessante apontar que, em um dos discursos, as violências sofridas na relação são sintetizadas pelo uso da expressão “relacionamento abusivo”: “*Gente, não é fácil assim, não é fácil você falar ‘Ai, tô indo embora’. Não é fácil, porque no relacionamento abusivo [...]*”.²

Seja como for, considerando esses recortes discursivos e, também, outros que serão explicitados adiante, observe-se que é introduzido o medo como afeto que se presentifica tanto como medo do parceiro violento, quanto se ramifica em afetos da mesma ordem: receio, temor, insegurança:

“Só que eu não conseguia sair dele, não conseguia! Eu fiquei nessa teia, no medo [...]
[DEP05- 015, grifos nossos]

“[...] Só que eu comecei a ter medo, sabe? Eu tinha medo de fazer as coisas. Eu tinha medo dele, da reação dele” [DEP05- 008]

O afeto do medo – do agressor, das reações dele, de como viver sem ele, caso opte por sair da relação – parece paralisar a mulher, que se vê presa no que seria uma teia.

É de se considerar um aspecto contraditório que surge desses elementos: apesar de enunciarem medo, se a violência cessasse, parece que as mulheres tenderiam a resgatar uma perspectiva idealizada acerca do parceiro e da relação, pela qual demonstram disposição em sustentar. Ora, fica explícito nos discursos que as mulheres foram agredidas, depreciadas, humilhadas e sentem medo, dentre outras causas, do potencial agressivo dos companheiros, mas, ainda assim, em alguns casos, explicitam querer seguir com a relação: “*Eu quero que meu relacionamento dê certo. Onde eu tô errando?*” [DEP05- 015].

A partir disso, supõe-se que as mulheres estão, novamente, mobilizadas pelo ideal de relacionamento que não fora suprido, apesar das violências sofridas por elas e

² Abra-se um parêntese, aqui, para uma consideração: a noção de abuso sugere, por si só, a ultrapassagem de limites estabelecidos, implícita ou explicitamente, em situações de qualquer ordem. Assim, a utilização da expressão “relacionamento abusivo”, apontaria para uma relação em que um dos integrantes de uma interação – nesse caso, o parceiro amoroso – ultrapassaria um limite, um marcador do que seria tolerado.

cometidas por esse parceiro, ainda, idealizado e que manteria o dilema de “ficar ou ir embora”.

3.6 “A gota d’água”

A partir da análise cruzada, como nos recortes discursivos a seguir, foi possível observar que, em todos os discursos, as mulheres dizem de um momento de ruptura que as faz alterar a dinâmica do relacionamento amoroso, optando, nesse caso, pela saída/rompimento da relação:

“Eu lembro um dia que foi quando eu dei um chega assim, sabe, que eu decidi ir embora, que eu decidi dar um chega, que eu vi, abri realmente meus olhos, vi que era um relacionamento mega abusivo” [DEP01-015, grifos nossos]

“A gota d’água foi quando [...] eu entrei pra trabalhar [...] Porque chegou um momento em que ele virou pra mim, falou assim: ‘Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto’” [DEP03-021, grifo nosso]

“E a gota d’água foi num dia em que eu estava com o meu cachorrinho, que era filhotinho, sentada na minha sala, e, ele no quarto, 11 horas da noite, falou: “Eu quero comer aipim”. [...] E ele veio em minha direção e pegou essa frigideira. E quando ele veio pra me jogar o óleo quente, eu abaixei, e o óleo pegou na parede [...] E aí eu entendi o quanto eu não me amava, o quanto eu precisava sair daquilo que naquele momento passou a ser um risco de vida, né? E eu falei ‘chega, aqui é o momento que eu tenho que ir embora’” [DEP04-04, grifos nossos]

“Eu consegui me desprender dele, eu consegui começar a olhar pra mim, me enxergar, a recuperar minha autoestima, a pensar em mim, porque eu não aceitava mais a viver daquele jeito [...] E eu comecei a ter mais amor-próprio, comecei a ter outra visão, comecei amadurecer, também, né?” [DEP05-032, grifos nossos]

Em “ [...][*eu decidi ir embora, que eu decidi dar um chega, que eu vi, abri realmente meus olhos, vi que era um relacionamento mega abusivo*” [DEP01-015], a **decisão de romper com a relação se dá quando há o reconhecimento de que “era um relacionamento mega abusivo”**. Já em “*A gota d’água foi quando [...] eu entrei pra trabalhar [...] Porque chegou um momento em que ele virou pra mim, falou assim: ‘Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto’*” [DEP03-021], observa-se que a mulher trabalhar e a reação do parceiro a isso “*‘Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto’*” seria o “transbordamento” nesse discurso, em que se tem a opção de romper com a relação.

Observe-se em DEP04, que o reconhecimento da necessidade de saída da relação. “*E aí eu entendi o quanto eu não me amava, o quanto eu precisava sair daquilo*” se dá após um dos episódios de violência sofridos: “*E a gota d’água foi num*

dia em que eu estava com o meu cachorrinho, que era filhotinho, sentada na minha sala, e, ele no quarto, 11 horas da noite, falou: “Eu quero comer aipim”. [...] E ele veio em minha direção e pegou essa frigideira. E quando ele veio pra me jogar o óleo quente, eu abaixei, e o óleo pegou na parede [...]”.

Supondo que a mulher tenha sido submetida a outras violências antes dessa contada no discurso, subentende-se que esta, em questão, teria sido a *gota d’água*, por representar o seu “limite” em suportar o acúmulo de constantes atos violentos contra elas.

Nesse sentido, considera-se que as mulheres teriam se dado conta de si: “*entendi o quanto eu não me amava*”, “*começar a olhar pra mim, me enxerga, a recuperar minha autoestima, a pensar em mim*”; em que os verbos *entendi* e *começar* sugerem que há um movimento de mudança na percepção sobre si, subentendendo-se que, antes, “*não se amavam, não se olhavam e não pensavam em si*”. Aqui, “*não se amar, não se olhar e não pensar em si*” – não se reconhecer – estaria vinculado a tolerar as violências.

É a partir desse movimento, de uma nova perspectiva sobre si própria, que reconhecem a necessidade de romper com essa relação cíclica de violência-amor: “*que eu decidi ir embora, que eu decidi dar um chega*”; “*aqui é o momento que eu tenho que ir embora*” “*o quanto eu precisava sair daquilo*”; “*porque eu não aceitava mais a viver daquele jeito*” – o que remete ao não caber mais nessas relações.

Os recortes discursivos acima nos permitem constatar que “*a gota d’água*” remeteria a um “transbordamento” de um processo acumulativo de algo que se repete – a dinâmica que rege o vínculo amoroso em questão – e que, até então, era suportado. É por essa *gota que falta*, que há o reconhecimento de que não é mais tolerável permanecer no relacionamento; de que não se tem mais a capacidade de suportar o acúmulo de repetidas ações contra elas.

Assim, observa-se que esse rompimento com a relação, marcado pelo que os discursos enunciam como a *gota d’água*, englobaria admitir uma nova perspectiva antes não tida, seja reconhecer a qualidade do relacionamento, “abusivo”, seja permanecer no trabalho, seja se dar conta de si mesma. Seja como for, esse momento de ruptura altera a correlação de forças, até então regida e mediada pela dominação exercida pelo ex-companheiro.

Desse modo, constatamos que há o reconhecimento de si mesma enquanto sujeito (“*entendi o quanto eu não me amava*”; “*consegui começar a olhar pra mim, me enxergar, a recuperar minha autoestima, a pensar em mim*”), e não somente como

objeto para o parceiro – ora, se antes mantinham-se na condição de alvo de violência do companheiro, agora, se dão conta de si mesmas a partir de outra perspectiva: *que se ama, que se vê*.

A ocorrência da saída do relacionamento, que seria decorrente da *gota d'água*, é enunciada como um processo difícil de acontecer e que é incentivado por outras pessoas:

“Tomei essa decisão com o impulso de outras pessoas. Não foi fácil tomar essa decisão sozinha” [DEP03-29, grifos nossos]

“Eu resolvi me separar, não foi fácil pra decidir, mesmo, me separar. Não foi só eu. Sei o quanto foi difícil, tá?” [DEP05- 033, grifos nossos]

Ainda, as mulheres relatam ter tido ajuda e apoio de terceiros (família, amigos e Deus) para conseguir sair e sustentar a decisão, o que se pode supor ter sido essencial para que essa saída acontecesse. Vejamos:

“Depois de tudo isso, super tive o apoio da minha família, que eu achava que eu não ia ter, que eles iam achar que, sei lá o que, que tava mentindo ou algo assim. Super tive apoio, amor e carinho da minha família” [DEP01-023, grifos nossos]

“Segui o conselho das meninas lá do meu antigo trabalho, que eu sou muito grata por ter ficado naquele trabalho. Foi elas que me tiraram disso, então... foi um milagre, mesmo, isso ter acontecido” [DEP03-28, grifos nossos]

“Obrigada por me entender, obrigada por tudo amigas. Obrigada pelas orações. Então, graças a Deus, eu não voltei pra ele, eu consegui me desprender” [DEP05- 033, grifos nossos]

3.7 “Quando você consegue sair...”

É recorrente que as mulheres enunciem uma leitura de si e da relação após saírem do vínculo – partindo de diferentes modos de dizer, mas se posicionando como alguém que teria se desvencilhado e que teria sido afetada pelos desdobramentos da dinâmica amorosa marcada pela violência. Vejamos:

“Depois disso eu tive muito ataque de pânico e... muitos, muitos ataques de pânico. É... eu nunca queria ter envolvimento com homem algum por medo de tudo isso acontecer de volta, sabe?” [DEP01-024, grifos nossos]

“E eu espero em Deus que Ele mude meu coração, porque a frustração ficou, o trauma ficou. Eu não sei se eu vou ser a mesma pessoa, ééé... de acreditar novamente que pode existir alguém que vai ser... Ééé...Enfim, eu não quero entrar nesse mérito” [DEP02-12, grifos nossos]

Dos recortes, compreende-se que elas contam sobre consequências ocasionadas pelas situações de violência: “*Depois disso eu tive muito ataque de pânico*”; “*frustração ficou, o trauma ficou*”. Ainda, sobre uma possível expectativa de se relacionar novamente com outro homem: “*Eu nunca queria ter envolvimento com homem algum por medo*”; “*Eu não sei se eu vou ser a mesma pessoa, ééé... de acreditar novamente que pode existir alguém*” – o que se supõe ser atravessada pela desconfiança e pelo medo de que seja uma relação novamente permeada pela violência.

Destaque-se, também, para outros modos de dizer sobre o que ficou da relação:

“*E juro para vocês, gente, nada que essa pessoa faz me abala mais... nada! Quando você consegue sair, quando não sente mais que gosta dela... é muito gratificante. Realmente, muito gratificante!*” [DEP03-31, grifos nossos]

“*Eu me emociono, mas eu não sinto mais dor quando eu conto essa história*” [DEP04-12, grifos nossos]

Observe-se que, no enunciado “*Quando você consegue sair, quando não sente mais que gosta dela... é muito gratificante*”, o ato de conseguir sair de uma relação marcada pela violência e “sentir que não se gosta mais do autor da violência”, é associado com uma sensação de gratificação, como se o que se estava vivendo até então não fosse nada mais que um circuito de afetos incapaz de produzir nada além de sofrimento.

Nesse sentido, outro recorte discursivo evoca essa mesma percepção: “*eu não sinto mais dor quando eu conto essa história*”, dor essa que não se pode considerar apenas como física, ocasionada pelas agressões físicas, mas uma dor também emocional, que estaria atrelada a prejuízos psíquicos provocados pelo que teria sido a relação amorosa atravessada pela violência.

Discursos como esses, quando analisados em conjunto, como aqui, permitem-nos identificar que, se antes as mulheres estavam narrando situações que causavam angústia e dor, agora, ao enunciarem como se sentem após o término da relação violenta, estão dizendo ser *gratificante* não estar mais nessa posição.

3.8 “*Se eu tivesse denunciado...*”

Observe-se como, ao se posicionar em relação ao agressor, há, por parte das mulheres, a intenção de “*não denegrir a imagem*” do autor da violência, o que se hipotetiza ter sido possível de se concretizar/ser recapitulado após a saída da relação e

aponta para a possibilidade de que o que anunciariam, em seus discursos, poderia vir a prejudicar a imagem do ex-companheiro. Vejamos:

“Eu quero atingir o máximo de pessoas possível, não para denegrir a imagem de ninguém, eu não citei o nome de ninguém.” [DEP02-01, grifo nosso]

“Vou deixar claro aqui, gente, porque eu não quero denegrir a imagem, eu só vou falar o que, de fato, aconteceu.” [DEP03-03, grifo nosso]

É de se pensar, nesses casos, as razões pelas quais as enunciantoras escolhem estar nessa posição de optar por não “denegrir a imagem”. Seria por não querer prejudicar a pessoa? Seria por nutrir algum sentimento por ela – amor, medo? Por que frisar o intuito de não prejudicar a imagem de alguém que as teria prejudicado em outro momento?

Não “denegrir a imagem” do autor da violência, também sugere que não será revelada a identidade dele, não para protegê-lo, em termos de prestígio, mas para proteger-se. Nesse sentido, a análise cruzada permite agrupar modos de dizer sobre a denúncia das agressões – e a ausência dela. Vejamos:

“E eu fico pensando: ‘Poxa, cara, eu não denunciarei’, sabe? Hoje em dia, uma pessoa pode estar passando por aquilo que eu passei, sabe? Se eu tivesse denunciado, se a ex-namorada dele tivesse denunciado, eu não teria passado por aquilo” [DEP01-026, grifo nosso]

“E eu confesso pra vocês: eu não tive coragem de denunciar antes” [DEP02-08, grifo nosso]

“Não cheguei a dar continuidade a denúncia pela saúde da mãe dele” [DEP03-11, grifo nosso]

“Porque eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo, ainda, sabe? Sei lá, depois dele sair da cadeia e me matar” [DEP05-026, grifo nosso]

Observa-se que a denúncia, em um primeiro momento, não teve prosseguimento (“Eu não tive coragem de denunciar antes”), em que é de se pensar o que se passava com ela naquele momento, para que não tivesse tido *coragem* para denunciar. Essa ausência de coragem, cujas razões não comparecem de modo explícito, pode estar ligada às hipóteses imaginadas por ela, em relação às consequências de sua denúncia.

Já em outros casos, a denúncia não foi feita (“Poxa, cara, eu não denunciarei”; “Não cheguei a dar continuidade a denúncia”). É de se perguntar as razões pelas quais as mulheres não optaram pela denúncia. Pode-se supor que, dentre outros motivos, o medo, o qual seria enunciado como: “Eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo” [DEP05-026].

Nesse recorte, observamos como a construção imaginária da mulher, explicitada no medo de o companheiro matá-la, também engloba o posicionamento de alguém que, por motivos não explicitados, não parece ter sido capaz de confiar no sistema de justiça, aqui representado pela polícia. Ainda, mobilizada por um receio de o ex-companheiro “*sair da cadeia e me matar*”, essa construção discursiva aponta para a possibilidade de uma grande alteração da imagem que ela outrora teve do parceiro – talvez antes das agressões começarem – em relação a essa: quando o ex-parceiro não só é capaz de cometer violências contra ela, como pode matá-la. Esse aspecto, ainda que não tenha aparecido de modo explícito nos outros discursos analisados, permite pensarmos que tal medo não seja infundado.

Esses trechos discursivos nos permitem supor que as mulheres identificavam no parceiro um grande potencial agressivo que iria além da violência já perpetrada, optando, então, por não os denunciar, já que a denúncia poderia vir a provocar reações imprevisíveis contra elas.

Seja como for, a denúncia, embora considerada pelas mulheres, nem sempre se concretizou, sendo que as razões para isso parecem gravitar em torno de medos e/ou receios delas à reação dos parceiros. Cabe enfatizar que “a polícia” também não figura como uma instituição que pudesse oferecer a proteção necessária, no caso.

Surge um ponto contraditório, advindo do cruzamento dos discursos, tendo em vista que, mesmo que as mulheres, em sua maioria, não tenham optado pela denúncia, é recorrente que elas incentivem o público que as estaria assistindo a denunciar. Como em:

“*E... e é isso, gente. Denunciem, sabe?*” [DEP01-027, grifo nosso]

“*Mas é isso, não se calem, denuncie, porque isso é coisa séria, gente, é coisa muito séria*” [DEP02-17, grifo nosso]

Pode-se pensar, então, que mesmo quando não denunciam os autores da violência, as mulheres reconhecem a relevância do ato de denunciar a violência sofrida.

3.9 “Ajudar”

Uma última categoria que emerge da análise conjunta dos discursos estudados possibilita observar como as mulheres entendem a escolha delas de expor sua vivência pessoal atravessada pela violência no relacionamento. Observe-se como a experiência relatada é pretexto para respaldar a intenção que as mulheres têm de ajudar quem as

estariam assistindo, de modo que imaginariam que o relato pessoal teria, de alguma forma, aproveitamento para alguém:

*“Se você conhece **alguém que passa por isso, dá apoio, conversa com elas**. Às vezes, num momento ela não pode abrir o olho, mas uma hora ela vai ver na real, ela vai precisar de apoio de alguém, sabe? [...] E se você conhece alguém que **passa por isso, sabe, manda esse vídeo pra essa pessoa, talvez possa estar ajudando**” [DEP01-027, grifo nosso]*

*“Eu não acredito no... em alguns comentários que eu tenho recebido, principalmente por conta da exposição no Instagram: “S.C., não te expõe!”. Como assim, não me expor? Por que não? Por que não?!? **Se eu já passei por tanta coisa e se eu posso ajudar**” [DEP02-12]*

*“Alguns de vocês **passam pelo mesmo e me pediram muita ajuda** no Instagram. Pediram para eu criar um grupo no WhatsApp e **contar, né, sobre o que que tinha acontecido comigo, como eu consegui sair dessa e ajudar o máximo de pessoas possível** [...]” [DEP03-04, grifos nossos]*

*“Eu espero que quem esteja passando por isso, **quiser minha ajuda, quiser uns conselhos, é... pode mandar uma mensagem para mim lá pela DM. Eu pretendo criar o grupo para poder ajudar vocês**” [DEP03-31, grifos nossos]*

*“[...] Por isso que, quando, hoje, eu falo da **história do porão**, eu entendi que ela **ajuda outras pessoas**. Foi por isso que ela...hoje, eu falo sobre ela. Isso que eu entendi, sabe? [DEP04-12, grifos nossos]*

*“Eu espero que eu tenha ajudado vocês de alguma forma **com esse vídeo**, tenha trazido algum aprendizado. Eu sei que muitas pessoas vão se identificar demais com esse vídeo, vão até se ver em algumas situações [...] Nós precisamos ter mais empatia, sororidade com outras mulheres, e **ajudar sabe dar um conselho, conversar quando ver alguém passando por um relacionamento assim**” [DEP05- 035, grifos nossos]*

A expectativa de ajudar o suposto público que as estaria assistindo (“*talvez possa estar ajudando*”); “*se eu posso ajudar*”; “*Eu espero que eu tenha ajudado vocês*”; “*Eu espero que quem esteja passando por isso, quiser minha ajuda*”) estaria pautada na vivência pessoal de cada uma delas: “*Se eu já passei por tanta coisa e se eu posso ajudar*”; “*Alguns de vocês passam pelo mesmo e me pediram muita ajuda*”; “*Por isso que, quando, hoje, eu falo da **história do porão**³, eu entendi que ela ajuda outras pessoas*”; “*Eu espero que eu tenha ajudado vocês de alguma forma **com esse vídeo***”. Nesses trechos discursos, por diferentes modos de dizer, como “tanta coisa”, “pelo mesmo”, “história do porão”, “com esse vídeo”, as mulheres estariam dizendo de suas vivências e que gravitam em torno do relacionamento amoroso marcado por

³ A história do porão refere-se à forma como a mulher do discurso em questão consegue sair da relação amorosa na qual era vítima de violência e estruturar uma nova vida em outro espaço, o qual ela chama de porão .

violências, as quais seriam, supostamente, consideradas pelas mulheres o suficiente para se imaginarem na posição de oferecer ajuda.

Apesar de todas manifestarem a intenção de poderem ajudar, não fica explícito, na maioria dos discursos, de que forma a ajuda seria dada, com exceção de [DEP-03]: “*pode mandar uma mensagem para mim lá pela DM. Eu pretendo criar o grupo para poder ajudar vocês*”, em que a possibilidade de ajudar seria sucedida pelo grupo que será criado, no entanto não temos informações de como seria mediada a ajuda por lá.

Chama a atenção a recorrência do verbo “passar”, em diferentes conjugações, que é acompanhado por um complemento que remeteria à relação amorosa violenta, mas que não é nomeada como tal e, sim, na maioria dos discursos, por pronomes demonstrativos e indefinidos: “*passa por isso*”; “*já passei por tanta coisa*”; “*passam pelo mesmo*”; “*esteja passando por isso*”. Essas construções sugerem, pelo verbo *passar*, que o relacionamento violento seria uma condição pela qual alguém suportaria por um tempo, mas que conseguiria sair dessa posição – que é o lugar de onde as mulheres cujos discursos foram analisados falam no momento do relato pessoal dado: de alguém que *passou* pela relação.

Levando em conta que nenhuma das mulheres cujos discursos foram analisados saíram das relações amorosas violentas por terem acessado algum conteúdo nas plataformas digitais que abordassem o tema da violência nos relacionamentos, é de se perguntar por que razões concebem a divulgação do relato pessoal na internet como uma forma de ajuda a outras pessoas em situações semelhantes. Seria pela via do incentivo/convencimento, em que por terem conseguido sair, outras mulheres também conseguem? De modo que os depoimentos dados por elas seriam a mola propulsora, a ajuda, para esse movimento de reconhecimento da necessidade de saída.

Supõe-se, então, que as mulheres cogitariam, que, por, outrora, terem sido vítimas de violência em suas relações amorosas, isso as colocariam na posição de conseguir ajudar, por meio do compartilhamento de seus relatos pessoais, em que por terem conseguido sair da relação na qual eram vitimizadas, incentivaria que outras mulheres também pudessem se darem conta da situação que vivem e fizessem o mesmo movimento de saída.

4 DISCUSSÃO

A análise apresentada no capítulo anterior já permite, por si, uma discussão bastante produtiva sobre as categorias temáticas advindas do processo de cruzamentos dos discursos.

Arrisque-se afirmar que, em nossa sociedade, poucas são as mulheres que compõem uma parcela para a qual, quando crianças, não tenham sido lidos contos de fadas, em que, às princesas (mulheres), o destino reservado era o de se casar com um “*príncipe encantado*”. Nossa sociedade, não tão encantada assim, atravessada por uma ótica regente machista e patriarcal, faz perpetuar, por transmissões de qualquer ordem – geracional, institucional – o imaginário de uma relação “*romântica*”, na qual se tem a expectativa de um par amoroso, que, de certa forma, beire o “*encantado*”. Tal imaginário permeia as expectativas das mulheres no que diz respeito ao ato de se relacionar – assim como se observa em um dos discursos aqui analisados.

Assim, torna-se possível levantar a hipótese de que são poucos os recursos que as mulheres teriam a seu favor para desprender-se desse imaginário que a elas é repassado, mesmo que de forma implícita, e que remete a um alto grau de idealização do parceiro – tornando dificultoso o reconhecimento de um potencial agressivo nesse companheiro. A “espera” por um parceiro idealizado é encoberta por um processo no qual os homens são quem escolheriam as mulheres – tal como acontece, metaforicamente, na “prateleira do amor” (Zanello, 2018). Esse poder de escolha, conferido aos homens, viabiliza que se estabeleça, que se repita e que se legitime uma dominação destes sobre as mulheres.

Pode-se dizer que a cultura da dominação e do poder do homem sobre a mulher atravessam todos os discursos analisados, sobretudo, nas violências cometidas. Considerando os modos de dizer das mulheres sobre as violências que não as físicas, cabe questionar se o não reconhecimento imediato desses atos como violentos seria em decorrência da não validação dessas queixas. Supõe-se que essa naturalização se dê por essas violências (psicológica, traição, humilhação, inferiorização, depreciação) serem sutis e silenciadas, colocadas a nível do que seria considerado como limites toleráveis.

É interessante pensar, ao considerar “limites toleráveis”, que, em um dos discursos, as violências sofridas na relação são referenciadas pela terminologia “relacionamento abusivo”: “*Gente, não é fácil assim, não é fácil você falar ‘Ai, tô indo embora’. Não é fácil, porque no relacionamento abusivo [...] [DEP05]*”. O termo *abusivo* sugere, por si só, que há o abuso de limites estabelecidos, sejam eles implícitos,

sejam explícitos, os quais seriam ultrapassados. Assim, a nomenclatura “relacionamento abusivo” apontaria para uma relação em que um dos integrantes da interação ultrapassa limites tidos como toleráveis – nesse caso, o parceiro.

Destaque-se que dos cinco vídeos coletados para a análise, três continham, no título, a expressão “relacionamento abusivo”, o que conduz pensar se essa nomenclatura não poderia ser tomada como um discurso em circulação em nossa sociedade. Suscita, então, o questionamento do porquê da circulação da terminologia “relacionamento abusivo” em detrimento de se dizer sobre violência. Seria uma tentativa de atenuar a gravidade de situações em que mulheres são vítimas de violências por seus parceiros?

Vem à tona a possibilidade de relacionar o termo “relacionamento abusivo” – que configuraria um marcador do que seria tolerado – ao que, aqui, em nossa análise, foi representado pela “gota d’água”, a qual seria pretexto para o rompimento da relação. Ora, essa “gota d’água” também remete a algo que não seria mais possível de ser tolerado e que acompanharia, nesse caso, o reconhecimento de que não se tem mais a capacidade de tolerar as seguidas e constantes violências contra elas.

Na mesma perspectiva dessa conjuntura, é de se perguntar se a ocorrência da saída da relação seria evocada pelas mulheres como um processo difícil de ser realizado por ir contra a vontade delas de que a relação, de fato, terminasse – afinal pode-se supor que as mulheres não queriam que as relações amorosas acabassem, mas, sim, que as violências que as permeavam cessassem. Ainda, quando dizem da necessidade de ajuda para sair da relação, sinaliza-se sobre a importância da rede de apoio às mulheres em situação de violência nas relações, seja ela mediada pela família, pelas amizades, pela crença em Deus, ou por serviços públicos de atendimento a esse público. Neste último, a Psicologia se faz relevante, tendo em vista que é um processo atravessado por questões subjetivas que tendem a refletir no silenciamento desses sujeitos.

Considerando a relevância da rede de atendimento às mulheres em condição de violência, é possível dizer, a partir dos discursos analisados, de um desamparo, enunciado (mostrado) pelas mulheres, em relação aos dispositivos de segurança, que poderiam/deveriam protegê-las, mas que elas já dizem de um lugar que enunciam não acreditar que isso aconteça – tendo em vista que a polícia seria composta, majoritariamente, por homens, por exemplo.

Nesse sentido, realizar ou não a denúncia do parceiro se instala como um dilema para as mulheres, que, dentre outros motivos, afetadas pelo medo, não dão seguimento à mesma. Apesar disso, quando usam de recursos proporcionados pela internet, como o

YouTube, para contarem de sua experiência vivida por meio de um relato pessoal, as mulheres estão, de certa forma, fazendo uma denúncia, mas, essa, controlada por elas, e não sob as diretrizes do que seria notificar em uma dependência policial, por exemplo.

Assim, as redes sociais assumem função de um sistema de proteção maior do que se elas estivessem denunciando e se expondo em uma delegacia. Ainda mobilizadas pelo medo das possíveis reações do ex-companheiro, ao enunciarem não quererem “*denegrir*” a imagem dele, considera-se que dizer o nome do agressor, em seus depoimentos, remeteria à cena comum dos dispositivos de segurança, já que estariam se expondo novamente e dando margem para que, ao serem notificados dessa denúncia, pudessem reagir contra elas. Apesar de desvinculadas da relação, o receio de identificar o agressor aponta para o reconhecimento da dominação do homem – que mesmo não sendo mais parceiro, ainda segue tendo poder na correlação de forças ante a mulher.

Partindo dessa correlação de forças que, constituída historicamente, se reinscreve e se sustenta cotidianamente, é necessário se questionar se o que é reconhecido pelas mulheres como disparador das violências (atributos supostamente considerados como intrínsecos ao homem, como ser ciumento e agressivo e às mulheres a atribuição de responsabilidade pelo espaço doméstico) não estaria relacionado aos papéis sociais propagados culturalmente e esperados da mulher e do homem. Ora, recorde-se, com base nos discursos analisados, que uma mulher era agredida por não estar cumprindo com sua obrigação de mulher, enquanto outras estariam submetidas à agressividade do parceiro, tido como ciumento, o que tende a ser naturalizado, no discurso social vigente. Sendo assim, a agressividade e os ciúmes – entendidos como direito de posse sobre a mulher – estariam vinculados, sem questionamento, ao “masculino” e seriam entendidos, dessa forma, como se fossem um direito dos homens de manifestá-los.

Dentre os afetos possíveis, suscitados nas mulheres em decorrência das situações de violências vividas, a culpa e o medo são os que compareceram de forma mais regular e explícita nos discursos analisados. É de nosso conhecimento, em razão da análise feita, que o sentimento de culpa seria suscitado pelos agressores. Considerando isso, levanta-se o questionamento se essa tentativa de responsabilizar as mulheres pelas violências sofridas seria um movimento exclusivo dos parceiros. Ora, há uma inclinação do corpo social a considerar as relações amorosas fundadas em valores conservadores, compartilhados socialmente e atravessados por uma lógica moral e patriarcal, que privilegia os homens, na medida em que coloca nas mulheres a responsabilidade de

cumprir com o ideário de relação tradicional. Sendo assim, não teria a sociedade, como um todo, o movimento de culpar as mulheres pela situação que vivem?

Já o afeto do medo manifesta-se como medo do agressor, medo da reação dele, medo de denunciar, medo de viver sem ele – sendo, então, um dos elementos que sustentam o dilema de ficar ou ir embora. Aqui, o medo associa-se ao discurso depreciativo do parceiro sobre elas, bem como ao medo de não se sentirem objeto de desejo de um homem – afinal, culturalmente, a validação dessas mulheres estaria atrelada a sentirem-se desejadas por um homem.

Ainda no que diz respeito à análise sobre os elementos que sustentariam as escolhas das mulheres por alterar, ou não, o modo de se relacionar com o parceiro, destaque-se que alguns discursos apontavam para a permanência na relação, devido aos filhos e ao propósito de manter a família/casamento. Assim, a díade maternidade-domesticidade, tal como discutida por Stevens et. al (2017) e tida como um dos motivos que incidem no posicionamento da mulher de manter a relação amorosa violenta, estaria sendo reforçada e é de se pensar se não caberia, social e culturalmente, às mulheres cumprir com esse ideário.

Ao enunciarem sobre o que sobrou da relação, após a saída do vínculo, constata-se que há consequências psicológicas, assim como abordado na literatura a qual recorreremos em um primeiro momento, bem como uma possível expectativa de se relacionar novamente com outro homem – o que seria atravessada pela desconfiança e pelo medo de que seja uma relação, também, permeada pela violência.

Assim, convém pensar se, apesar de terem se dado conta de que o que estavam vivenciando no relacionamento em questão as colocava em perigo, as mulheres serão capazes de se implicar em uma relação futura que poderia vir a ser, também, violenta. Ainda que tenham se desvincilhado dos vínculos amorosos que relatam, as mulheres teriam recursos para lidar com uma relação futura atravessada pela violência, sem que tenham sido capazes de reconhecer, anteriormente, os elementos que caracterizam tal relação? É de se pensar, então, na implicação dessas mulheres, não as colocando em uma posição simétrica ao autor da violência, como aponta a literatura de Soares e Tachibana (2022), mas trazendo à tona o movimento de reconhecimento da sua posição de sujeito implicado com a própria história.

A análise realizada conduz a se questionar se haveria, por parte das mulheres, o reconhecimento da própria opção por manter ou não o vínculo nesse tipo de relação amorosa, por exemplo.

5 CONCLUSÃO

O objetivo desse estudo era o de se construir um mapeamento, a partir da análise do discurso, das narrativas de mulheres vítimas de violências em suas relações amorosas. A análise realizada permitiu a compreensão do discurso em circulação referente às relações amorosas marcadas por violências, a partir do que as mulheres dizem sobre si, das próprias experiências, do parceiro e do vínculo com ele, sobre os elementos identificados por elas que sustentariam as suas escolhas e as não-escolhas quanto a manter ou romper o relacionamento – o que correspondeu à hipótese inicial da pesquisa. Da análise, foi possível atender alguns dos objetivos iniciais da pesquisa, como: verificar a ocorrência de fatores identificados pelas próprias mulheres como disparadores das situações de violência; e delinear como figuram as expectativas iniciais quanto ao relacionamento, confrontadas com o desenrolar da experiência concreta.

Entende-se que o levantamento das recorrências que permeiam os discursos analisados, por partir da compreensão de quem vivencia ou vivenciou tal situação, poderia contribuir para ampliar a percepção dos impactos psicológicos das manifestações de violência nas relações amorosas. Também, permitiu considerar a necessidade de que sejam realizados mais estudos voltados à compreensão da violência contra as mulheres, nas relações amorosas, e seus desdobramentos, sobretudo a partir de entrevistas diretas com esse público, levando em conta o que as próprias vítimas têm a dizer sobre si e sobre a experiência vivida.

Considerando os limites e desafios que um Trabalho de Conclusão de Curso circunscreve, compreende-se que a análise dos discursos realizada contemplou o interesse inicial que impulsionou o interesse por esta pesquisa, bem como suscitou outro questionamento: como os profissionais de psicologia poderiam atuar em favor de contribuir com a implicação das mulheres vítimas de violência nas situações em que vivem, de maneira a potencializar seus recursos para identificar se e quando estão inseridas em um vínculo amoroso marcado por violências.

A partir do exposto até aqui, entende-se a necessidade e a relevância de uma movimentação constante, sobretudo na atuação dos profissionais de psicologia, em favor da compreensão do fenômeno da violência contra as mulheres, levando em conta o que quem vivencia isso “na pele” tem a dizer, suas singularidades e seus (inúmeros) desdobramentos.

6 REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- Carvalho, S. (2018, junho 7). Relato sobre a agressão doméstica que sofri... Parte 1. [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=yeVi7SSVNq0&t=3s>
- Chagas, L. F. (2019). *(RE)PENSANDO A ASSISTÊNCIA CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO ENFRENTAMENTO DO CICLO DA REPETIÇÃO NA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Conte, R. F., & Mühlen, B. K. (2020). A percepção da violência de gênero e a transmissão geracional em mulheres que sofrem violência doméstica. *Revista Educação e Linguagens*, 18(9), 240-264. <https://doi.org/10.33871/22386084.2020.9.18.240-264>
- Curia, B. G., Dias, V., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções Científicas Brasileiras em Psicologia sobre Violência contra Mulher por Parceiro Íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40, 1-19. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189184>
- Custódio, M. A., & Tavares, K. N. L. B.. (2022). Vida(s) Maria(s): a história de uma mulher e os (re)tratos da violência em narrativas contadas. *Psicologia USP*, 33, e200129. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200129>
- Ferreira, D. (2021, outubro 04). RELACIONAMENTO ABUSIVO! [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=8MjbyHetH2k&t=3s>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
- Gregoleti, A. de F. M., Paula, A. da S. de, & Kodato, S. (2017). VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS POR MULHERES VITIMIZADAS. *Perspectivas Em Psicologia*, 20(2). <https://doi.org/10.14393/PPv20n2a2016-04>
- Guirado, M. (1986.) *Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus.
- Guirado, M. (2010) *A análise institucional do discurso como analítica da subjetividade*. (1 ed.) São Paulo: Annablume.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília. 2006. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

- Lima, G. Q. de, & Werlang, B. S. G. (2011). Mulheres que sofrem violência doméstica: Contribuições da Psicanálise. *Psicologia em Estudo*, 16(4), 511-520. <https://www.scielo.br/j/pe/a/GShYc5SHq9SVcrwbyXxbSbT/#>
- Nóbrega, V. K. M., Júnior, J. M. P., Nascimento, E. G. C., Miranda, F. A. N. (2019). Renúncia, violência e denúncia: representações sociais do homem agressor sob a ótica da mulher agredida. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (7), 2659-2666. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018247.16342017>
- Razera, J., & Falcke, D. (2017). Por que eles permanecem juntos? Contribuições para a permanência em relacionamentos íntimos com violência. *Psicologia Clínica*, 29(3), pp. 542-562. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010356652017000300010&lng=pt&tlng=pt.
- Saffioti, H. I. B.. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Cadernos Pagu*, (16), 115–136. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20 (2), 71-99.
- Soares, C. A. D., & Tachibana, M. (2022). "Infeliz(es) para sempre": narrativas de mulheres sobre violência conjugal. *Aletheia*, 55(1), 82-104. <https://dx.doi.org/10.29327/226091.55.1-5>
- Souza, F. (2021, dezembro 14). RELACIONAMENTO ABUSIVO | MEU RELATO [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=g4Ga9eW-oP8&t=1206s>
- Stevens, C., Oliveira, S., Zanello, V., Silva, E., & Portela, C. (org.). Mulheres e violências: interseccionalidades. Brasília: Technopolitik, 2017. E-book (628 p.). <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Mulheres-e-viol%C3%A2ncias-interseccionalidades.pdf>
- Teixeira, J. M. da S., & Paiva, S. P.. (2021). Violência contra a mulher e adoecimento mental: Percepções e práticas de profissionais de saúde em um Centro de Atenção Psicossocial. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 31(2), 1-21. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312021310214>
- Ter.a.pia (2022, setembro 22). CONSEGUI ME LIVRAR DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA | Histórias de ter.a.pia #202 [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=JrkGcJ-kdnA&t=4s>
- Vlogs, D. (2020, agosto 10). TIVE UM RELACIONAMENTO ABUSIVO!!!(relatos de violencia) [Arquivo de vídeo] Recuperado em <https://www.youtube.com/watch?v=f8h8SSYx5eI&t=865s>
- Walker, L. E. (1979). *A Mulher Maltratada*. Nova York: Harper & Row.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. 1. ed. - Curitiba: Editora Appris

APÊNDICE

Título/Link: TIVE UM RELACIONAMENTO ABUSIVO!!!(relatos de violencia) – [DEP01]

Tipo de mídia: Vídeo

Duração: 17min17s

Fonte: YouTube

Ano: 2020

Autor/ Quem produziu: O vídeo faz parte do canal “Dessa Vlogs”

Termos de busca utilizados: “Relatos de mulheres vítimas de relacionamento abusivo”

Observações: Trata-se de um vídeo gravado pela própria mulher, que aparece sozinha e conta sobre sua vivência enquanto vítima de violência na relação amorosa.

TRANSCRIÇÃO

Oi gente, tudo bem com vocês? Meu nome é A.. Estou aqui para gravar mais um vídeo para o meu canal. Bom, gente, hoje eu vim conversar com vocês um assunto meio complicado, mas necessário de se falar. [DEP01-001]

Esses dias eu estava passando o feed no meu Facebook e vi várias publicações de meninas falando sobre relacionamento abusivo, fotos de meninas super machucadas e tudo mais. E, também, esses dias, eu tinha postado no story do meu Instagram um link de uma menina relatando um relacionamento abusivo, e várias meninas me chamaram no direct, falando que já passaram por isso, que conhecem pessoas que passam por isso e não sabem como se impor em relação a isso. Eu falei: “Poxa, cara, por que não gravar um vídeo relacionado a isso?”. Também porque eu já passei por um relacionamento abusivo, sabe? [DEP01-002]

Hoje. eu vim meio que resumir, contar pra vocês como que eu entrei num relacionamento abusivo e como que eu saí de um relacionamento abusivo. [DEP01-003]

Eu era de uma igreja, e esse menino também era de uma igreja, da mesma igreja que eu ia. E eu sempre via a galera comentando sobre esse menino e tal. Era um menino super... pelo que eu escutava, um menino super massa. Eu sempre, nunca tive contato com ele. Eu sempre seguia ele nas redes sociais. Chegou num dia que ele tinha

postado um story de um gato no Instagram dele, e eu acabei respondendo a story dele e tudo mais. E a gente acabou conversando. E eu lembro que ele morava aqui na cidade vizinha. Aí eu acabei indo na cidade dele, encontrei ele, e a gente começou a conversar e acabou se relacionando, né? A gente acabou namorando. [DEP01-004]

Na época, eu não trabalhava, eu cursava, fazia um curso de farmácia. Então, depois que eu terminei o meu curso, chegou um final de semana que eu fui na casa dele, e a mãe dele tinha vindo conversar comigo, perguntando se eu não podia ficar uns tempo ali na casa dele pra fazer companhia pra avó dele, porque, como era no sítio, a avó dele morava sozinha e ele trabalhava e não tinha ninguém pra fazer companhia pra ela. Eu pensei: “Cara, por que não, sabe? Tô em casa sem fazer nada, acabei meu curso já, então por que não?”. E eu fui, e quando eu vi já tava morando lá com ele. [DEP01-005]

E o relacionamento abusivo começou com uma mensagem no WhatsApp. Eu recebi uma mensagem no WhatsApp de um amigo meu, perguntando como que eu tava, me dando os parabéns porque eu tava namorando e tudo mais. E ele perguntou quando é que eu ia visitar eles na igreja, a galera da igreja e tudo mais, quando que eu ia voltar pra visitar eles. E eu super respondi o menino, porque, pra mim, não vi nada de mais naquilo. [DEP01-006]

Eu lembro que ele viu meu celular e quebrou meu celular, sabe? E eu peguei o meu celular na mão, ele me empurrou e eu caí sentada no chão, e eu lembro que eu fiquei olhando pra cara dele bem assustada, porque aquilo nunca tinha acontecido comigo, e ele me xingou de várias coisas, enfim. Eu lembro que eu fiquei muito assustada, muito mesmo. [DEP01-007]

E ele pegou, depois quando ele viu o que tinha feito, ele me levantou do chão e me pediu perdão e falou que no outro relacionamento dele, ele tinha sido traído e tudo mais. E eu peguei e me senti culpada por ter respondido a pessoa no meu WhatsApp, porque ele já passou por aquilo, sabe? E eu perdoei ele. E o meu erro foi ter perdoado a primeira agressão dele. E depois dessas, as agressões só aumentaram, sabe? [DEP01-008]

Eu era agredida por eu andar de moto e ficar se mexendo na moto, atrás, enquanto ele pilotava, porque eu não ficava tipo durinha na moto. Eu era agredida por eu não ter feito um pão, que era minha obrigação de mulher. Eu tava em casa, então eu devia tá fazendo um pão, para ele comer depois do trabalho. Eu era agredida por várias coisas nada a ver, sabe? E ele sempre jogava pra mim e falava: “Você é a

culpada, você está apanhando porque você é a culpada, porque é sua obrigação fazer isso, porque é sua obrigação fazer aquilo”. Eu sempre me sentia culpada, realmente me sentia culpada. Ele jogava que eu era culpada naquilo e eu sempre falava: “Poxa, eu sou culpada naquilo”. Então, eu acabava perdoando todas as agressões dele. [DEP01-09]

Ele sempre falava que eu nunca ia achar um cara massa, que ele era o único cara que ia aguentar ele, sabe? E eu ficava... falando que eu era feia, que eu era aquilo. E eu sempre colocava na minha cabeça: “Poxa, ele tem razão, sabe? Eu nunca vou achar um cara legal. Se eu também apanhei, eu nunca vou achar um cara legal. Eu não sou bonita, eu sou feia”. E eu sempre, tipo, aguentava tudo aquilo. [DEP01-010]

E chegou uma época que a mãe dele veio conversar com a gente, falou que a avó dele ia morar na cidade, que era mais perto de médico, em relação à saúde e tudo mais. E a avó dele já era de idade e convidou a gente pra ir morar com ela. E a gente foi. E eu fiquei muito animada pra ir morar na cidade, porque a gente morava num sítio, não tinha vizinhos e tudo mais. Eu pensei: “Poxa, lá vai ter vizinho, sabe?”. Lá, eu vou poder arrumar um trabalho, a gente vai morar com a vó dele, a mãe dele vai estar perto. Ele não vai poder mais me agredir, sabe? Ele não vai poder mais me bater. E os meus pensamentos foram totalmente ao contrário, sabe? As agressões continuavam. [DEP01-011]

É... Eu arrumei um trabalho. Eu arrumei um trabalho numa padaria e eu não podia, tipo... Toda vez que ele ia na padaria, que eu trabalhava, ele via que eu atendia um rapaz é... e, tipo, conversava com o cliente, ele sempre chegava em casa e me batia em relação a isso, porque eu conversava com o cliente, porque eu não podia conversar com homem nenhum. É... E sempre agredia, sabe? [DEP01-012]

E eu lembro uma vez que... cada final de semana, um final de semana sim, um final de semana não, a gente vinha pra J., pra casa dos meus parentes. Eu lembro uma vez que a gente veio pra casa do meu irmão e tava passando um jogo de futebol na TV e ele queria ficar assistindo. Meus irmãos tava na frente da casa dele, brincando de bola, andando de moto e tudo mais. E eu sempre tive um relacionamento com meus irmãos bem, sabe, unido, sabe? A gente sempre brincou, a gente sempre se abraçou e tudo mais. E aquilo era normal, assim, sabe? Porque a gente cresceu sempre muito junto, a gente era em oito, então a gente era sempre bem unidos assim. E pra mim aquilo era normal. Eu convidei ele pra ir ali pra frente pra conversar com os meus irmãos, mas ele disse que não queria, que ele queria ficar assistindo o jogo. Eu pensei: “Poxa, eu

vou conversar com meus irmãos, sabe?”. Porque eu vim aqui pra ver minha família, me divertir com a minha família. [DEP01-013]

Então, eu fui e eu lembro que chegando em casa, naquela noite, eu apanhei muito, porque ele disse que tava me frescando para os meus irmãos, porque aquilo não era certo o que eu tava fazendo. Que quem ia ver de fora ia achar o que de mim, ia achar o que dele. E eu apanhei muito aquela noite porque, é... eu tava, tipo, abracei meus irmãos, sabe, brinquei com meus irmãos. E ele falou que aquilo era errado, que eu tava apanhando por causa daquilo, que aquilo não é coisa que uma menina casada se fazia. E eu realmente coloquei na minha cabeça que aquilo não era coisa mesmo, sabe? Coisa feia da minha parte, né? Eu tenho um relacionamento massa com meus irmãos, tenho um relacionamento bom com meus irmãos. E eu sempre me via muito culpada com tudo aquilo. [DEP01-014]

Eu lembro um dia que foi quando eu dei um chega assim, sabe, que eu decidi ir embora, que eu decidi dar um chega, que eu vi, abri realmente meus olhos, vi que era um relacionamento mega abusivo. Foi quando eu tinha que trabalhar e tudo mais e eu vi que ele sempre estava em casa umas sete horas, sete e meia. E, aquele dia, ele demorou muito pra chegar em casa. Eu fiquei mega preocupada, realmente, eu fiquei preocupada de ter dado algum acidente e porque onde que a gente morava e onde ele trabalhava era muito longe. Ele trabalhava mais tipo no sítio, assim, e a gente morava mais na cidade. Então, pra mim, eu fiquei mega preocupada. E eu liguei pra mãe dele e falei: “Olha, fulano não chegou em casa ainda e tudo mais. Eu tô preocupada”. Ela também ficou muito preocupada, então, ela falou assim: “Olha, se o fulano não chegar até meia-noite ou até meia-noite e meia, a gente faz o mesmo trajeto que ele faria pra voltar pra casa, pra ver se não aconteceu nada. Se a gente não achar ele, a gente vai procurar nos hospitais”. E deu meia-noite, meia-noite e meia, e ele não chegou em casa. A mãe dele pegou o carro e a gente foi fazer esse trajeto. E eu lembro que a gente não encontrou ele na rua, nada. E chegamos no trabalho dele e ele estava bebendo e jogando jogos com os amigos dele. Ele chegou até no carro e perguntou o que a gente estava fazendo ali, e eu falei: “Olha, a gente ficou preocupada, a gente veio atrás pra ver se estava tudo bem e tudo mais”. Mas ele falou assim: “Olha, vai para casa porque eu já estou indo”. [DEP01-015]

Eu lembro que a gente saiu de carro e ele saiu com a moto super rápido na nossa frente e, durante o caminho todo, a mãe dele foi falando pra mim: “Olha, chega na casa, tu não fala nada, tu vai dormir. Tu fez a janta, dá a janta pra ele e vai dormir,

porque senão ele vai te bater” e não sei o que lá. Eu tava com muito medo de chegar em casa, eu tava com muito medo mesmo. E eu achei que ela ia, tipo... “Ah, vem aqui em casa”, me convidar pra ir na casa dela pra dormir, pra dar um tipo... aquela noite não acontecer nada, sabe? Mas não, ela me deixou na porta de casa, simplesmente foi embora. O que me deixa mais triste é a mamãe proteger o filho que faz esse tipo de coisa, sabe? [DEP01-016]

Eu lembro que naquela noite eu cheguei em casa, perguntei se ele queria comer, ele disse que não e eu fui direto pro quarto. Ele entrou no quarto, começou a falar um monte de coisa, falou que eu envergonhei ele na frente dos amigos dele. Ele me agrediu muito, ele me bateu muito, me jogou contra a parede, me agrediu muito naquela noite. E eu lembro que a avó dele se meteu, foi a única vez que a avó dele se meteu, e pediu pra ele parar. Falar... falou pra ele parar, que ia me machucar e tudo mais. Ele olhou pra avó dele e falou que não era pra ela se meter, porque senão ela também iria apanhar. E, enfim, a avó dele entrou pro quarto e eu fiquei no meu quarto. Ele dormiu na sala aquela noite. Eu fiquei a noite toda acordada, chorando. É... enfim, toda dolorida. [DEP01-017]

Eu lembro que no outro dia, eu consegui dar umas cochiladas, e, no outro dia de manhã, eu acordei pra ir trabalhar e eu tava muito atrasada pro trabalho. E ele sempre, quando ele ia trabalhar, ele passava por frente do meu trabalho, da padaria que eu trabalhava. E eu perguntei pra ele: “Você vai me dar uma carona?” e ele disse que não, que era pra mim ir de a pé. E era muit... na cidade onde a gente morava era bem frio assim, sabe? No inverno, era bem frio mesmo, e tava muito frio de manhã, tava muito frio. E eu lembro que eu fui de a pé, e era bem longe assim, eu fui de a pé até na padaria que eu trabalhava. E eu cheguei bem atrasada. E eu lembro que ia... quando a gente chegava, algumas das meninas chegavam atrasadas pra trabalhar, a gente não dava bom dia, dava boa tarde. E as meninas brincavam assim comigo, eu cheguei pra trabalhar, as meninas falavam: “ah, boa tarde A.”, tudo mais. Meio que zoavam assim, sabe? E eu tava tão... cheia, tão cansada da noite cansativa que eu passei. Eu fiquei séria, assim sabe. E elas acharam meio estranho, porque eu sempre era uma menina brincalhona, que dava risada, sempre escondia todas as coisas. Enfim, eu vivia a vida, né. E elas achavam, acharam bem estranho, ficaram bem na delas. [DEP01-018]

E uma gerente minha viu que tá... tinha alguma coisa errada e me chamou pra conversar. Chegando na sala pra conversar, ela perguntou o que que aconteceu,

porque eu não era daquele tipo, o que que tava acontecendo, que eu não poderia atender os clientes do tipo que eu tava, que eu tava... que dava pra ver um clima ruim em mim e tudo mais. E ela foi a primeira pessoa que eu contei sobre as agressões. Eu lembro que eu contei pra ela e eu me desabei, sabe? Chorei muito, muito, muito, e ela super me apoiou, me aconselhou, me abraçou, conversou comigo, ficou, tipo, horas conversando comigo, e eu me acalmei, eu chorei muito. Me acalmei e ela pegou e chamou uma amiga minha pra ficar comigo na sala, até eu me acalmar bem. [DEP01-019]

Eu lembro que eu lavei meu rosto e, como que eu trabalhava em padaria, eu tinha que amarrar meu cabelo, fazer um coque pra colocar a touquinha. Quando eu ergui meu cabelo pra amarrar, fazer o coque, eu vi que tinha sangue na minha cabeça, eu fiquei... “Cara... o que que eu tô vivendo, sabe? Isso não é um relacionamento saudável!”. “Eu tenho minha família, sabe? Eu sei que minha família vai me apoiar, por que eu tô vivendo aqui assim?” [DEP01-020]

É... foi aí que eu liguei pra minha família e falei: “Olha... mãe, eu tô voltando pra casa”. Aí a minha mãe ficou super preocupada, perguntou o que tava acontecendo, eu falei: “Olha, chegando em casa a gente conversa”. É... eu lembro que, nesse dia, eu fui pra casa de uma amiga minha que trabalhou na padaria comigo. A galera da dessa padaria super me apoiou, super me aconselhou, falou pra mim denunciar e tudo mais. Lembro que, nessa noite, eu fiquei na casa dessa minha amiga. Enfim, no outro dia de manhã, ela e o namorado dela foram até na minha casa e buscaram todas as minhas coisas e me trouxeram pra casa da minha mãe. [DEP01-021]

É... eu pedi a conta do trabalho. O dono da padaria, o meu patrão, ele super me apoiou, sabe? Não queria que eu fosse embora, queria que eu ficasse ali. Ele disse que ia dar todo o suporte necessário. A galera super me apoiou, uma galera super boa. Eu pensava, assim, comigo, que eles nunca iam me apoiar, nunca iam ficar do meu lado e achar que eu era uma mentirosa, porque eles mal me conheciam. Eles conheciam a família dele, então eles iam super ficar do lado deles. Mas não, eu tava bem enganada. A galera super me apoiou e super, tipo... Fez eu me sentir amada, sabe? E super me deram o suporte necessário até eu ir pra minha casa. [DEP01-022]

Chegando em casa, eu contei tudo pra minha mãe tudo que tinha acontecido. Minha mãe ficou mega mal. Muito mal mesmo, por eu não ter contado pra ela, porque ela sempre... ela falou pra mim que ela fez uma filha pra... pra não homem nenhum. Ela criou uma filha pra homem nenhum encostar a mão. Minha mãe ficou muito revoltada,

meus irmãos ficaram muito revoltados. Eu acho que o meu erro foi não ter denunciado as agressões, sabe? Eu vim embora e não denunciei. É.... Depois de tudo isso, super tive o apoio da minha família, que eu achava que eu não ia ter, que eles iam achar que, sei lá o que, que tava mentindo ou algo assim. Super tive apoio, amor e carinho da minha família. [DEP01-023]

Eu passei por várias etapas de psicólogo, tive muito também apoio psicólogo. Depois disso eu tive muito ataque de pânico e... muitos, muitos ataques de pânico. É.... eu nunca queria ter envolvimento com homem algum por medo de tudo isso acontecer de volta, sabe? Lembro uma vez que eu fui para uma psicóloga, uma pastora da minha igreja, que ela era pastora e psicóloga, e eu comentei com ela que eu nunca queria ter envolvimento com homem nenhum, sabe? Por medo de tudo isso acontecer de volta, porque aquilo tinha me machucado muito, eu tinha muito medo de acontecer aquilo de volta. E ela falou pra mim assim: “ó, A., nem todos os homens são maus, sabe? Existe homem bom no mundo, existem homens que valorizem a mulher”. E durante um bom tempo eu não tive relacionamento com homem nenhum. Eu não queria ter relacionamento com nenhum homem. [DEP01-024]

E eu conheci uma pessoa incrível na minha vida, é.... uma pessoa que me respeita, que me trata como uma mulher, que eu acho que vocês, mulheres, não podem receber menos do que isso, sabe? Uma mulher ser tratada com respeito, sabe? Ele é uma pessoa incrível, ele foi a melhor coisa que me aconteceu na minha vida, ele me ajudou a passar por vários medos, por vários ataques de pânico, ele tava ali comigo, me apoiando, e eu acho que é isso, sabe? [DEP01-025]

É.... Você que passou por um relacionamento abusivo, denuncie, sabe? Não deixe isso passar impune. Lembro, depois, quando terminei o relacionamento abusivo, eu soube que ele também, tipo, a ex-namorada dele também tinha relacionamento abusivo com ele. E eu fico pensando: “Poxa, cara, eu não denunciei”, sabe? Hoje em dia, uma pessoa pode estar passando por aquilo que eu passei, sabe? Se eu tivesse denunciado, se a ex-namorada dele tivesse denunciado, eu não teria passado por aquilo. Se eu tivesse denunciado, outra pessoa não poderia estar passando por aquilo que eu passei, sabe? [DEP01-026]

E... e é isso, gente. Denunciem, sabe? Super dá apoio. Se você conhece alguém que passa por isso, dá apoio, conversa com elas. Às vezes, num momento ela não pode abrir o olho, mas uma hora ela vai ver na real, ela vai precisar de apoio de alguém, sabe? E é isso, gente. Hoje em dia, o que eu sinto por essa pessoa é pena. Sinto muita

pena por ele ter se tornado a pessoa que ele se tornou, sabe? Tenho muita pena. E eu não desejo nada de mal, eu só desejo que essa pessoa, ela mude o caráter dela. E é isso, gente. Se você gostou do vídeo, deixe seu like, não se esqueça de se inscrever no canal, ative o sininho pra receber todas as notificações. E se você conhece alguém que passa por isso, sabe, manda esse vídeo pra essa pessoa, talvez possa estar ajudando. E é isso. E até o próximo vídeo. Beijo, tchau! [DEP01-027]

ANÁLISE

No início do discurso, em “*Oi gente, tudo bem com vocês? Meu nome é Andressa. Estou aqui para gravar mais um vídeo para o meu canal. Bom, gente, hoje eu vim conversar com vocês um assunto meio complicado, mas necessário de se falar*”, a depoente se apresenta, estabelecendo proximidade com o público que estaria a assistindo, por meio de “*gente*”. Ela enuncia, também, sobre o que vai conversar: “*um assunto meio complicado, mas necessário de se falar*”, assunto este que não se sabe ainda qual é, apenas que a ele é conferido atributos como “*meio complicado*” e “*necessário*”. É de se pensar o porquê que o assunto a ser abordado recebe esses atributos.

Ao enunciar “*Esses dias eu estava passando o feed no meu Facebook e vi várias publicações de meninas falando sobre relacionamento abusivo, fotos de meninas super machucadas e tudo mais. E, também, esses dias, eu tinha postado no story do meu Instagram um link de uma menina relatando um relacionamento abusivo, e várias meninas me chamaram no direct, falando que já passaram por isso, que conhecem pessoas que passam por isso e não sabem como se impor em relação a isso. Eu falei: ‘Poxa, cara, por que não gravar um vídeo relacionado a isso?’*”. Também porque eu já passei por um relacionamento abusivo, sabe?”, chama a atenção que ela faz uso do substantivo “*meninas*” em todas as suas construções discursivas, o que sugere uma inocência, implicitamente, atribuída a essas pessoas. Aqui, ela conta o que a teria motivado a gravar o vídeo em questão ([...] *várias meninas me chamaram no direct, falando que já passaram por isso, que conhecem pessoas que passam por isso e não sabem como se impor em relação a isso. Eu falei: ‘Poxa, cara, por que não gravar um vídeo relacionado a isso?’*”, ao mesmo tempo em que assume ter sido vítima de um relacionamento abusivo “*Também porque eu já passei por um relacionamento abusivo, sabe*”

Nota-se, já aqui, que a experiência vivida é nomeada como “*relacionamento abusivo*”. O termo “*abusivo*” sugere, por si só, que há o abuso de limites estabelecidos, sejam eles implícitos, sejam explícitos, os quais seriam ultrapassados. Assim, a nomenclatura “*relacionamento abusivo*” apontaria para uma relação em que um dos integrantes da interação ultrapassa limites tidos como toleráveis – nesse caso, o parceiro.

Ao enunciar que “*Hoje. eu vim meio que resumir, contar pra vocês como que eu entrei num relacionamento abusivo e como que eu saí de um relacionamento abusivo*” D.V estaria explicitando o seu propósito com o vídeo, que seria *meio que resumir e contar* sobre como entra e como sai de um relacionamento abusivo.

Em “[...] *Era um menino super... pelo que eu escutava, um menino super massa. Eu sempre, nunca tive contato com ele. Eu sempre seguia ele nas redes sociais. Chegou num dia que ele tinha postado um story de um gato no Instagram dele, e eu acabei respondendo a story dele e tudo mais. E a gente acabou conversando. E eu lembro que ele morava aqui na cidade vizinha. Aí eu acabei indo na cidade dele, encontrei ele, e a gente começou a conversar e acabou se relacionando, né? A gente acabou namorando*”, observa-se que ao se referir ao parceiro, para além de ser utilizado o termo “*menino*”, o que remete a uma inocência/ ingenuidade, é conferido o atributo “*super massa*”, e não por uma perspectiva própria, mas pelo que ela escutava (“*Era um menino super... pelo que eu escutava, um menino super massa*”).

Nota-se que o movimento de iniciativa para contatos, sejam eles físicos ou virtuais, parte de D.V; ela quem segue nas redes sociais (“*Eu sempre seguia ele nas redes sociais*”); quem responde ao story dele (“*e eu acabei respondendo a story dele e tudo mais*”); quem vai até a cidade dele (“*Aí eu acabei indo na cidade dele, encontrei ele*”). Também, constata-se que a narrativa poupa alguns detalhes, de forma que se depara com alguns períodos em que não se sabe o que aconteceu no meio, como em: “*encontrei ele, e a gente começou a conversar e acabou se relacionando, né? A gente acabou namorando*” – não se sabe como se deu o processo de encontrar até namorar.

Observe-se que em “*E o relacionamento abusivo começou com uma mensagem no WhatsApp. Eu recebi uma mensagem no WhatsApp de um amigo meu, perguntando como que eu tava, me dando os parabéns porque eu tava namorando e tudo mais. E ele perguntou quando é que eu ia visitar eles na igreja, a galera da igreja e tudo mais, quando que eu ia voltar pra visitar eles. E eu super respondi o menino, porque, pra*

mim, não vi nada de mais naquilo”, o verbo “*começou*” marcaria o início de algo que, supostamente, até então, não acontecia, no caso, o “*relacionamento abusivo*”. Em “*E eu super respondi o menino, porque, pra mim, não vi nada de mais naquilo*”, ao destacar que “*pra mim, não vi nada de mais naquilo*”, subentende-se que, para ela, responder o amigo no WhatsApp não seria “*nada de mais*”, mas que para outra pessoa, poderia vir a ser.

Chama a atenção, em “*Eu lembro que ele viu meu celular e quebrou meu celular, sabe? E eu peguei o meu celular na mão, ele me empurrou e eu caí sentada no chão, e eu lembro que eu fiquei olhando pra cara dele bem assustada, porque aquilo nunca tinha acontecido comigo, e ele me xingou de várias coisas, enfim. Eu lembro que eu fiquei muito assustada, muito mesmo*”, a recorrência de “*eu lembro*”, da qual se supõe que essa lembrança ainda é vívida para a mulher. Com “*ele me empurrou e eu caí sentada no chão, e eu lembro que eu fiquei olhando pra cara dele bem assustada, porque aquilo nunca tinha acontecido comigo*”, ao enunciar sobre o primeiro episódio de agressão (pelo menos reconhecido por ela), D.V diz de como se sentiu “*bem assustada*”, afinal “*aquilo nunca tinha acontecido comigo*”, em que se subentende “*aquilo*” referir-se à violência. Aqui, o autor da violência é referido apenas com o pronome “*ele*”.

Já em “*E ele pegou, depois quando ele viu o que tinha feito, ele me levantou do chão e me pediu perdão e falou que no outro relacionamento dele, ele tinha sido traído e tudo mais. E eu peguei e me senti culpada por ter respondido a pessoa no meu WhatsApp, porque ele já passou por aquilo, sabe? E eu perdoei ele. E o meu erro foi ter perdoado a primeira agressão dele. E depois dessas, as agressões só aumentaram, sabe?*” supõe-se ter sido traído no outro relacionamento dele, seria respaldo para a conduta violenta que teve. Também, observe-se que D.V sente-se culpada por ter respondido o amigo (“*me senti culpada por ter respondido a pessoa no meu WhatsApp, porque ele já passou por aquilo*”) em razão de uma questão que era do companheiro, e não dela (ter sido traído).

Ao enunciar que “*E eu perdoei ele. E o meu erro foi ter perdoado a primeira agressão dele*”, pode-se apontar que é uma leitura retroativa que só consegue dizer, naquele momento em que grava o vídeo e não está mais na relação, em que “*o meu erro foi*” sugere que reconhece sua implicação na relação “*ter perdoado a primeira agressão dele*”. Fica explícito, também, que “*as agressões só aumentaram*”.

Em “*Eu era agredida por eu andar de moto e ficar se mexendo na moto, atrás, enquanto ele pilotava, porque eu não ficava tipo durinha na moto. Eu era agredida por eu não ter feito um pão, que era minha obrigação de mulher. Eu tava em casa, então eu devia tá fazendo um pão, para ele comer depois do trabalho. Eu era agredida por várias coisas nada a ver, sabe?*”, constata-se que D.V relata situações disparadoras de violência identificadas por ela. Chama a atenção que na construção discursiva “*Eu tava em casa, então eu devia tá fazendo um pão, para ele comer depois do trabalho*”, ela está assumindo para si um discurso que era dele, mas que não é enunciado com distanciamento, e, sim, como se essa percepção fosse dela.

Já em “*E ele sempre jogava pra mim e falava: “Você é a culpada, você está apanhando porque você é a culpada, porque é sua obrigação fazer isso, porque é sua obrigação fazer aquilo”. Eu sempre me sentia culpada, realmente me sentia culpada. Ele jogava que eu era culpada naquilo e eu sempre falava: “Poxa, eu sou culpada naquilo”. Então, eu acabava perdendo todas as agressões dele*” constata a tentativa, bem-sucedida, do parceiro de culpá-la pela violência sofrida. Fica implícito que na medida em que se sentia culpada, ela o perdoava: “*Então, eu acabava perdendo todas as agressões dele*” – é se de pensar que as agressões eram dele (“*agressões dele*”), mas a culpa era assumida como dela.

Observe-se que em “*Ele sempre falava que eu nunca ia achar um cara massa, que ele era o único cara que ia aguentar ele, sabe? E eu ficava... falando que eu era feia, que eu era aquilo. E eu sempre colocava na minha cabeça: “Poxa, ele tem razão, sabe? Eu nunca vou achar um cara legal. Se eu também apanhei, eu nunca vou achar um cara legal. Eu não sou bonita, eu sou feia”. E eu sempre, tipo, aguentava tudo aquilo*” D.V assume para si discursos depreciativos do ex-parceiro sobre ela. Com “*Ele sempre falava que eu nunca ia achar um cara massa*” e “*Poxa, ele tem razão, sabe? Eu nunca vou achar um cara legal*”, fica subentendido, pelas construções discursivas, que o parceiro em questão não seria alguém com os atributos “*massa*” e nem “*legal*”.

Considerando o enunciado “*E a avó dele já era de idade e convidou a gente pra ir morar com ela. E a gente foi. E eu fiquei muito animada pra ir morar na cidade, porque a gente morava num sítio, não tinha vizinhos e tudo mais. Eu pensei: “Poxa, lá vai ter vizinho, sabe?”*”. Lá, eu vou poder arrumar um trabalho, a gente vai morar com a vó dele, a mãe dele vai estar perto. Ele não vai poder mais me agredir, sabe? Ele não vai poder mais me bater. E os meus pensamentos foram totalmente ao contrário, sabe? As agressões continuavam”, constata-se que D.V. associou que a presença de

“vizinhos”, da “avó dele” e da “mãe dele” poderia impedir as agressões – o que não aconteceu “*As agressões continuavam*”.

Fica entendido, em “*Então, eu fui e eu lembro que chegando em casa, naquela noite, eu apanhei muito, porque ele disse que tava me frescando para os meus irmãos, porque aquilo não era certo o que eu tava fazendo. Que quem ia ver de fora ia achar o que de mim, ia achar o que dele. E eu apanhei muito aquela noite porque, é... eu tava, tipo, abracei meus irmãos, sabe, brinquei com meus irmãos*”, que D.V estaria contando de uma situação disparadora de violência, que seria acompanhada pela tentativa do parceiro de culpá-la pela agressão sofrida: “*E ele falou que aquilo era errado, que eu tava apanhando por causa daquilo, que aquilo não é coisa que uma menina casada se fazia*”. Chama atenção o uso do substantivo “*menina casada*”, que remeteria à inocência de uma *menina*.

Já em “*E eu realmente coloquei na minha cabeça que aquilo não era coisa mesmo, sabe? Coisa feia da minha parte, né? Eu tenho um relacionamento massa com meus irmãos, tenho um relacionamento bom com meus irmãos. E eu sempre me via muito culpada com tudo aquilo*”, constata-se que ela assumia para si a culpa pela agressão.

Identifica-se que é reconhecido um momento que demarca o movimento de romper com a relação, em “*Eu lembro um dia que foi quando eu dei um chega assim, sabe, que eu decidi ir embora, que eu decidi dar um chega, que eu vi, abri realmente meus olhos, vi que era um relacionamento mega abusivo*”, em que o verbo “*decidi*” aponta para uma decisão que antes não cogitava.

O medo é enunciado como um sentimento que permearia a relação, como em: “*Eu tava com muito medo de chegar em casa, eu tava com muito medo mesmo. E eu achei que ela ia, tipo... “Ah, vem aqui em casa”, me convidar pra ir na casa dela pra dormir, pra dar um tipo... aquela noite não acontecer nada, sabe? Mas não, ela me deixou na porta de casa, simplesmente foi embora. O que me deixa mais triste é a mamãe proteger o filho que faz esse tipo de coisa, sabe?*”. Aqui, também, constata-se uma permissividade familiar em relação à violência sofrida por D.V (“*mamãe proteger o filho que faz esse tipo de coisa*”), que vai em oposto ao que D.V esperava da mãe dele: uma postura de cuidado e preocupação em relação a ela, e conta do que isso provocada nela mesma: “*me deixa mais triste*” – fica implícito que isso poderia entristecê-la até mais do que a agressão.

Fica explícito as agressões cometidas pelo parceiro em “*Ele entrou no quarto, começou a falar um monte de coisa, falou que eu envergonhei ele na frente dos amigos dele. Ele me agrediu muito, ele me bateu muito, me jogou contra a parede, me agrediu muito naquela noite*”. Já em “*E eu lembro que a avó dele se meteu, foi a única vez que a avó dele se meteu, e pediu pra ele parar. Falar... falou pra ele parar, que ia me machucar e tudo mais. Ele olhou pra avó dele e falou que não era pra ela se meter, porque senão ela também iria apanhar. E, enfim, a avó dele entrou pro quarto e eu fiquei no meu quarto*” fica, mais uma vez, constatado que as violências eram de conhecimento da família.

Ao enunciar que “[...] *E eu lembro que ia... quando a gente chegava, algumas das meninas chegavam atrasadas pra trabalhar, a gente não dava bom dia, dava boa tarde. E as meninas brincavam assim comigo, eu cheguei pra trabalhar, as meninas falavam: “ah, boa tarde A.”, tudo mais. Meio que zoavam assim, sabe? E eu tava tão... cheia, tão cansada da noite cansativa que eu passei*” ela atribui ao episódio de agressão a expressão “*noite cansativa*”. Na sequência, em “*Eu fiquei séria, assim sabe. E elas acharam meio estranho, porque eu sempre era uma menina brincalhona, que dava risada, sempre escondia todas as coisas. Enfim, eu vivia a vida, né. E elas achavam, acharam bem estranho, ficaram bem na delas*”, ela se refere, outra vez, como menina: “*menina brincalhona*”. Com “*Enfim, eu vivia a vida, né*”, supõe-se que viver a vida estaria atrelado a *dar risada e esconder todas as coisas*.

Pode-se considerar, pelo trecho “*E uma gerente minha viu que tá... tinha alguma coisa errada e me chamou pra conversar. Chegando na sala pra conversar, ela perguntou o que que aconteceu, porque eu não era daquele tipo, o que que tava acontecendo, que eu não poderia atender os clientes do tipo que eu tava, que eu tava... que dava pra ver um clima ruim em mim e tudo mais. E ela foi a primeira pessoa que eu contei sobre as agressões. Eu lembro que eu contei pra ela e eu me desabei, sabe? Chorei muito, muito, muito, e ela super me apoiou, me aconselhou, me abraçou, conversou comigo, ficou, tipo, horas conversando comigo, e eu me acalmei, eu chorei muito*”, que “*alguma coisa errada*” estaria em contradição a “*ser brincalhona*” e “*dar risada*” (“*E uma gerente minha viu que tá... tinha alguma coisa errada e me chamou pra conversar*”), bem como falar sobre a violência pela primeira vez, causa sofrimento (“*E ela foi a primeira pessoa que eu contei sobre as agressões. Eu lembro que eu contei pra ela e eu me desabei, sabe?*”).

Observe-se, em *“Quando eu ergui meu cabelo pra amarrar, fazer o coque, eu vi que tinha sangue na minha cabeça, eu fiquei... ‘Cara... o que que eu tô vivendo, sabe? Isso não é um relacionamento saudável!’”*. *“Eu tenho minha família, sabe? Eu sei que minha família vai me apoiar, por que eu tô vivendo aqui assim?”*, que ela estaria enunciando sobre marcas da violência (*“tinha sangue na minha cabeça”*), bem como é possível pensar sobre um reconhecimento da condição de vítima de violência e da qualidade do relacionamento (*“Cara... o que que eu tô vivendo, sabe? Isso não é um relacionamento saudável!”*).

É possível se pensar na importância da rede de apoio para D.V em *“É... foi aí que eu liguei pra minha família e falei: ‘Olha... mãe, eu tô voltando pra casa’”. Aí a minha mãe ficou super preocupada, perguntou o que tava acontecendo, eu falei: ‘Olha, chegando em casa a gente conversa’”. É... eu lembro que, nesse dia, eu fui pra casa de uma amiga minha que trabalhou na padaria comigo. A galera da dessa padaria super me apoiou, super me aconselhou, falou pra mim denunciar e tudo mais. Lembro que, nessa noite, eu fiquei na casa dessa minha amiga. Enfim, no outro dia de manhã, ela e o namorado dela foram até na minha casa e buscaram todas as minhas coisas e me trouxeram pra casa da minha mãe”,* em que tanto a família (*“liguei pra minha família”*), quanto o círculo de amizade (*“A galera da dessa padaria super me apoiou, super me aconselhou, falou pra mim denunciar e tudo mais”*; *“Lembro que, nessa noite, eu fiquei na casa dessa minha amiga”*) teriam sido referências de apoio importantes para a depoente.

Da mesma forma, constata-se a importância dada ao apoio em: *“É... eu pedi a conta do trabalho. O dono da padaria, o meu patrão, ele super me apoiou, sabe? Não queria que eu fosse embora, queria que eu ficasse ali. Ele disse que ia dar todo o suporte necessário. A galera super me apoiou, uma galera super boa”*. Em contraponto, pontua-se que, em algum momento, cogitou não ser apoiada e credibilizada: *“Eu pensava, assim, comigo, que eles nunca iam me apoiar, nunca iam ficar do meu lado e achar que eu era uma mentirosa, porque eles mal me conheciam”*. Nota-se, também, que D.V associa apoio a sentir-se amada: *“A galera super me apoiou e super, tipo... Fez eu me sentir amada, sabe? E super me deram o suporte necessário até eu ir pra minha casa”*.

Chegando em casa, eu contei tudo pra minha mãe tudo que tinha acontecido . Minha mãe ficou mega mal. Muito mal mesmo, por eu não ter contado pra ela, porque ela sempre... ela falou pra mim que ela fez uma filha pra... pra não homem nenhum. Ela

criou uma filha pra homem nenhum encostar a mão. Minha mãe ficou muito revoltada, meus irmãos ficaram muito revoltados. Eu acho que o meu erro foi não ter denunciado as agressões, sabe? Eu vim embora e não denunciei. É.... Depois de tudo isso, super tive o apoio da minha família, que eu achava que eu não ia ter, que eles iam achar que, sei lá o que, que tava mentindo ou algo assim. Super tive apoio, amor e carinho da minha família.

A depoente enuncia sobre as consequências provocadas pelas violências sofridas em “*Depois disso eu tive muito ataque de pânico e... muitos, muitos ataques de pânico. É.... eu nunca queria ter envolvimento com homem algum por medo de tudo isso acontecer de volta, sabe?*”, em que se destaca impactos psicológicos (*ataque de pânico*) e medo de se relacionar de novo. Já em “*Lembro uma vez que eu fui para uma psicóloga, uma pastora da minha igreja, que ela era pastora e psicóloga, e eu comentei com ela que eu nunca queria ter envolvimento com homem nenhum, sabe? Por medo de tudo isso acontecer de volta, porque aquilo tinha me machucado muito, eu tinha muito medo de acontecer aquilo de volta. E ela falou pra mim assim: ‘ó, A., nem todos os homens são maus, sabe? Existe homem bom no mundo, existem homens que valorizam a mulher’*”, chama a atenção a psicóloga ser, ao mesmo tempo, pastora. É de se perguntar se D.V teria a procurado como referência profissional ou religiosa. Destaca-se, também, o quanto o medo se presentifica na narrativa da mulher, em razão dos desdobramentos da relação violenta. É interessante que, em “*E ela falou pra mim assim: ‘ó, A., nem todos os homens são maus, sabe? Existe homem bom no mundo, existem homens que valorizam a mulher’*”, há a associação de que “homem bom” seria “homem que valoriza a mulher”, subentendendo que o ex-companheiro de D.V seria “mau”.

Pode-se dizer de um deslocamento entre “*E durante um bom tempo eu não tive relacionamento com homem nenhum. Eu não queria ter relacionamento com nenhum homem*” e “*E eu conheci uma pessoa incrível na minha vida*”, tendo em vista que não é enunciado o que acontece no intervalo entre não querer se relacionar com homem nenhum e conhecer uma pessoa incrível. É interessante que, pela primeira vez em sua narrativa, ela se nomeia como “mulher”, e não como menina: “*uma pessoa que me respeita, que me trata como uma mulher, que eu acho que vocês, mulheres, não podem receber menos do que isso, sabe? Uma mulher ser tratada com respeito, sabe?*”, em que é possível, também, observar que ela se comunica com as mulheres que a estaria assistindo. Seguindo, em “*Ele é uma pessoa incrível, ele foi a melhor coisa que me*

aconteceu na minha vida, ele me ajudou a passar por vários medos, por vários ataques de pânico, ele tava ali comigo, me apoiando, e eu acho que é isso, sabe?”, pontua-se que ao novo companheiro é conferido atributos de “*pessoa incrível*” e “*ele foi a melhor coisa que me aconteceu na minha vida*”, o que sugere um grau de idealização desse homem.

Já em “*E... e é isso, gente. Denunciem, sabe? Super dá apoio. Se você conhece alguém que passa por isso, dá apoio, conversa com elas. Às vezes, num momento ela não pode abrir o olho, mas uma hora ela vai ver na real, ela vai precisar de apoio de alguém, sabe?*”, observa um discurso, socialmente e culturalmente, propagado em situações de violência contra a mulher de “*Denunciem, sabe?*”. Em “*Se você conhece alguém que passa por isso, dá apoio, conversa com elas*”, o “*alguém*”, inicialmente mencionado, é deslocado para “*elas*”, sugerindo que há o entendimento, implícito, de que o público-alvo – tanto do vídeo, quanto vítima de relações violentas – seriam mulheres (marcado pelo pronome “*elas*”). Ao enunciar que “*mas uma hora ela vai ver na real, ela vai precisar de apoio de alguém*”, fica subentendido que “*ver a real*”, implicaria na necessidade de “*precisar de apoio de alguém*”. É de se pensar que, aqui, ela fala a partir da própria experiência, do que se subentende que em algum momento, ela mesma, “*ela não pode abrir o olho*”, não se dando conta da “*real*”.

Em “*Lembro, depois, quando terminei o relacionamento abusivo, eu soube que ele também, tipo, a ex-namorada dele também tinha relacionamento abusivo com ele. E eu fico pensando: “Poxa, cara, eu não denunciei”, sabe? Hoje em dia, uma pessoa pode estar passando por aquilo que eu passei, sabe? Se eu tivesse denunciado, se a ex-namorada dele tivesse denunciado, eu não teria passado por aquilo. Se eu tivesse denunciado, outra pessoa não poderia estar passando por aquilo que eu passei, sabe?, “eu não denunciei”* permite que hipotetizemos que a enunciadora desse discurso se posiciona nesse momento como alguém que talvez devesse ter denunciado o ex-companheiro. Observe-se que, na sequência, ela aponta que “*se*” ela tivesse denunciado, “*se*” a ex-namorada tivesse denunciado, TALVEZ (o que o futuro do pretérito “*teria*” nos permite subentender) ela não “*teria passado por aquilo*”.

Finalizando, em “*E é isso, gente. Hoje em dia, o que eu sinto por essa pessoa é pena. Sinto muita pena por ele ter se tornado a pessoa que ele se tornou, sabe? Tenho muita pena. E eu não desejo nada de mal, eu só desejo que essa pessoa, ela mude o caráter dela*”, D.V estaria contando do sentimento que, agora, nutre pelo ex-parceiro: “*Sinto muita pena*”. Ao dizer que “*não desejo nada de mau*”, não necessariamente

estaria desejando “algo de bom”, já que, se assim fosse, isso teria sido enunciado de forma explícita. Supõe-se que em “*só desejo que essa pessoa, ela mude o caráter dela*”, “*caráter*”, aqui, estaria associado à violência cometida por ele.

Também, observa-se em “*E é isso, gente. Se você gostou do vídeo, deixe seu like, não se esqueça de se inscrever no canal, ative o sininho pra receber todas as notificações*” um deslocamento da experiência para uma fala tida como padrão para quem grava e publica vídeos em plataformas digitais, como o Youtube. Considerando isso, subentende-se que seria uma tentativa, por parte da depoente, de manter um bom engajamento sem se comprometer e implicar uma reflexão crítica do sentido da experiência para ela. Por fim, com “*E se você conhece alguém que passa por isso, sabe, manda esse vídeo pra essa pessoa, talvez possa estar ajudando. E é isso. E até o próximo vídeo. Beijo, tchau!*” pode-se considerar que ela estaria enunciando que seu vídeo, sobre seu relato pessoal, poderia ajudar alguém em situação semelhante.

Título/Link: Relato sobre a agressão doméstica que sofri... Parte 1. - [DEP02]

Tipo de mídia: Vídeo

Duração: 12min31s

Fonte: YouTube

Ano: 2018

Autor (a)/ Quem produziu: O vídeo faz parte do canal “Sara Carvalho”, que se trata de um canal pessoal.

Termos de busca utilizados: “Relatos de mulheres vítimas de relacionamento abusivo”

Observações: Trata-se de um vídeo gravado pela própria mulher, que conta sobre sua experiência na condição de vítima de violência na relação amorosa. Em alguns momentos do vídeo, é possível identificar, ao fundo, um galo cantando e choro de bebê.

TRANSCRICÃO

Olá, pessoas do bem. Estou aqui de volta. Para quem me acompanha no Instagram, já sabe de toda a história. Já sabe, inclusive, de tudo que se trata, de tudo que aconteceu, de tudo que se passou. Mas eu vim aqui porque eu quero postar no Facebook também. Eu quero atingir o máximo de pessoas possível, não para denegrir a imagem de ninguém, eu não citei o nome de ninguém. Só vim aqui falar de violência doméstica. [DEP02-01]

Pra você que pensa que violência doméstica é algo de outro mundo, que é algo que é culpa da mulher, que eu ouvi muito isso... “Ah, S.C.. pra ser agredida dessa forma, com certeza você aprontou”. Não! Eu não aprontei! O que eu fiz foi ser eu mesma. Eu obedeci... e ele sabe disso. [DEP02-02]

Ele não tem o que falar de mim durante todo o casamento. Ninguém tem o que falar de mim durante todo o casamento, porque desde o dia que eu me casei, até o dia que eu saí de casa, eu não o traí, eu não fiz nada. Não que eu tenha feito agora. Eu falo no sentido de respeito. De respeito a alguém que não me respeitava, de alguém que tinha dupla personalidade e falava que eu era a culpada por tudo. É isso que acontece. É de tentar jogar pro outro a culpa, a culpa de “Ah, eu te bati, eu perdi a cabeça, porque tu falou aquilo”. Isso não existe. Isso não existe! Violência doméstica... nada justifica isso! Nada! [DEP02-03]

E é muito comum mulheres sofrerem agressões diariamente. Não estou falando de agressão física, de... “Ah, meu marido nunca me bateu”, mas te xinga, te humilha. Existem vários tipos de abuso, né? De agressão. Tem agressão moral, física, verbal.

Existem muitas! Patrimonial... Por exemplo, aconteceu comigo de “Tira o anticoncepcional”, pra engravidar novamente. Pra quê?!? Pra amarrar a mulher ali e ela não conseguir mais sair, porque eu já tenho um filho, então mais um seria perfeito pra amarrar e que eu aceitasse. E eu já estava aceitando aquela situação. Pra mim, já era natural... apanhar, ficar cheia de hematomas. Algumas fotos eu vou postar aqui, também, pra que vocês tenham uma noção do que eu tô falando. [DEP02-04]

Ééé... um ciúme, leva uma pessoa a fazer besteiras, a fazer, a ver, a imaginar – que eu não sei o nome disso, me desculpa – eu não sei se é uma doença, eu não sei se... não sei explicar, porque o que eu vivi, eu espero um dia poder ajudar alguém. Não sei se, com esses vídeos, eu já esteja ajudando alguém, porque uma agressão gera tantos problemas... que eu sei, porque eu tenho enfrentado. [DEP02-05]

Essas unhas vermelhas, aqui [levanta a mão e aponta, com a outra, para as próprias unhas], não são porque eu amo vermelho, são porque eu não podia usar um esmalte assim, porque assim não é mulher casada que usa. Vocês acreditam nisso? Você que é mulher, você que gosta de pintar sua unha de vermelho e é casada, você acha que isso aqui não é coisa de mulher casada?!? O que que tem a ver?!? O que que tem a ver você cortar seu cabelo?!? O que que tem a ver você pintar o seu cabelo?!? O que que tem a ver você querer ficar bonita? Você quer dizer que você quer arrumar alguém? Isso é o que passa na cabeça de um doente, de uma pessoa que precisa de um tratamento urgente... Urgente! [DEP02-06]

E eu confesso pra vocês: eu não tive coragem de denunciar antes. Não tive. Por quê? Porque a gente acredita sempre... a mulher, desde o princípio, ela é mais sensível, ela é mais romântica. Eu queria minha família. Eu casei foi pra viver. Eu casei pra ter minha família, pra ter meus filhos, pra ter um lar, pra ter paz, pra ter um almoço de domingo. Porque eu sou filha única, né? Não tenho meu pai mais, não tenho mais a figura paterna que eu tinha, que era meu tio, que faleceu, também. [DEP02-07]

Então, hoje eu conto com o apoio de mulheres. São mulheres que estão ao meu lado, que me abraçam, que vêm, me visitam. “S.C., como é que você tá? Tá tudo bem?” Porque eu... [Ouve-se um galo cantar e ela olha, aparentemente, para a direção em que o animal estaria:] – Obrigada, galo. Tudo bem? Eu também, bom dia. [Dirigindo-se ao público:] – Então, são coisas assim que me marcam. Eu não tenho uma figura masculina. Uma figura masculina... [O galo canta novamente:] – Eu falei, bom dia! [DEP02-08]

Enfim, o que... mas a mensagem que eu quero deixar pra vocês é essa. É que nada... é que nada justifica agressão, não importa de quem seja, não aceite! Não permita que lhe ofendam, não permita que lhe inferiorizem, não permita que ninguém te diminua, porque você é um ser especial. Sabe por que que eu tô falando isso? Porque eu carrego comigo marcas, marcas psicológicas, marcas que nunca... e eu acredito que Deus vai me restaurar, restaurar o meu coração, vai tirar todo esse pesadelo da minha vida, porque todos os dias quando eu vou dormir, quando eu acordo, eu sempre lembro de tudo que eu vivi. [DEP02-09]

Eu levava cuspidas na cara, eu levava chutes. A última taca, que foi com cano de ferro, cabo de vassoura, o que tinha na mão. E eu não... e eu ali: “Não, eu vou insistir no meu casamento. Eu vou orar, Deus vai restaurar, ele vai mudar”. Mudou? Mudou...! Até quase me matar, me derrubar e eu perder a consciência... e a minha vizinhança inteira sabe de tudo, de tudo! Tem testemunhas? Tem testemunhas! [DEP02-10]

Muitas pessoas perguntavam assim: “Mas, S.C, por que tu continua?”. Eu respondi anteriormente: porque eu acreditava na mudança e acreditava no casamento, acreditava na família. [DEP02-11]

E eu espero em Deus que Ele mude meu coração, porque a frustração ficou, o trauma ficou. Eu não sei se eu vou ser a mesma pessoa, ééé... de acreditar novamente que pode existir alguém que vai ser... Ééé... Enfim, eu não quero entrar nesse mérito, não faz o menor sentido. E, só pra encerrar, pro vídeo não ficar tão longo e você não ver até o final, o que eu quero falar pra vocês... [Galo canta] Esse galão tá me irritando... Ééé... eu não acredito no... em alguns comentários que eu tenho recebido, principalmente por conta da exposição no Instagram: “S.C., não te expõe!”. Como assim, não me expor? Por que não? Por que não?!? Se eu já passei por tanta coisa e se eu posso ajudar, se eu posso contar, para que algumas pessoas entendam o porquê da separação. [DEP02-12]

Não teve traição da minha parte, acredito que também da dele não, mas teve muito tipo, muitos tipos de agressão que foram, assim, o principal motivo pra eu não aguentar mais, pra minha mãe chegar e falar: “S.C., se você não denunciar, eu vou denunciar”. Porque são muitas marcas, são muitos, muitos ferimentos – e fora que as marcas psicológicas são as mais duras. Essas doem na alma, você não supera da noite pro dia. [DEP02-13]

Já tem meses que eu não tenho nem tipo de acesso, nem contato, tenho a medida protetiva de urgência, que graças a... quero agradecer à delegada C. e à juíza M.L., que concedeu a minha medida protetiva e menos de... acho que menos de uma semana saiu, que normalmente dura 15 dias, mas a gravidade pediu que fosse o quanto antes. É isso que eu quero falar pra vocês. Não tenham medo de denunciar. Não tenham medo de colocar a cara pra bater. É isso que eu tô fazendo. Colocar a cara pra bater, pra evitar que pessoas falem o que não sabem, especulem coisas absurdas. [DEP02-14]

Muitas pessoas falaram absurdos que me machucaram, porque quer dizer então que... vamos supor que uma mulher traiu o marido, que não é o meu caso. É... traiu o marido, o marido vai lá e mata essa mulher. Ele tem razão, por que ele foi traído? Quer dizer, então, que ele matar, agredir, ele tem razão? “Porque... não, foi traído!”. Meu amor, não tá satisfeito? Separa, larga! Entenderam? É esse o motivo principal. [DEP02-15]

Muitas mulheres morrem porque o parceiro é ciumento. Eu senti na pele o que é ter um homem ciumento assim. Possessivo. Quem me conhece sabe, eu não saía de casa sozinha, ninguém me via por aí sozinha. Muita gente lembra, era sempre com ele, nunca sem ele. E não tem um homem nessa cidade que possa dizer que eu dei mole, durante o meu casamento. [DEP02-16]

Então, é isso. Justifiquei. Mas quem vai se... quem vai justificar a minha história é Deus, porque eu nunca vou conseguir. E eu jamais conseguiria ter forças pra gravar, pra me expor, como muita gente diz: “Pra que isso?”. Mas alguma coisa tocou no fundo do meu âmago que eu tive que vir e compartilhar com vocês. Perdoa a voz, a garganta ainda está inflamada. Mas é isso, não se calem, denuncie, porque isso é coisa séria, gente, é coisa muito séria. Não é brincadeira de criança, isso tem acontecido e as consequências são desastrosas [Choro de bebê]. Então, não se calem, tá bom? Um beijo e até breve. [DEP02-17]

ANÁLISE

Logo no início de seu discurso, observamos que S.C se dirige a um suposto público, ao qual se refere como “*peessoas do bem*” (*Olá, peessoas do bem*), o que pressupõe haver “*peessoas do mal*”, que, nesse caso, parecem não integrar o grupo de pessoas a quem ela se dirige. Com “*Estou aqui de volta*”, a depoente, na condição de sujeito do discurso, se apresenta como alguém que estaria retornando de outro lugar, já

que enunciar estar “*de volta*” implica, necessariamente, que já se esteve antes no lugar a partir do qual se fala agora (físico, para ela, virtual para seu público). Cabe pontuar que “*aqui*” é um dêitico – que se trata de um indicativo que só ganha sentido inserido em um dado contexto. Estar de volta também mostra, sem dizer, que não se estava naquele lugar.

Ao enunciar “*Para quem me acompanha no Instagram, já sabe de toda a história. Já sabe, inclusive, de tudo que se trata, de tudo que aconteceu, de tudo que se passou*”, o discurso permite que se subentenda que a *história*, a qual se refere, já foi contada, anteriormente, para um segmento do público ao qual ela se dirige neste discurso. Observa-se, neste trecho, a ênfase dada ao pronome indefinido tudo: “*de tudo que se trata, de **tudo** que aconteceu, de **tudo** que se passou*” [grifo nosso], o que indicaria que, até esse momento, não se sabe exatamente o que aconteceu, o que motivaria a intenção de narrar novamente uma certa história, como também se desconhece, ainda, o assunto de que se trata.

Com “*Mas eu vim aqui porque eu quero postar no Facebook também*”, entende-se que “*mas*”, conjunção adversativa, assume caráter justificativo, de forma que a depoente justificaria o motivo que a levaria a postar em outro canal de comunicação, porque “*Eu quero atingir o máximo de pessoas possível, não para denegrir a imagem de ninguém, eu não citei o nome de ninguém*”, em que há o pressuposto que, ao atingir o máximo de pessoas possível, poderia *denegrir* a imagem de alguém. É de se pensar as razões pelas quais a enunciadora escolhe estar nessa posição de optar por não “denegrir a imagem de ninguém. Seria por não querer prejudicar a pessoa? Seria por nutrir algum sentimento por ela?

A depoente “*não cita o nome de ninguém*”, já que esse não é o seu intuito, o qual seria dizer a respeito de violência doméstica, bem como finaliza seu trecho discursivo, anunciando o que se propõe a tratar no vídeo: “*Só vim aqui falar de violência doméstica*”. Ao considerar o fenômeno da violência doméstica, há o pressuposto de que tenha pelo menos um autor da violência e ao menos uma vítima, mas já tendo mencionado seu propósito de “*não denegrir a imagem de ninguém e não citar o nome de ninguém*”, S.C estaria sublinhando sua intenção de não envolver nenhuma outra pessoa, o que poderia indicar, até o momento, que ela vai falar apenas da sua própria experiência, de forma que, ao isolar o suposto autor da violência, necessariamente, pode-se supor a hipótese de que ela estaria se dispondo a enunciar

apenas de si mesma. Daqui, subentende-se que ela estaria se colocando na condição de quem é vítima de violência.

Em “*Pra você que pensa que violência doméstica é algo de outro mundo, que é algo que é culpa da mulher*“, S.C dirige-se a um *você* genérico, que poderia pensar que “*violência doméstica é algo de outro mundo*”, percepção essa de que a violência doméstica não seria deste “*mundo*” e, talvez, esteja bem distante das pessoas na interação em análise. Já em “*é algo que é culpa da mulher, que eu ouvi muito isso... Ah, S.C., pra ser agredida dessa forma, com certeza você aprontou*”, ao se anunciar como alguém que já foi alvo dessa forma de compreender a agressão contra a mulher, entende-se que S.C introduz que ela foi vítima de violência doméstica (*que eu ouvi muito isso*) e ela contesta isso dizendo de sua experiência, que seria seu referencial (*Não! Eu não aprontei!*), de forma que se posiciona como vítima de violência doméstica. Ao referir-se ao verbo *aprontar*, estaria apontando para a possibilidade de que tivesse feito alguma coisa que seria motivo para que fosse agredida, sugerindo sobre o imaginário social de que a violência perpetrada contra a mulher seria em razão de ela ter “*aprontado*”. Resta saber o que quer dizer “*você aprontou*”. Teria relação com traição? Teria relação com enfrentamento do agressor?

Em “*O que eu fiz foi ser eu mesma. Eu obedeci... e ele sabe disso*”, ao afirmar ter sido ela mesma e ter obedecido, estaria vinculando ser ela mesma a obedecer, sendo possível compreender que obedecer estivesse vinculado ao modo de ser ela mesma. Considerando que a obediência pressupõe uma relação de submissão e ela se coloca na condição de quem obedece, necessariamente, teria outro personagem nessa interação com a função de mandar. Sendo assim, se antes se propunha a não denegrir a imagem de ninguém e *nem citar nomes de ninguém*, agora, embora ainda não cite nome, há o reconhecimento de um autor dessa violência e que ele ocuparia a posição de quem manda no relacionamento, o que apontaria para uma possível relação de poder na relação, em que a depoente estaria em uma posição de submissão, de quem deve obedecer, enquanto o autor da violência – o qual teria, por algum motivo, a sua identidade protegida – ocuparia um lugar de dominação.

Há o pressuposto de que se ela tivesse traído o marido ou tivesse “*aprontado*” (que não se sabe do que poderia se tratar), isso daria possibilidades para que ele acusasse ela, tendo, então, o *que falar* dela, assim como outras pessoas (*Ele não tem o que falar de mim durante todo casamento. Ninguém tem o que falar de mim durante*

todo casamento, porque desde o dia que eu me casei, até o dia que eu saí de casa, eu não o trai, eu não fiz nada).

Ela especifica um tempo (“*durante todo o casamento*”) como o período compreendido entre “*o dia que eu me casei, até o dia que eu saí de casa*” para marcar sua forma de agir no casamento: “*eu não o trai, eu não fiz nada*”. Entende-se que não houve traição enquanto ela estava com ele. Não se pode ter certeza de que, quando ela saiu de casa, ela não traiu. Entretanto, sair de casa não significa que o casamento tenha acabado, oficialmente. Se ela se casou, formalmente, então ela ainda teria que se divorciar. Mas, se ela entende que o sair de casa significa uma ruptura definitiva, não se pode afirmar que houve ou não traição, em princípio. Também, pode-se supor que ela se coloca na condição de ser alvo de apontamentos pelo que faz ou não no casamento. Não fica explícito em função de que S.C anuncia que ele teria dupla personalidade (*de alguém que tinha dupla personalidade e falava que eu era a culpada por tudo*), mas que ele tentava colocar nela a responsabilidade por estar sendo agredida (*É de tentar jogar pro outro a culpa, a culpa de “Ah, eu te bati, eu perdi a cabeça, porque tu falou aquilo”*).

A depoente cita os tipos de agressão (*Existem vários tipos de abuso, né? De agressão. Tem agressão moral, física, verbal. Existem muitas... patrimonial*), o que apontaria para um possível conhecimento a respeito da violência doméstica. No entanto, S.C não cita a sexual, para a qual dá um exemplo pessoal e sem ter, aparentemente, conhecimento explícito disso: “*Tira o anticoncepcional*”, *pra engravidar novamente*”. Aqui, subentende-se que teria sido o, até então, marido quem solicita para que tire, e, ao contar o porquê de tirar o anticoncepcional, a gravidez é tida como motivo capaz de *amarrar a mulher e ela não conseguir sair mais*. Logo, já se coloca na condição de ser essa mulher (*porque eu já tenho um filho [...] e que eu aceitasse*), como se houvesse a tentativa de estabelecer um distanciamento. A locutora anuncia já estar aceitando a situação de agressão (*E eu já estava aceitando aquela situação*), ao ponto de naturalizar, de forma, então, que não seria necessário outro filho, como apontado anteriormente, para que ela permanecesse na relação (*Pra mim, já era natural... apanhar, ficar cheia de hematomas*).

Em “*um ciúme, leva uma pessoa a fazer besteiras, a fazer, a ver, a imaginar*”, S.C não especifica quem seria a pessoa, mas subentende que viria a ser o agressor, e, também, teria identificado o ciúme como um possível disparador de episódios de violência, aqui, nomeados por ela como *besteiras*. A depoente sugere que o ciúme e o

que a pessoa venha a fazer em nome dele possa ser de ordem patológica: “*eu não sei se é uma doença, eu não sei se... não sei explicar*”.

Supõe-se que S.C compreende que estaria apta a ajudar alguém devido a sua vivência “*porque o que eu vivi, eu espero um dia poder ajudar alguém*”, em que esse *alguém* estaria na mesma condição de vítima em que ela mesma esteve em outro momento. Também, entende-se que ela só consegue saber das consequências da agressão, por estar tendo que enfrenta-las: “*porque uma agressão gera tantos problemas... que eu sei, porque eu tenho enfrentado*”.

Supõe-se que a depoente teria optado por pintar suas unhas de esmalte vermelho não por sua própria preferência pela cor, mas como uma forma de dizer do seu poder de escolha – de poder escolher, mesmo ‘não amando vermelho’: “*Essas unhas vermelhas aqui [...] não são porque eu amo vermelho, são porque eu não podia usar um esmalte assim, porque assim não é mulher casada que usa*” Com “*porque assim não é mulher casada que usa*”, S.C anunciaria, também, não estar casada mais, já que agora tem pintado suas unhas de vermelho.

Nota-se uma tentativa de validação do que está sendo dito ((*O que que tem a ver você cortar seu cabelo? O que que tem a ver você pintar o seu cabelo? O que que tem a ver você querer ficar bonita?*) em “*Vocês acreditam nisso? Você que é mulher, você que gosta de pintar sua unha de vermelho e é casada, você acha que isso aqui não é coisa de mulher casada?*”, já que S.C estaria se dirigindo a um público específico (*mulher casada*). Com “*Isso é o que passa na cabeça de um doente, de uma pessoa que precisa de um tratamento urgente. Urgente!*”, não fica explícito quem seria a pessoa que precisa de um tratamento urgente, no entanto, deduz ser o companheiro/ marido que se apropriaria desse discurso de associar *querer ficar bonita* com não ser *coisa de mulher casada*. Aqui, observamos que S.C estaria associando essa forma de compreensão à patologia (*cabeça de um doente*), como se para pensar dessa forma, precisaria ser alguém *doente*.

Assim como enunciou inicialmente “*eu não citei o nome de ninguém*”, observa-se que, agora reconhecendo o autor da violência, ao longo de todo o seu discurso, S.C. se refere ao companheiro como “*ele*”, “*pessoa*”, “*alguém*” ou opta por uma construção discursiva em que o sujeito é oculto, sendo identificado a partir do contexto

Ao anunciar “*E eu confesso pra vocês, eu não tive coragem de denunciar antes*”, ela conta ter denunciado em algum momento, mas que não fez antes, pois não teve coragem. Assim, entende-se que para denunciar, é preciso ter coragem. É notável o uso

do verbo *confessar*, em que considerando a equivalência ao sentido religioso, tem-se que alguém confessa um pecado, em busca de absolvição – como se S.C estivesse buscando se redimir por não ter tido *coragem de denunciar antes*. Ao mesmo tempo em que usa o tempo verbal no passado (*não tive*), ao explicar o porquê de não ter denunciado antes, traz para o presente (*Porque a gente acredita sempre*), *de forma que* não se sabe ao certo no que *a gente* acredita, mas sugere que acreditava antes, acredita agora e irá acreditar (*sempre*). O “acreditar” da mulher ficaria, então, vinculado ao fato *de a mulher, desde o princípio, ela é mais sensível, ela é mais romântica* – por atributos que ela anuncia ser inerente à condição de ser mulher, ela acreditaria [no casamento/ no agressor].

Ainda nessa construção discursiva, S.C anuncia que “Eu queria minha família. Eu casei foi pra viver. Eu casei pra ter minha família, *pra ter meus filhos, pra ter um lar, pra ter paz, pra ter um almoço de domingo*.”, o que se pode entender é que a depoente, antes do casamento, considerava não viver, não ter uma família, não ter lar e não ter paz, considerando o casamento como instância que propiciaria a finalidade de conseguir o que não tinha: viver, ter família, ter filhos, ter um lar, ter paz. Já em “*Porque eu sou filha única, né. Não tenho meu pai mais, não tenho mais a figura paterna que eu tinha, que era meu tio [...]*”, ao considerar esse trecho do discurso, o fato de ser *filha única*, impede, unicamente, que S.C. tenha irmãos, os quais não estão anunciados. A rigor, não impediria ninguém de viver, casar e ter filhos. Ao deslocar das finalidades que teria o casamento, S.C. anuncia *não ter mais a figura paterna, sugerindo* estar, implicitamente e de alguma forma, depositando na figura do eventual parceiro, com quem viesse a se casar, a figura da função da figura paterna.

Considerando a fala “*hoje eu conto com o apoio de mulheres. São mulheres que estão ao meu lado, que me abraçam [...] Então, são coisas assim que me marcam*”, entende-se que ao contar da presença significativa de mulher ao seu redor e como isso a marca (*coisas assim que me marcam*), pressupõe-se que a falta da figura masculina também a marca (*Eu não tenho uma figura masculina*), já que há um deslocamento da fala de “*coisas assim que me marcam*” para “*Eu não tenho uma figura masculina*”.

Fica entendido que ser um *ser especial* implicaria, então, não permitir que alguém te ofenda, inferiorize ou diminua. Ao fazer uso do verbo *permitir*, supõe-se a hipótese de que há uma relação com a escolha – de escolher não se colocar nessa condição de alguém que é ofendido, inferiorizado ou diminuído. Ao anunciar que ‘fala isso por carregar *marcas psicológicas*’ (*Sabe por que que eu tô falando isso? Porque eu*

carrego comigo marcas, marcas psicológicas), supõe-se que ela teria permitido ser ofendida na relação, e, logo, não se considerou um *ser especial*. Ao anunciar que “*quando eu vou dormir, quando eu acordo, eu sempre lembro de tudo que eu vivi*”, é possível supor que os impactos da violência seriam presentes no cotidiano da locutora. S.C nomeia de *pesadelo* a sua vivência e compreende que Deus poderia *restaurá-la* (*acredito que Deus vai me restaurar, restaurar o meu coração, vai tirar todo esse pesadelo da minha vida*).

Percebe-se que há uma insistência no casamento, por parte de S.C., apesar de ser agredida “*Eu levava cuspidas na cara, eu levava chutes. [...] E eu não... e eu ali. “Não, eu vou insistir no meu casamento. Eu vou orar, Deus vai restaurar, ele vai mudar”*”. Fica subentendido que pela crença na oração, na restauração de Deus e na mudança do companheiro, a depoente ainda insistiria no casamento. Supõe-se que, pelo tom de ironia que atravessa o discurso da depoente, que o companheiro poderia ter se comprometido a mudar, no entanto, as agressões continuaram: “*Mudou? Mudou...! Até quase me matar, me derrubar e eu perder a consciência...*”

Em “*Mas, S.C, por que tu continua?*”. *Eu respondi anteriormente: porque eu acreditava na mudança e acreditava no casamento, acreditava na família*”, fica entendido que S.C permanecia na relação, mesmo sendo agredida, por acreditar na mudança [dele], no casamento [com ele] e na família – que foi um dos motivos pelos quais conta ter se casado. Nesse trecho discursivo, pode-se subentender que não há uma implicação da depoente na situação, já que ao contar o porquê da sua escolha em não alterar o vínculo, anuncia motivos externos a ela.

A depoente coloca a encargo de Deus a função de mudar o seu coração, já que da relação vivida, o que teria ficado foi a frustração e o trauma (*E eu espero em Deus, que Ele mude meu coração, porque a frustração ficou, o trauma ficou*). Em “*Eu não sei se eu vou ser a mesma pessoa, é... de acreditar novamente que pode existir alguém que vai ser [...]*”, sugere que ela acreditou na pessoa com quem se relacionava e que haveria a dúvida se isso vai se repetir com outras pessoas. Ao mesmo tempo, apontaria, implicitamente, para o interesse/expectativa de S.C de se relacionar novamente.

Quando diz “*Enfim, eu não quero entrar nesse mérito, não faz o menor sentido*”, ela faz o uso do termo *mérito*, que faz referência a merecimento – como se ela merecesse se relacionar novamente. Da mesma forma, diz não fazer o *menor sentido*, afinal, entraria em condição com o seu objetivo inicial de “*Só vim aqui falar de violência doméstica*”. Sua própria exposição (“*S.C., não te expõe*”. *Como assim não me*

expor?) parece se dar em razão de contar o seu lado da história (*para que algumas pessoas entendam o porquê da separação*), de forma que ajudar parece ficar em segundo plano (*Se eu já passei por tanta coisa e se eu posso ajudar*).

Em “*Não teve traição da minha parte, acredito que também da dele não, mas teve muito tipo, muitos tipos de agressão*”, a depoente anuncia não ter havido traição de ambas as partes, o que permitir supor que, caso houvesse, teria sido um motivo para se separar, já que coloca no mesmo nível de ter sido agredida (*mas teve muito tipo, muitos tipos de agressão*). As agressões foram “*o principal motivo pra eu não aguentar mais*”, de forma que é possível entender que se esse foi o principal, havia outros secundários que a levaram a não aguentar mais – subentende-se, também, que houve um período em que S.C teria aguentado o casamento.

É possível compreender, também, que a mãe de S.C sabia das agressões e tentou intervir: “*pra minha mãe chegar e falar: ‘S.C., se você não denunciar, eu vou denunciar’*”. Existir *muitas marcas e muitos ferimentos* justificaria, então, realizar a denúncia. S.C destaca que as *marcas psicológicas são as mais duras* e que não seriam superadas facilmente (*da noite pro dia*).

Compreende-se que o afastamento do ex-marido se deu há alguns meses, mas não sabemos quantos, e que, também, não há contato entre ela e o ex-marido, já que tem a medida protetiva de urgência – a qual se deu de forma rápida em razão da gravidade da situação de violência: “*Já tem meses que eu não tenho nem tipo de acesso, nem contato, tenho a medida protetiva de urgência [...], que normalmente dura 15 dias, mas a gravidade pediu que fosse o quanto antes*”. Entendemos que S.C se coloca na condição de não ter medo de estar divulgando a sua história (*Não tenham medo de denunciar*).

Ao anunciar “*Não tenham medo de colocar a cara pra bater. É isso que eu tô fazendo*”, *colocar a cara pra bater*, para além de aludir à expressão idiomática, que significaria assumir a responsabilidade por algo – e que englobaria enfrentar as consequências de uma ação ou tomar uma posição arriscada, se expondo a críticas, julgamentos ou até mesmo a consequências negativas, mas disposta a fazê-lo em prol de algo que acredita ser necessário – chama a atenção o *bater* em seu sentido de agredir. *Colocando a cara pra bater*, então, S.C estaria se colocando na condição de ser agredida pelo companheiro agressor, fazendo referência à sua posição de submissão e de vítima de violência doméstica durante o seu casamento. não para *denegrir a imagem de ninguém*, como anuncia anteriormente, mas sim porque pessoas têm falado sobre a

sua vivência (*Colocar a cara pra bater, pra evitar que pessoas falem o que não sabem, especulem coisas absurdas*). Completando com “*. É isso que eu tô fazendo*”, diz sobre o que fez: se manteve na posição de ser agredida.

Anunciando que “*pra evitar que pessoas falem o que não sabem, especulem coisas absurdas*”, entende-se que há pessoas que falam sobre o seu casamento e que parecem dizer de coisas que não condizem com os fatos.

A depoente se sentiu machucada devido às falas absurdas que pessoas disseram (*Muitas pessoas falaram absurdos que me machucaram*), no entanto não se sabe o que foi dito, mas que, ao usar o atributo *absurdo*, pode-se supor que são falas incondizentes com o que aconteceu. Ao questionar um exemplo de traição como possível motivo para uma mulher ser agredida (*traiu o marido, o marido vai lá e mata essa mulher. Ele tem razão por que ele foi traído?*), S.C. destaca que não traiu o seu marido “*uma mulher traiu o marido, que não é meu caso*”. A partir disso, evidencia-se que há um movimento da depoente reforçar não ter traído o marido.

O ciúme é considerado um motivo disparador de violência, já que em razão dele mulheres morrem (*Muitas mulheres morrem, porque o parceiro é ciumento*). Se muitas mulheres morrem devido ao parceiro ser ciumento e ela *sentiu na pele* o que é ser casada com um *homem ciumento assim*, poderia pontuar que S.C estaria contando ter quase morrido. Ao anunciar “*senti na pele*”, entende-se que ela também diz sobre as agressões sofridas. Ao usar expressões como *Quem me conhece sabe* e *Muita gente lembra*, entende-se como uma tentativa da depoente de validar o que está dizendo: “*eu não saía de casa sozinha [...] era sempre com ele, nunca sem ele*”, provando a sua não-traição – como se estivesse explicando que, por tudo isso, não era responsável pela violência sofrida.

Encaminhando para a finalização do discurso, S.C diz “*Justifiquei*”, pressupondo que a violência sofrida tivesse de ser justificada de alguma maneira. No entanto, ao mesmo tempo, coloca a encargo de Deus, a responsabilidade de justificar a sua história, sendo ela mesma incapaz disso (*Mas quem vai se... quem vai justificar a minha história é Deus, porque eu nunca vou conseguir*), contrariando a fala anterior de ter se justificado, como se ainda não se colocasse na condição de sujeito implicado na situação vivida. Seguindo, em “*E eu jamais conseguiria ter forças pra gravar, pra me expor [...]. Mas alguma coisa tocou no fundo do meu âmagô que eu tive que vir e compartilhar com vocês.*”, S.C teria colocado como propulsora para ter compartilhado a sua história na internet a *alguma coisa* que teria tocado o *fundo do meu âmagô*, o que

sugere que a depoente não estaria reconhecendo como sua a escolha de tornar público o seu relato.

Ao anunciar “*Perdoa a voz, a garganta ainda está inflamada*” seguido de “*Mas é isso, não se calem, denunciem*”, pode-se supor que, mesmo em condições que poderiam dificultar que falasse (*garganta inflamada*), S.C estaria gravando o vídeo para falar sobre violência doméstica, o que poderia subentender como um apelo ao público, para que denunciem

Título/Link: RELACIONAMENTO ABUSIVO! – [DEP03]

Tipo de mídia: Vídeo

Duração: 17min49s

Fonte: YouTube

Ano: 2021

Autor/ Quem produziu: O vídeo faz parte do canal “Duda Ferreira”, que se trata de um canal pessoal.

Termos de busca utilizados: “Relatos de mulheres vítimas de relacionamento abusivo”

Observações: Trata-se de um vídeo gravado pela própria mulher, que conta sobre sua experiência na condição de vítima de violência na relação amorosa. Aparece ao fundo, no vídeo, uma criança, que fica presente durante toda a gravação. Em alguns momentos do vídeo, aparecem quadros com comentários da própria autora do conteúdo, os quais parecem ter sido adicionados posteriormente, na edição, e complementam o discurso oral da depoente e, também, serão analisados.

TRANSCRIÇÃO

Olá, gente! Começando mais um vídeo no canal depois de tanto tempo sumida, né, gente? Desculpa pelo sumiço, esse sumiço enorme, meses e meses sem aparecer, é... mas muita coisa aconteceu, e eu tenho que explicar pra vocês, dar uma satisfação, né?

[DEP03-01]

O canal não morreu, o canal vai continuar ainda em ativa. Fiquei sumida também no Instagram e, pra quem não sabe, eu tô com um perfil novo no Instagram, então, muita gente daqui não sabe, né, que eu tô com esse perfil novo. Vou deixar aqui embaixo também na descrição o link desse perfil novo, porque tem muita gente que me perdeu, do perfil antigo. Gente, eu vim contar pra vocês o que que aconteceu. [DEP03-02]

Lá no Instagram, eu contei por alto, não foi só uma coisa, né? Aconteceram diversas coisas e vinham acontecendo há vários anos, e eu tinha que contar mais sobre isso, detalhes. Vou deixar claro aqui, gente, porque eu não quero denegrir a imagem, eu só vou falar o que, de fato, aconteceu. Quem tava presente nesses momentos que eu vivi sabe que é verdade, sabe que não é mentira, que aconteceu de fato. Então, o intuito desse vídeo mesmo é falar pra vocês o que que aconteceu comigo, como eu saí dessa. [DEP03-03]

[DEP03-03]

Alguns de vocês passam pelo mesmo e me pediram muita ajuda no Instagram. Pediram para eu criar um grupo no WhatsApp e contar, né, sobre o que que tinha

acontecido comigo, como eu consegui sair dessa e ajudar o máximo de pessoas possível. Vou ser bem sincera com vocês: eu não consegui sair dessa sozinha, tá? Foi muito difícil, mas, graças a Deus, eu consegui e hoje eu tô bem pra poder falar sobre isso. [DEP03-04]

Tudo começou, gente, quando eu conheci, né, o pai da I., em 2017. A gente começou a namorar, né, alguns meses depois e aí eu fiquei grávida da I.. No começo, eu não tinha nada a reclamar, de verdade, eu tava feliz com ele. Não era ruim, não era ruim porque eu ainda não tava passando pelo que eu passei. As coisas foram se intensificando de uma tal maneira, sucessivamente. Ao longo do tempo, foi ficando pior. No começo, isso não era tão aparente, era mais uma coisa muito superficial, um ciúme leve, sabe? Nada assim que fosse de ser tóxico, sabe? [DEP03-05]

Depois que eu já tava grávida, vocês sabem que eu fui morar com ele um tempo, né? Essa é uma parte muito delicada que eu vou falar, porque eu nunca contei isso nem no Instagram, nem pra nenhuma seguidora minha. É... gente, muito difícil de falar isso, porque... assim, vocês vão ficar, tipo: “Como isso aconteceu e você nunca falou nada?”, sabe? [DEP03-06]

O que aconteceu? É... eu fui morar com ele, eu fiquei, se não me engano, três meses morando lá na casa dele, e a L. aqui na minha mãe. Foi, no entanto, que rolou o negócio da guarda, né, que eu passei pra minha mãe e eu expliquei tudo isso aqui no canal. No meio disso, também tinha esse problema, mas eu não quis tocar nesse assunto, porque é um assunto mais delicado e eu tava com a pessoa e eu não... sabe? Eu ainda não queria acreditar que era aquilo que tava se desenvolvendo naquele relacionamento. [DEP03-07]

Chegou em julho, eu comecei a perceber que ele tava muito pegando no meu pé. Eu acho que tava acontecendo alguma coisa e ele não queria que eu soubesse, sabe? E, no entanto, estava acontecendo, depois eu tive provas disso, que estava acontecendo. Então, eu tenho certeza que ele estava desse jeito comigo, porque ele estava me escondendo alguma coisa e não queria que eu fizesse o mesmo. [DEP03-08]

Eu estava grávida, eu vou fazer o que, né? Eu vou trair a pessoa estando grávida? Eu nunca vi isso e eu não tenho coragem de fazer isso. Mas a pessoa teve essa coragem, de me trair, estando comigo e eu morando na casa dele. E chegou um momento que eu soube isso, saí de casa, saí da casa dele e fui para a casa de uma amiga que morava perto. Passei a noite na casa dessa amiga minha, porque eu tava muito chateada e eu não queria voltar pra lá pra falar com ele. No outro dia de manhã,

eu voltei pra lá. Nesse dia de manhã, era aniversário dele. Cheguei lá, falei assim: “Vamos conversar”. Ele não queria conversar. E porque muita coisa acontecendo, gente, eu estando grávida, a pessoa tem coragem de fazer isso, sabe? Ele não queria conversar comigo, beleza. Aí a gente começou a discutir, no entanto, essa discussão começou a se intensificar, ao ponto de eu dar um tapa no... no... se eu não me engano, foi aqui nele. [passando a mão no próprio ombro] [DEP03-09]

Ele é uma pessoa que é muito estourada, muito estressada, mas eu nunca achei que ele fosse levantar a mão pra mim. Até então, ele nunca levantou a mão pra mim, nunca tinha me batido, nem nada. Foi a primeira vez. No entanto, ele levantou a mão pra mim e me bateu. Só pra lembrar, eu tava grávida, se eu não me engano, eu tava de quatro ou cinco meses de gravidez. [DEP03-10]

Ele tentou me enforcar, eu cheguei a ver tudo escuro na hora, e meio que caí no chão, assim, meio que, sabe, sem ar e sem fôlego, des... quase desmaiando. Foi exatamente o que aconteceu, ele tentou me sufocar. Se não me engano, teve outras coisas que eu cheguei a ficar com marca, teve outros tipos de agressões nesse mesmo dia. [Nesse momento, aparece um quadro no canto do vídeo, escrito: “Na época cheguei a fazer um boletim de ocorrência, e descobri que ele tinha um lá na delegacia por agressão também com outra mulher. (Não cheguei a dar continuidade a denúncia pela saúde da mãe dele)”] [DEP03-11]

Eu liguei pra casa, liguei prá minha irmã que não morava aqui, liguei prá minha irmã, que mora em Campo Grande, porque eu não queria falar com minha mãe. Eu tava muito chateada com minha mãe, ainda, desde todo o negócio da guarda e tudo. Eu tava meio chateada com ela e eu não queria falar diretamente com a minha mãe. Liguei prá minha irmã, minha irmã ligou prá minha mãe e aí minha mãe e minha prima foram me buscar lá. Foi uma discussão danada, todo mundo na rua olhando, sabe? Foi muito constrangedor, assim, pra mim. E depois disso, eu saí de lá, não voltei, vim prá casa da minha mãe, fiquei morando aqui desde que isso aconteceu. [DEP03-012]

Ele pediu desculpa alguns dias depois, começou a chorar, falou que se excedeu, não sei o que... beleza: eu desculpei. Até porque tinha sido a primeira vez, eu achei: “Vamos dar uma chance”. É o erro da gente. É dar uma chance, porque a gente sabe que vai acontecer de novo, mas a gente dá uma chance, pensando que não vai acontecer, mas vai lá e acontece. Depois disso, as coisas foram ficando ainda piores, né? Porque parece que depois que a gente aceita a primeira vez, as coisas vão ficando

piores, só tende a piorar, não vai nada melhorar. E aí eu desculpei ele, a gente ficou de boa. [DEP03-013]

Aí, algum tempo depois, a gente voltou a discutir, mas ele não levantou a mão pra mim desde que isso aconteceu, quando eu estava grávida. Durante minha gravidez, ele só levantou a mão pra mim essa vez, que quase me matou, né? A realidade, né? Eu cheguei a cair no chão, meio que desfalecida, sem ar. Como eram brigas de ciúmes, essas coisas, eu passava uma outra imagem pra vocês, né? Tentava, ao máximo, não prejudicar a pessoa com que eu estava, até porque eu estava com ela. Então, eu não passei nada disso pra vocês. Mas, de fato, estava acontecendo e só foi piorando ao longo do tempo. [DEP03-014]

Depois que a I. nasceu, eu descobri que ele ainda estava me traindo com uma menina, é a mesma menina com quem ele estava me traindo quando eu estava grávida. Eu cheguei a passar mal, não sei se vocês lembram, que eu cheguei a passar mal com sete meses de gravidez, quase que I. nasce, né, porque... Eu não tava ficando com ninguém, mas ele tava ficando com essa menina, não sei se era só ela, se tinham outras pessoas envolvidas. E, obviamente, por eu não saber disso, a gente tava... eu tava grávida, a gente tava fazendo sem proteção, ele... eu... eu acreditava que ele tava só comigo [Aparece um quadro no canto do vídeo, escrito: “Éramos namorados e eu não fazia ideia do que ele estava fazendo pelas minhas costas”]. E devido a uma infecção que eu peguei... de quem... de quem eu vou pegar uma infecção, gente, se eu só tava com uma pessoa? A I. quase que nasce prematura de sete meses. Foi uma infecção que deu, que tava induzindo ao parto, né, eu já estava com, se não me engano, com dois centímetros de dilatação. Eu tive que tomar injeções para poder amadurecer o pulmão da I., se caso ela viesse a nascer antes do tempo e ainda tinha risco dela não sobreviver. A pessoa, obviamente, ficou preocupada, mas quando eu disse a causa disso tudo que estava acontecendo, falou assim: “Não é possível, a gente está junto”, sabe? [Aparece no canto do vídeo um quadro escrito: “Ainda fui acusada de ter traído ele sendo que no fim quem estava fazendo isso era ele.”] [DEP03-015]

Várias vezes, me permiti esquecer o que tinha acontecido para poder continuar com ele por conta da I.. Eu já estava saturada, já lá em 2018. Em 2018, eu já estava saturada disso e olha até quando eu carreguei isso, até 2021. [DEP03-016]

Depois, quando a I. começou a crescer, né, depois de um mês de resguardo, eu fui pra lá, mas eu não tava morando lá, alguns dias eu passava lá, alguns dias eu passava aqui na minha mãe. Em 2019, se eu não me engano, no meados de 2019, as

coisas começaram a ficar mais calma. Eu achei que as coisas fossem realmente mudar, né? As crises de ciúmes não estavam tão intensas, mas ele ainda continuava, quando tinha os surtos dele, ele continuava a levantar a mão pra mim. [DEP03-017]

Teve uma vez que ele veio com uma vassoura pra... pra me bater na minha perna e eu tava com a I. colo. Pegou na bunda da I.. Sorte que a I. tava de fralda e não machucou ela. Na hora, ele ficou desesperado, disse: “Não, a culpa é sua, você botou ela na frente”. Ele sabia que eu tava com a garota no colo e veio pra cima de mim. Muitas das vezes, nesse meio período que ele parecia estar mais calmo, toda vez que ele surtava, a gente brigava, discutia, é... ou batia, ou brigava, assim, de bater realmente um no outro, sendo que era eu que mais apanhava, obviamente, porque eu sou mais fraca. E a I. sempre estava no meio disso, ela sempre gritava, falava: “Não, não, para, para!”, começava a chorar. Ela já sabia o que estava acontecendo, sabe? A I. é muito inteligente, então, muitas vezes a briga parou, assim, do nada, por conta da I. Se não fosse a I. ali, ele ainda me bateria. [DEP03-018]

Então, ao longo do tempo que isso foi acontecendo, eu ainda tentava, sabe, passar outra imagem dele pra você, aí falava que ia mudar. Aí eu acreditava nele. Se aceitava, falava assim: “Você realmente vai mudar?”. Mas não acontecia. [DEP03-019]

É... no canal, quando eu postava vídeo com ele, vocês até percebiam o jeito dele, era meio estranho, né? Era um jeito meio de pessoa tóxica, né? De uma pessoa abusiva e, realmente, era isso, né? Mas eu nunca quis passar isso pra vocês, porque eu ainda estava com a pessoa. Então, sabe, eu ainda acreditava que isso podia mudar, mas não mudou. [DEP03-020]

A gota d'água foi quando... agora, em 2021, foi em maio, eu entrei pra trabalhar, em maio, na empresa onde eu estava. Eu já saí, agora, mas foi graças a esse trabalho que eu consegui sair desse relacionamento. Eu conheci pessoas maravilhosas. As funcionárias, que eram mais próximas de mim, me ajudaram muito a sair dessa. Porque chegou um momento em que ele virou pra mim, falou assim: “Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto”. [Aparece no canto do vídeo escrito: “Por causa de ciúmes.”]. [DEP03-021]

Eu já estava já há um ano desempregada, um ano e pouco desempregada, e só ele estava trabalhando, e aí ele falou assim: “Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto”. E eu, realmente, comecei a acreditar que eu não sou maluca ao ponto de aceitar isso a esse ponto, sabe? Eu já aceitei demais, sabe?

[Aparece um quadro, no canto do vídeo, escrito: “Pra mim o limite já tinha esgotado a muito tempo, só faltou isso mesmo para eu tomar essa decisão”]. *É... já foi ruim tudo que eu vivi e... chegar num extremo desse, sabe? Eu ter que depender da outra pessoa, eu não posso ter a minha própria renda?* [DEP03-022]

Não foi difícil tomar essa decisão. Quando você gosta de uma pessoa, a gente tenta ao máximo com a pessoa, até a gente ver que não dá, realmente, ao limite, não dá mais. E, eu, apesar de amar essa pessoa, ainda sujeitava é... isso com ela. E a minha filha ainda via isso, sabe, a I.. Então, isso, pra mim, foi horrível. [DEP03-023]

Nossa, gente, vocês não têm noção... eu tomei a decisão certa de continuar trabalhando e ele fazer o que ele quiser, independente do que ele quiser. Sem contar que ele descobriu que eu ainda estava ativa com o Instagram. [Aparece, no vídeo, um quadro escrito: “Eu era proibida de ter Instagram se não ele me ameaçava de me largar e eu cegamento apaixonada acatava...”]. Ele não queria que eu tivesse Instagram depois daquele que eu vendi, porque... ele tinha ciúmes, né, das pessoas, são mulheres, são mulheres, e são poucos homens, dez por cento é homem, sabe? É bem difícil ter homem no meu Instagram. Mas ele ainda teimava com isso e... não gostava de eu ter Instagram, não gostava de jeito nenhum, era um surto absurdo por causa de Instagram, sabe, do meu Instagram. [DEP03-24]

Então, ele não sabia que eu tinha essa conta nova que eu falei pra vocês no início do vídeo. E, quando ele soube, me xingou de todos os palavrões possíveis, é... mesmo eu não fazendo nada, falei assim: “Cara eu não vou me permitir excluir o Instagram”, sabe? Foi tão difícil, eu pensando comigo mesma: “Não vou excluir um Instagram”, sabe? É tão difícil, é tão difícil ter o engajamento que eu tenho, ter o engajamento que eu lutei tanto pra ter, sabe? É tão difícil ter seguidores de verdade, tem gente que compra, sabe? É tão difícil ter isso que eu tenho, pra eu jogar fora por causa de uma pessoa que não merece! [DEP03-25]

Então, eu... eu terminei, a gente terminou. No início, no primeiro mês, foi muito difícil. Várias vezes, eu cheguei nas minhas amigas e falei assim: “Cara, será que é melhor eu voltar?”. Sério, eu cheguei a falar isso pra elas, cheguei a perguntar pra elas isso. Teve uma amiga minha que falou assim: “Cara, toda vez que você pensa em voltar, você tá toda hora voltando pra trás. Você caminha dois passos pra frente e volta dez pra trás, se você tá pensando dessa forma”. E duas vezes, se não me engano, ele veio, perguntando se eu realmente tinha certeza. [DEP03-26]

Teve um momento que eu cheguei a ter uma recaída, né, e a gente se viu, depois de ter terminado, a gente se viu. E... sendo que, sabe quando você tá do lado dessa pessoa e você não se sente mais bem com ela? Foi exatamente o que eu senti naquele dia. Quando eu cheguei perto dele, foi.... foi muito ruim. Eu não... era uma sensação de angústia do lado dela, do lado dele, sabe? Eu não estava me sentindo bem com ele do meu lado. E eu senti que eu não amava mais ele, que eu não devia me sujeitar àquilo nunca mais. [DEP03-27]

Segui o conselho das meninas lá do meu antigo trabalho, que eu sou muito grata por ter ficado naquele trabalho. Foi elas que me tiraram disso, então... foi um milagre, mesmo, isso ter acontecido. Minha família nem acreditava, porque a família queria tanto isso há muito tempo! E nem a minha família conseguiu me tirar disso e pessoas que eu tinha, tipo, conhecido há poucos meses conseguiu mudar a minha cabeça, sabe? Eu acredito que são pessoas enviadas por Deus, né, para poder nos livrar das coisas. [DEP03-28]

Tomei essa decisão com o impulso de outras pessoas. Não foi fácil tomar essa decisão sozinha. Já tentei muitas vezes tomar essa decisão sozinha e eu sei o quanto é difícil. Se você estiver tentando tomar essa decisão sozinha, olha, eu quero ser sincera com você: não vai ser fácil. Se você conseguir... nossa, tá de parabéns! Ainda mais se você gosta da pessoa, se você ama ela, apesar de tudo que ela faz e você ainda o ama. [DEP03-29]

E agora eu sei o que é um relacionamento abusivo, eu nunca tinha passado por isso, nunca tinha imaginado como era um relacionamento abusivo. Muitos homens hoje em dia pensam: “Ah, agora tudo é abusivo para as mulheres!”. Não, não é tudo abusivo! A gente sabe o que que é abusivo. Eu não sou especialista no assunto, mas eu sei, devido a essa vivência que eu passei, eu sei o que que é e eu não aconselho para ninguém. [DEP03-30]

Eu espero que quem esteja passando por isso, quiser minha ajuda, quiser uns conselhos, é... pode mandar uma mensagem para mim lá pela DM. Eu pretendo criar o grupo para poder ajudar vocês. E juro para vocês, gente, nada que essa pessoa faz me abala mais... nada! Quando você consegue sair, quando não sente mais que gosta dela... é muito gratificante. Realmente, muito gratificante! [suspira]. Não importa se a pessoa tá fazendo sei lá o que pra te provocar, pra ver se te deixa mal. Não vai adiantar. Juro pra você, se você conseguir, você não vai sofrer. Então, é isso, gente, beijo. Se inscreva no canal, deixa o seu comentário, também, é... deixa seu like também

e me siga no Instagram, tá aqui embaixo, na descrição. Beijo e até o próximo vídeo.

[DEP03-31]

ANÁLISE

Logo no início de sua fala, observa-se o uso do vocativo *gente* (*Olá, gente!*), que sugere ter a intenção de convidar o interlocutor para uma relação e proximidade. Entende-se que não é a primeira vez que ela faz um vídeo (*Começando mais um vídeo no canal*), que houve um hiato temporal entre a publicação do último vídeo no canal e do atual (*no canal depois de tanto tempo sumida*) e que ela se dirige a um suposto público (*né, gente?*).

Em “*Desculpa pelo sumiço, esse sumiço enorme, meses e meses sem aparecer*”, identifica-se que a ação de “*aparecer*” vincula-se à publicação de vídeos, que, pode-se supor, a própria depoente escolhe, de tal modo que seu aparecimento ou seu “*sumiço*” não deixam de ser uma escolha dela, já que o canal pelo qual dá a conhecer seus vídeos/depoimentos é pessoal, criado por ela e sem vínculo com qualquer iniciativa institucional. Pontua-se, também, que ela fala de um tempo cronológico indefinido “*meses e meses sem aparecer*”. Seguindo, ela diz que “*é... mas muita coisa aconteceu, e eu tenho que explicar pra vocês, dar uma satisfação, né?*”, em que entende-se que o uso da conjunção adversativa “*mas*”, embora pudesse configurar uma contraposição ao dito anterior (*Desculpa pelo sumiço*), parece fazer uma conexão entre o sumiço e a razão para tal, o que, portanto, marca uma justificativa apresentada pela enunciadora/locutora a seu público. Com “*eu tenho que explicar pra vocês, dar uma satisfação, né?*”, nota-se que ela se coloca numa posição de quem considera que o que aconteceu deve ser explicado a esse público, o qual ela coloca no lugar de um outro para o qual ela precisa *explicar/dar uma satisfação*.

A depoente supõe que uma parcela, não se sabe quantas pessoas (*muita gente*), de seus interlocutores não sabe que ela está com um novo perfil no Instagram e, por isso, diz da nova conta. Em um primeiro momento, ela faz uso de “*pra quem não sabe*”, presumindo que o público não tem conhecimento prévio sobre algo (*perfil novo*), já a posteriori diz que “*muita gente daqui não sabe*”, não mais presumindo, mas afirmando que uma quantidade (incerta) de pessoas não teria essa informação. Com isso, considera-se que a enunciadora está se colocando no lugar de alguém que tem seguidores que a conhecem na intimidade, o que a leva a admitir que deve algo a eles

[satisfação/ o link do novo perfil do Instagram – o qual ela deixa na descrição por supor que *tem muita gente que me perdeu, do perfil antigo*].

Entende-se que, por não estar vinculado a nenhum propósito institucional ou comercial, o canal da depoente é de uso pessoal, de forma que depende dela para ter novas publicações de vídeos. Sendo assim, se não há o investimento por parte de D.F para gravar e publicar os seus vídeos, o canal ficaria estagnado – ou “*morto*”. Quando anuncia “*O canal não morreu, o canal vai continuar ainda em ativa*”, a enunciadora estaria dizendo que o canal não ficará inerte, subentendendo-se que terá publicações de vídeos – como o relato em questão – o que, para tanto, implica que terá alguém [a própria locutora, já que é um espaço digital pessoal] investindo nas gravações de conteúdo. Dessa forma, com essa fala, fica implícito, que S.C, assim como o seu canal, não morreu. Dito isso, D.F anuncia sobre o que se propõe a fazer: “*Gente, eu vim contar pra vocês o que que aconteceu*” – e, até então, não se sabe do que se trata.

Em “*Aconteceram diversas coisas e vinham acontecendo há vários anos, e eu tinha que contar mais sobre isso, detalhes*”, entende-se que ela nomeia a vivência como “*diversas coisas*” e que aconteceram por “*vários anos*”, não sabendo por quanto tempo aconteceu, já que ela se refere a um tempo cronológico indefinido. De novo, considera-se que ela se coloca em uma posição de quem considera que o que aconteceu deve ser contado (*tinha que contar mais sobre isso*), dessa vez, em *detalhes*, e não *por alto*, como foi no Instagram (*Lá no Instagram, eu contei por alto*).

Entende-se que na vivência que vai ser contada, outras pessoas estavam presentes (*Quem tava presente nesses momentos que eu vivi sabe que é verdade, sabe que não é mentira, que aconteceu de fato*), as quais subentende-se que poderiam ser testemunhas do que a locutora vai contar. Observa-se uma tentativa de garantir que o que vai ser falado seja compreendido sem ambiguidade quando a depoente anuncia “*Vou deixar claro aqui, gente*”.

Na sequência, ao anunciar “*só vou falar o que, de fato, aconteceu*”, D.F estaria completando a fala “*porque eu não quero denegrir a imagem*”, o que se pode supor que o que vai ser contado poderia desqualificar a imagem de alguém, mas que não é esse o intuito dela. Se poderia *denegrir a imagem* de alguém – que supostamente seria uma pessoa que fez algo contra ela – pressupõe-se que esse alguém tenha a prejudicado.

Nota-se que o *Instagram*, plataforma digital onde já teria contado por alto o que aconteceu, também foi um canal para que pedissem ajuda a ela (*Alguns de vocês passam pelo mesmo e me pediram muita ajuda no Instagram*). Teriam pedido ajuda “*Alguns de*

vocês passam pelo mesmo”, de forma que se subentende que a enunciativa supõe que seus seguidores do *Instagram*, poderiam, também, ser público de seus vídeos no *Youtube*. Até então, não sabe o que é o *pelo mesmo*.

Compreende-se que D.F se coloca na condição de *ajudar o máximo de pessoas possível* por ter conseguido *sair dessa*, então, considera-se o pressuposto de que quem passou pelo que ela passou e conseguiu se desvencilhar é capaz de, ao narrar os acontecimentos, ajudar o máximo de pessoas possível. Da mesma forma, entende-se que ela ajudaria, então, ao criar um grupo no *WhatsApp* e contar sobre o que aconteceu com ela. Ao dizer que *“hoje eu tô bem pra poder falar sobre isso”*, deduz-se que para falar do que ela passou supõe-se estar bem e, da mesma forma, subentende-se que o que vai ser dito seria uma experiência, até então, capaz de deixar alguém mal.

Nota-se tentativas de estabelecer proximidade com os interlocutores a partir do vocativo *“gente”* e da expressão *“né”* em *“Tudo começou, gente, quando eu conheci, né, o pai da I., em 2017”*, em que, também pode-se inferir que algo começou, mas não se sabe o que, de fato. D.F. se refere ao homem que conheceu como *pai da I.*, o que sugere assegurar certo distanciamento dele. Diferente do início de sua fala, em que conta de um tempo cronológico indefinido referente a um sumiço de *meses e meses*, aqui, ela situa-se em um período cronológico definido: *“em 2017”*.

Entende-se em *“No começo, eu não tinha nada a reclamar, de verdade, eu tava feliz com ele”* que estar feliz seria não ter nada o que reclamar e que essa condição (*nada a reclamar* e feliz com ele) seria relativa ao *começo*, supondo que em outros momentos poderia não ter sido assim. Já ao anunciar que *“Não era ruim, não era ruim porque eu ainda não tava passando pelo que eu passei”*, pode-se supor que ao afirmar que *não era ruim*, não necessariamente afirma que era bom, de forma que poderia ser, apenas, suportável.

Identifica-se, também, que D.F. usa de *“coisas”* e *“isso”* para se referir às situações que aconteceram, o que confere superficialidade aos ocorridos: *“As coisas foram se intensificando [...]. No começo, isso não era tão aparente [...]”*. Percebe-se que a enunciativa qualifica o que passou, pela primeira vez, como *tóxico* e *superficial*: *“No começo, isso não era tão aparente, era mais uma coisa muito superficial, um ciúme leve, sabe? Nada assim que fosse de ser tóxico”*. Considerando essa fala, ainda, pode-se supor que por se tratar de algo *“leve”* e *“muito superficial”*, não caberia reclamar (*não tinha nada a reclamar*). Também, quando fala que *não era tão aparente*, deduz-se que em algum momento passa a ser evidente.

Observa-se que que ela se desloca de quando “*Tudo começou*” para “*depois que eu já tava grávida*” em “*Depois que eu já tava grávida, vocês sabem que eu fui morar com ele um tempo, né?*”, em que, também pode-se entender que ela diz sobre algo (*morar com ele*) que deduz não precisar explicar por supor que o público ouvinte tem conhecimento sobre o que aconteceu (*vocês sabem [...] né?*).

A depoente qualifica, também, o que passou como uma *parte muito delicada* e que isso justificaria o porquê de nunca ter falado sobre *nem no Instagram e nem pra nenhuma seguidora*: “*Essa é uma parte muito delicada que eu vou falar, porque eu nunca contei isso nem no Instagram, nem pra nenhuma seguidora minha*”. Entende-se, também, que D.F não falou disso por supor que o seu público [seguidores do Instagram/ interlocutores do vídeo] a questionaria: “*É... gente, muito difícil de falar isso, porque... assim, vocês vão ficar, tipo: ‘Como isso aconteceu e você nunca falou nada?’, sabe?*”.

É possível inferir que novamente ela diz sobre algo (*negócio da guarda*) que deduz não precisar explicar por supor que o público ouvinte tem conhecimento sobre o que aconteceu (*expliquei tudo isso aqui no canal*) em: “*Foi, no entanto, que rolou o negócio da guarda, né, que eu passei pra minha mãe e eu expliquei tudo isso aqui no canal*”. D.F qualifica, ainda, o que passou como “*problema*” e “*assunto mais delicado*” em: “*No meio disso, também tinha esse problema, mas eu não quis tocar nesse assunto, porque é um assunto mais delicado*”.

Entende-se que a depoente teria evitado falar sobre o que vivenciou por pressupor que ela estaria resistente em aceitar como verdadeira, mesmo que houvesse evidências ou indicações, uma realidade que supomos ser desconfortável para ela: “[...] *mas eu não quis tocar nesse assunto, porque é um assunto mais delicado e eu tava com a pessoa e eu não... sabe? Eu ainda não queria acreditar que era aquilo que tava se desenvolvendo naquele relacionamento*”. Dessa fala, ainda se subentende que o uso da expressão “*sabe?*” (*delicado e eu tava com a pessoa e eu não... sabe?*) seria uma tentativa de pôr a encargo do ouvinte a função de deduzir o que ela tencionaria dizer mas que, para isso, requereria sua implicação na situação.

No trecho “*eu comecei a perceber que ele tava muito pegando no meu pé*” a locução verbal *comecei a perceber* indicaria que a depoente pudesse estar se dando conta, gradualmente, de algo que antes fosse desconhecido por ela. Nota-se que D.F mistura os tempos verbais presente e passado: “*Eu acho que tava acontecendo alguma coisa e ele não queria que eu soubesse, sabe*”, visto que usa *eu acho*, no presente – de

forma que ela só pode dizer disso agora, depois de ter vivido a situação (*tava pegando muito no meu pé*) – para se referir a algo que aconteceu no passado.

Ressalta-se, também, que ao enunciar “*eu acho*”, D.F estaria falando de algo que supõe/ que não tem certeza, no entanto, logo em seguida diz que “[...] *depois eu tive provas disso, que estava acontecendo*”, de forma que *ter provas de algo* implica em confirmar a veracidade de uma hipótese, e, mais adiante, conta “*Então, eu tenho certeza que ele estava desse jeito comigo, porque ele estava me escondendo alguma coisa e não queria que eu fizesse o mesmo*”, de maneira que *tenho certeza* reforça que ela já estava certa e sem dúvidas de algo (*escondendo alguma coisa*), e não caberia então fazer uso de “*Eu acho*”. Essa contradição sugere uma tentativa de atenuar a atitude do companheiro/ de sua implicação na situação.

Considerando que a gravidez surge como elemento relevante no discurso de D.F., subentende-se que a depoente. consideraria que estar grávida a colocaria em uma posição especial, já que em “*Eu estava grávida, eu vou fazer o que, né? Eu vou trair a pessoa estando grávida?*” estar grávida seria impeditivo para que ela fizesse algo (*eu vou fazer o que, né?*), no caso, trair. Ela completa dizendo que “*Eu nunca vi isso e eu não tenho coragem de fazer isso*”, atribuindo à traição, estando grávida, a premissa de ter coragem. Ao contar que o companheiro a traiu, a locutora também atribui coragem à atitude da traição: “*Mas a pessoa teve essa coragem, de me trair, estando comigo e eu morando na casa dele*” – certamente, para trair, só é preciso estar com alguém (*estando comigo*).

Novamente, reforça a condição de gravidez em “*E porque muita coisa acontecendo, gente, eu estando grávida, a pessoa tem coragem de fazer isso, sabe?*”. Considerando esse destaque dado à gravidez, subentende-se que a depoente, implicitamente, estaria sugerindo que o companheiro não teria compromisso com a gravidez.

A depoente diz que “*E chegou um momento que eu soube isso, saí de casa, saí da casa dele e fui para a casa de uma amiga que morava perto*”, em que fica evidente que a casa seria dele, e não dela (*saí de casa, saí da casa dele*) e seria um indicativo de que descobrir a traição a faz não querer ficar perto dele, naquele momento. Dando seguimento, narra que *não querer voltar pra falar com ele*, estaria associado à chateação: “*porque eu tava muito chateada e eu não queria voltar pra lá pra falar com ele*”. No entanto, conta que “*No outro dia de manhã, eu voltei pra lá. Nesse dia de manhã, era aniversário dele. Cheguei lá, falei assim: ‘Vamos conversar’*”, da qual

entende-se que num primeiro momento diz não querer voltar, mas em outro ela volta (*eu voltei pra lá*) e, da mesma forma, mesmo dizendo que não queria voltar pra lá pra falar com ele, conta ter o convocado para uma conversa: *Cheguei lá, falei assim: “Vamos conversar”*, a qual ele se recusa (*Ele não queria conversar*). Ainda, supõe-se que o aniversário dele seria um pretexto para que ela pudesse voltar até a casa dele. Compreende-se, partindo disso, que ele quem a trai, ela quem sai de casa, ela quem volta querendo conversar e ele quem não quer conversar, o que, implicitamente, poderia sugerir que D.F., apesar da chateação diante da coragem dele de tê-la traído, estaria disposta a relevar a traição para continuarem juntos na relação. Entende-se que por ele não querer conversar, uma discussão teve início “Ele não queria conversar comigo, beleza. Aí a gente começou a discutir [...]”, até que conta “essa discussão começou a se intensificar”, sugerindo uma demarcação de algo que começa a acontecer, até que ela relata tê-lo agredido: “*ao ponto de eu dar um tapa no... no... se eu não me engano, foi aqui nele*”.

Entende-se que D.F. estaria articulando dois discursos ao mesmo tempo: em que faz a narrativa sobre o que aconteceu e, também, comentários sobre os fatos acontecidos. Por exemplo, em “*Ele é uma pessoa que é muito estourada, muito estressada, mas eu nunca achei que ele fosse levantar a mão pra mim.*”, ela estaria comentando primeiro sobre como ele é (*uma pessoa que é muito estourada, muito estressada*) e sobre a sua impressão (*eu nunca achei que ele fosse levantar a mão pra mim*), para depois contar o que teria acontecido – apesar de já sugerir o que tenha sido (que ele teria levantado a mão pra ela). Nessa mesma construção discursiva, subentende-se que a depoente estaria relacionando os atributos de uma pessoa *estourada* e *estressada* [que atribui ao seu companheiro] à possibilidade de levantar a mão, mas que, apesar disso, ela não achava que ele fosse fazer isso.

Ao dizer “*Até então, ele nunca levantou a mão pra mim, nunca tinha me batido, nem nada*”, entende-se que até aquele momento ele não tinha agredido a depoente, o que é reforçado quando ela diz ter sido *a primeira vez*, e destaca-se que D.F. nomeia o ato de agredir como “levantar a mão”: *nunca levantou a mão pra mim, nunca tinha me batido*. Quando relata “*Só pra lembrar, eu tava grávida, se eu não me engano, eu tava de quatro ou cinco meses de gravidez*”, D.F. estaria lembrando algo que já foi comentado várias vezes ao longo do seu discurso (*eu tava grávida*) e que não teria como ser esquecido. Considerando o que está implícito, subentende-se que seria como se D.F. estivesse contando que o companheiro não se importava com o fato de ela estar grávida

ou não, o que para ela teria grande relevância, já que tem reforçado essa condição ao longo da narrativa.

Em *“Ele tentou me enforçar, eu cheguei a ver tudo escuro na hora, e meio que caí no chão, assim, meio que, sabe, sem ar e sem fôlego, des... quase desmaiando”*, nota-se que D.F. usa o verbo *“tentou”* e termos como *“meio que”* e *“quase”* para contar da agressão sofrida, o que poderia sugerir uma tentativa de atenuar a gravidade da situação. Em seguida, há o uso do advérbio *exatamente* (*Foi exatamente o que aconteceu, ele tentou me sufocar.*), que indicaria que ela tem certeza do que está contando, mas, adiante, recorre à expressão *se não me engano* (*Se não me engano, teve outras coisas que eu cheguei a ficar com marca [...]*), o que atribuiria incerteza ao que está sendo contado. Pode-se supor que, em razão da situação de enforcamento, em que *chega a ver tudo escuro*, poderia ter esquecido o que aconteceu de fato, e que, conforme iria contando, se lembraria dos ocorridos.

A esse trecho discursivo oral, foi acrescido pela depoente um discurso escrito: *“Na época cheguei a fazer um boletim de ocorrência, e descobri que ele tinha um lá na delegacia por agressão também com outra mulher. (Não cheguei a dar continuidade a denúncia pela saúde da mãe dele)”*, do qual se entende que ela só descobre do histórico de agressão do companheiro, por ter a iniciativa de denunciá-lo. No entanto, conta a saúde da mãe teria sido impeditivo para que desse continuidade à denúncia, em que se evidencia que um motivo externo a ele é considerado por ela como algo que impedisse de dar sequência a algo que poderia vir a puni-lo – o que ressoa como escusa para não denunciá-lo.

Evidencia-se que D.F. entra em contato com a família para recorrer à ajuda: *“Eu liguei pra casa, liguei prá minha irmã que não morava aqui, liguei prá minha irmã, que mora em Campo Grande, porque eu não queria falar com minha mãe”*, em que se nota que ela opta, por não querer falar com a mãe, ligar para uma irmã que mora num lugar diferente do seu. Em *“Eu tava muito chateada com minha mãe, ainda, desde todo o negócio da guarda e tudo”*, entende-se que o negócio da guarda, do qual ela não conta explicitamente por, aparentemente, supor que o público já teria conhecimento, teria sido um assunto que tensionou a relação com a mãe e por isso evitava falar com ela *diretamente*: *“Eu tava meio chateada com ela e eu não queria falar diretamente com a minha mãe”*. Supõe-se que D.F. queria o apoio materno, mas que não queria ter que solicitá-lo diretamente.

Ao anunciar que *“Foi uma discussão danada, todo mundo na rua olhando, sabe?”* não se sabe entre quem foi a discussão, mas que pelo atributo *danada*, sugere-se que teria sido intensa e que ela se sente constrangida: *“Foi muito constrangedor, assim, pra mim”*. Com *“E depois disso, eu saí de lá, não voltei, vim prá casa da minha mãe, fiquei morando aqui desde que isso aconteceu”*, entende-se que ela tem morado com a mãe desde que a discussão aconteceu – ela se localiza.

Ao anunciar que *“Ele pediu desculpa alguns dias depois, começou a chorar, falou que se excedeu, não sei o que... beleza: eu desculpei”*, compreende-se que houve um período (*alguns dias depois*) entre a agressão e o pedido de desculpa do parceiro, em que se tem o uso do verbo *excedeu*, que remete a ultrapassar algum limite – então, ele estaria pedindo desculpa por ter ultrapassado algum limite. Com *não sei o que*, supõe-se que D.F. pode entender não ser necessário explicitar as justificativas do companheiro. Assimila-se que a depoente *desculpa* o companheiro sob a justificativa de *ter sido a primeira vez*: *“[...] eu desculpei. Até porque tinha sido a primeira vez, eu achei: ‘Vamos dar uma chance’”*.

Com *“É o erro da gente. É dar uma chance”*, pode-se considerar que a depoente desloca o sujeito *eu* para *gente*, de forma que ao dar *a chance* para o companheiro, após o pedido de desculpa, ela se coloca junto a um suposto grupo (*gente*), que também, possivelmente, daria chance para o companheiro, como se houvesse uma tentativa diluir a sua implicação individual na situação, considerando-a como coletiva, supondo, para tanto, que não é só ela que teria o movimento de dar chance – o que é considerado como um *erro*. Entende-se que ela só poderia ter essa percepção, de que seria um *erro*, agora, que não está mais com o companheiro. Já em *“É dar uma chance, porque a gente sabe que vai acontecer de novo, mas a gente dá uma chance, pensando que não vai acontecer, mas vai lá e acontece”*, a depoente segue dizendo a partir de um sujeito *gente* que engloba ela e um grupo não identificado – apesar de se supor ser mulheres na mesma condição de vítima que ela –, em que a chance dada seria em nome de uma expectativa de que não aconteceria de novo [a agressão].

Ao anunciar que *“Depois disso, as coisas foram ficando ainda piores, né? Porque parece que depois que a gente aceita a primeira vez, as coisas vão ficando piores, só tende a piorar, não vai nada melhorar”*, considera-se que D.F. estaria associando ter aceitado a desculpa do parceiro uma primeira vez à piora da relação. Nota-se que a depoente faz uso de um par de antônimos (*piorar/melhorar*) para dizer de como tende a ser o relacionamento, o que se pode supor apontar para um destaque que

D.F. teria dado à percepção de não melhoria. Em “*E aí eu desculpei ele, a gente ficou de boa*” não fica explícito se esse *desculpei* seria para o pedido de desculpa do parceiro em razão da primeira vez ou se seria uma outra vez, no entanto, observa-se que ela anuncia que *a gente ficou de boa*, apesar de, anteriormente, ter destacado que as coisas teriam piorado após ter aceitado o pedido de desculpa.

Quando D.F. anuncia que “*Aí, algum tempo depois, a gente voltou a discutir, mas ele não levantou a mão pra mim desde que isso aconteceu, quando eu estava grávida*” diz de um tempo indefinido que sucedeu a volta às discussões (*algum tempo depois*). Também, evidencia-se que o uso da conjunção adversativa “*mas*” indicaria uma tentativa de D.F. de comunicar que apesar de estarem discutindo, ele não estaria agredindo fisicamente ela (*mas ele não levantou a mão pra mim desde que isso aconteceu*) – poderia se supor que essa afirmação estaria a favor de legitimar o seu erro em ter aceitado a desculpa pela primeira vez?

Em “*Durante minha gravidez, ele só levantou a mão pra mim essa vez, que quase me matou, né?*”, a depoente retoma um período que parece ter sido de grande relevância para ela (*a gravidez*) para dizer que, apesar de ter sido a única vez que ele teria a agredido, correu risco de morte, em que *só e essa vez*, que remeteriam à menor intensidade, estaria contrastando *quase me matou*, que aludiria a uma maior gravidade – o que se pode subentender sugerir para uma ambivalência da depoente a respeito do parceiro e da relação amorosa atravessada pela violência. Com “*Eu cheguei a cair no chão*”, subentende-se que o verbo *cheguei* apontaria para a gravidade da situação [ao ponto de cair no chão].

Em “*Como eram brigas de ciúmes, essas coisas, eu passava uma outra imagem pra vocês, né?*”, entende-se que D.F. associa as brigas a ciúmes (*brigas de ciúmes*), em que se pode considerar e compreender o ciúme como um disparador de violência. Nesse trecho, ela menciona que “*eu passava uma outra imagem pra vocês, né?*”, dirigindo-se a um público que ela julga a conhecer e saber sobre a imagem que ela passaria do companheiro, não explicitando como era a imagem, de fato. Já em “*Tentava, ao máximo, não prejudicar a pessoa com que eu estava, até porque eu estava com ela*”, evidencia-se que D.F. considera que por estar com uma pessoa, é preciso tentar ao máximo não a prejudicar, no entanto, mesmo estando com ela, o companheiro a prejudicou durante o relacionamento. Com “*Então, eu não passei nada disso pra vocês. Mas, de fato, estava acontecendo e só foi piorando ao longo do tempo*”, é possível

evidenciar que não era porque não estava sendo divulgado para o público, que as agressões não estavam acontecendo.

Em "*Depois que a I. nasceu, eu descobri que ele ainda estava me traindo com uma menina, é a mesma menina com quem ele estava me traindo quando eu estava grávida*" evidencia-se que durante e após a gravidez, D.F estaria sendo traída. É interessante pontuar que ela usa a gravidez para demarcar o tempo ("*Depois que a I. nasceu*" e "*Quando eu estava grávida*", o que se pode supor confirmar a hipótese de que a gravidez a colocaria em uma condição especial. Ao anunciar "*Eu cheguei a passar mal, não sei se vocês lembram, que eu cheguei a passar mal com sete meses de gravidez [...]*", a depoente dirige-se a um público que ela supõe saber de sua história, o que apontaria para uma não necessidade de se aprofundar no assunto. Nota-se que, concomitante à narrativa do que aconteceu em outro momento (*Eu não tava ficando com ninguém, mas ele tava ficando com essa menina*), a depoente tece comentários que complementariam o acontecido com uma percepção elaborado após a vivência, como em "não sei se era só ela, se tinham outras pessoas envolvidas".

Quando anuncia "*E, obviamente, por eu não saber disso, a gente tava... eu tava grávida, a gente tava fazendo sem proteção*", o advérbio obviamente estaria vinculado à comprovação de que ela não sabia da traição (*por eu não saber disso*), a colocando, também, como vítima da traição e legitimando estarem tendo relações sexuais sem proteção. Considerando isso, a partir desse discurso em que se mescla narrativa passada e comentários, supõe-se que D.F. poderia estar se desimplicando da situação em que contrai a infecção que colocaria em risco a sua gravidez - que seria de grande relevância para ela (*E devido a uma infecção que eu peguei... de quem... de quem eu vou pegar uma infecção, gente, se eu só tava com uma pessoa? A I. quase que nasce prematura de sete meses*). Com "*A pessoa, obviamente, ficou preocupada, mas quando eu disse a causa disso tudo que estava acontecendo, falou assim: 'Não é possível, a gente está junto'*", pode-se supor, em razão da conjunção adversativa "*mas*", que a reação do companheiro, de tentar contrapor a traição, desvalidaria ter ficado preocupado. Pontua-se que o companheiro é nomeado como "a pessoa", o que sugeriria uma tentativa de distanciamento do agressor.

Entende-se que D.F. teria continuado no relacionamento com o companheiro em razão da filha "Várias vezes, me permiti esquecer o que tinha acontecido para poder continuar com ele por conta da I.". Pontua-se que a justificativa de permanência na relação seria pela filha chama a atenção, já que, até então, é possível admitir que o

companheiro não se mostrou uma figura paterna que cuidasse de I.. Em “*Várias vezes, me permiti esquecer*”, subentende-se que a depoente estaria contando da sua escolha em não alterar o vínculo com o parceiro. Ao dizer que “*Em 2018, eu já estava saturada disso e olha até quando eu carreguei isso, até 2021*”, entende-se que a locutora suportou por três anos uma relação da qual já estava *saturada*, o que sugere que D.F. estava sobrecarregada ou farta dessa situação

Com “*Depois, quando a I. começou a crescer, né, depois de um mês de resguardo, eu fui pra lá, mas eu não tava morando lá, alguns dias eu passava lá, alguns dias eu passava aqui na minha mãe*” compreende-se que quando I. começa a crescer, D.F. volta para a casa do companheiro “eu fui pra lá”, onde passava uns dias. Nessa oração, o uso da conjunção adversativa “*mas*”, embora pudesse configurar uma contraposição ao dito anterior (*Eu fui pra lá*), parece fazer uma conexão entre a ida para a casa dele e a razão para tal, o que, portanto, marcaria uma justificativa apresentada pela enunciadora/locutora a seu público (se coloca na condição de elucidar que não estava morando com ele novamente: *eu não tava morando lá, alguns dias eu passava lá, alguns dias eu passava aqui na minha mãe*). O advérbio de lugar “aqui” demarcaria onde a locutora mora no momento da gravação: na casa da sua mãe.

D.F. anuncia que “*no meados de 2019, as coisas começaram a ficar mais calma. Eu achei que as coisas fossem realmente mudar, né?*”, em que por *as coisas* [que não se sabe o que é, já que não está explícito, mas pode-se deduzir que seja a convivência entre ela e o companheiro] acalmarem, a depoente parece supor que isso implicaria na mudança da relação. Chama a atenção que, apesar de ter dito anteriormente que desde 2018 já estava saturada (*Eu já estava saturada, já lá em 2018*), a depoente manifesta, em 2019, ainda ter expectativas de que a relação poderia mudar [supomos que seria deixar de ser tóxica].

Em “As crises de ciúmes não estavam tão intensas, mas ele ainda continuava, quando tinha os surtos dele, ele continuava a levantar a mão pra mim”, ao pontuar que *as crises de ciúmes não estavam tão intensas*, mas ele ainda continuava a levantar a mão pra ela, pode-se subentender que o companheiro não levantava a mão para ela só em momentos de crises intensas, o que implicaria dizer que a violência não estaria associada somente ao ciúme – colocado por ela como um disparador das situações de violência. D.F. estaria chamando de *surto* o movimento do companheiro de agredi-la (*quando tinha os surtos dele*), subentendendo que a depoente estaria associando a conduta violenta do parceiro à possibilidade de ser de ordem patológica, o que denotaria

que ele não estivesse em suas condições normais. Ao dizer que “ele continuava a levantar a mão pra mim”, subentende-se que haveria uma tentativa de minimização da situação de violência, já que ela não diz sobre agredi-la, mas sim de “levantar a mão”.

Ao anunciar que “*Na hora, ele ficou desesperado, disse: “Não, a culpa é sua, você botou ela na frente”*”, entende-se que D.F. teria considerado que ter batido na filha causou desespero no parceiro, a partir do que poderia se supor que se a agressão tivesse acertado a depoente, ele não teria ficado desesperado. Em “*Ele sabia que eu tava com a garota no colo e veio pra cima de mim*”, nota-se que ela nomeia a agressão como veio pra cima de mim e, ao dizer que mesmo sabendo que D.F. estaria com a criança no colo ele a agrediu, pode-se subentender que ela estaria contando da desobrigação do companheiro como figura paterna.

Em “*Muitas das vezes, nesse meio período que ele parecia estar mais calmo, toda vez que ele surtava, a gente brigava, discutia*” entende-se que o verbo parecia sugere que ele não estava, de fato, mais calmo, afinal, ainda, *surtava* – cabe pontuar, que ela vincula surtar a agredir, como já evidenciado anteriormente. A locução adverbial *toda vez* sugere que o surto era sucedido pela briga e pela discussão, as quais seriam marcadas por agressões mútuas, como vai ser destacado seguidamente, em “*ou batia, ou brigava, assim, de bater realmente um no outro, sendo que era eu que mais apanhava, obviamente, porque eu sou mais fraca*”. Nesse trecho discursivo, o advérbio *obviamente* sugere que não poderia ser de outra forma se não essa, em que ela apanharia mais, por ser mais fraca. Nota-se que ela se qualifica como mais fraca em relação a ele. Essa construção discursiva permite inferir que D.F. não mantinha uma posição de submissão em todas as ocasiões, já que para se ter uma briga em que os dois se batem, é necessário que se tenha o enfrentamento.

A partir de “*E a I. sempre estava no meio disso, ela sempre gritava, falava: “Não, não, para, para!”*”, começava a chorar. Ela já sabia o que estava acontecendo, sabe?”, inicialmente, pontua-se que houve um grande deslocamento cronológico, já que a última referência à I., ela estaria com um *mês de resguardo*, e, agora, nessa construção discursiva, já é uma criança capaz de falar, gritar e parar brigas (*gritava, falava: “Não, não, para, para!”*). Sendo assim, entende-se que a filha do casal presenciava as brigas (*sempre estava no meio disso*) e é colocada, pela depoente, numa condição de entendimento acerca do que estava acontecendo (*Ela já sabia o que estava acontecendo*) e de inteligência (*A I. é muito inteligente*), atributo pelo qual ela conseguiria parar as brigas (*então, muitas vezes a briga parou, assim, do nada, por*

conta da I.). Nesse trecho, nota-se uma contradição: se as brigas parariam em razão da intervenção de I., não teria sido *do nada*, como é dito (*assim, do nada, por conta da I.*) Com “*Se não fosse a I. ali, ele ainda me bateria*”, subentende-se que I. seria uma via para não se prosseguir com as agressões, apesar de elas acontecerem independente da criança.

A locutora diz que “ao longo do tempo que isso foi acontecendo”, em que se refere a um tempo cronológico indefinido (*ao longo do tempo*), mas que estaria em conformidade com a sua tentativa de “eu ainda tentava, sabe, passar outra imagem dele pra você”. Considerando essa fala, subentende-se que a depoente daria relevância para como a *imagem* dele seria passada para o seu público, como se os seus seguidores, ao se darem conta de como era a relação, pudessem demandar dela uma implicação que, talvez, não estaria em condição de assegurar. Em “*aí falava que ia mudar. Aí eu acreditava nele. Se aceitava, falava assim: “Você realmente vai mudar?”. Mas não acontecia*”, entende-se que a mudança não acontecia, apesar de ela acreditar na fala do parceiro de que mudaria.

É possível compreender que o companheiro tinha conhecimento sobre o canal pessoal de D.F. no YouTube, já que também aparecia em vídeos: “É... no canal, quando eu postava vídeo com ele, vocês até percebiam o jeito dele, era meio estranho, né?”. Nessa mesma fala, além de conferir os atributos de *estranho, pessoa tóxica, pessoa abusiva* ao parceiro, ela faz uma afirmação, e não uma pergunta, com “vocês até percebiam o jeito dele, era meio estranho, né?”. Considera-se que isso sugere que a locutora poderia supor que o público ouvinte do seu canal já tivessem conhecimento prévio de como poderia vir a ser o comportamento do companheiro e, também, como uma tentativa de diluir a sua implicação individual na situação, como se estivesse dizendo, em outras palavras, que não é só ela que teria essa percepção de atributos do companheiro.

Ao dizer sobre a *gota d'água* (*A gota d'água foi quando [...]*), entende-se que D.F. está se propondo a contar sobre um evento mais recente de uma série de eventos negativos que indica que algo finalmente se tornou insuportável e provocou uma decisão/ mudança de curso de ação, no caso, em seu relacionamento. Assimila-se que a *gota d'água* seria o ultimato dado pelo parceiro: “*Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto*”, em que ela deveria fazer uma escolha entre a relação deles e o novo trabalho dela. Compreende-se que se não fosse pelo trabalho, ela

não teria saído, pelo menos naquele momento, da relação, já que diz “*mas foi graças a esse trabalho que eu consegui sair desse relacionamento*”.

A depoente, ao longo do vídeo, adiciona alguns comentários, no momento da edição, que complementam o discurso oral. Em um deles, que aparece completando a fala “Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto”, está escrito “Por causa de ciúmes”, o que nos levaria a subentender que D.F. consideraria a violência como decorrente de *ciúmes*, de forma que seria o ciúme um fator identificado por ela como disparador das situações de violência.

Como contra-argumento ao ultimato do parceiro de “*Se você não sair desse trabalho, a gente não vai continuar mais junto*”, D.F diz que “*E eu, realmente, comecei a acreditar que eu não sou maluca ao ponto de aceitar isso a esse ponto, sabe?*”, de maneira que supomos que a locução verbal “comecei a acreditar”, sugerindo que a depoente estaria falando a partir de uma posição atual [em que grava o vídeo] e não do momento em que aconteceu, o que pode-se sugerir que a partir dali não aceitaria mais as imposições dele. Nota-se que o movimento de situa-se no presente, também ocorre em “*Eu já aceitei demais, sabe?*”, o que poderia sugerir, implicitamente, que D.F não teria se desvincilhado totalmente da relação pela qual passou.

A esse discurso oral, é acrescentado um comentário por escrito, dizendo “Pra mim o limite já tinha esgotado a muito tempo, só faltou isso mesmo para eu tomar essa decisão”, em que supomos que se o limite já tivesse esgotado há muito tempo, D.F. não teria tolerado até o momento em que se tem o embate em razão do trabalho, de forma que se subentende que o limite teria sido esgotado assim que ele tenta privá-la socialmente e financeiramente (*tentando impedi-la de trabalhar*). Também, enuncia “*É.... já foi ruim tudo que eu vivi e... chegar num extremo desse, sabe? Eu ter que depender da outra pessoa, eu não posso ter a minha própria renda*”, em que nomeia de ruim as agressões e a traição e de extremo o fato de ele querer privá-la de trabalhar. O uso do verbo *depende* (*depende da outra pessoa*) chama atenção, tendo em vista que se pode supor uma dependência emocional da depoente em relação ao companheiro, que parece ser tolerável, mas a dependência financeira teria causado incômodo, motivando-a a tomar a decisão de saída da relação.

Observa-se em “Quando você gosta de uma pessoa, a gente tenta ao máximo com a pessoa, até a gente ver que não dá, realmente, ao limite, não dá mais”, que, de início, D.F. refere-se a um você genérico (*Quando você gosta*) e que, logo depois, se coloca junto a esse você (*a gente tenta*), de forma que subentende-se que a depoente

estaria supondo, de maneira generalizada, que gostar de alguém implicaria tentar e suportar [ser agredida e traída] a relação, até chegar ao limite. Da mesma forma, supomos que essa construção discursiva estaria apontando para uma tentativa de diluir a sua implicação individual na situação, como se estivesse dizendo, em outras palavras, que não é só ela que, quando gosta de alguém, escolhe investir ao máximo na relação com a pessoa, até o limite, outras pessoas também fazem isso.

Ao dizer “*E, eu, apesar de amar essa pessoa, ainda sujeitava é... isso com ela*”, conjuga o verbo *amar* no presente, e não no passado “*apesar de ter amado essa pessoa*”, o que se subentende sugerir sutilmente, outra vez, que para D.F. a relação não teria encerrado, de fato, já que estaria contando, implicitamente, ainda amá-lo. Nota-se que a locutora faz uso do pronome demonstrativo “*isso*” para se referir à vivência que passou [deduz-se ser a relação atravessada pela violência]: “*ainda sujeitava é... isso com ela*”, “*E a minha filha ainda via isso*” e “*Então, isso, pra mim, foi horrível*”.

Percebe-se que D.F. qualifica como certa a decisão de continuar trabalhando (*eu tomei a decisão certa de continuar trabalhando*), o que, conseqüentemente, implicaria na sua saída do relacionamento – a depoente estaria, então, mostrando que foi uma decisão certa ter saído da relação. Ao completar com “*e ele fazer o que ele quiser, independente do que ele quiser*”, nota-se que os verbos *fazer* e *quiser* são conjugados no presente, o que frisaria a suposição de que, mesmo na tentativa de narrar como uma situação vivida no passado, a relação estaria presente no discurso da depoente. Cabe supor que nessa situação apenas a percepção da locutora teria modificado (optar pelo trabalho em detrimento da relação), já que em toda a construção discursiva, até então, o parceiro parecia *fazer o que ele quiser, independente do que ele quiser*.

Em “*Sem contar que ele descobriu que eu ainda estava ativa com o Instagram*”, supomos que o uso do Instagram era algo que D.F. fazia escondido do parceiro, já que ele *descobriu*, mas não se sabe como se deu essa descoberta. A partir do comentário adicionado ao vídeo e que completa o discurso oral da depoente, pode-se considerar que em “*Eu era proibida de ter Instagram se não ele me ameaçava de me largar e eu cegamente apaixonada acatava...*”, D.F. estaria acatando uma proibição (ter Instagram do companheiro) em nome de estar apaixonada para que permanecessem juntos (*se não ele me ameaçava de me largar*).

Já em “*Ele não queria que eu tivesse Instagram depois daquele que eu vendi, porque... ele tinha ciúmes, [...] É bem difícil ter homem no meu Instagram. Mas ele ainda teimava com isso e... não gostava de eu ter Instagram, não gostava de jeito*

nenhum”, fica subentendido, implicitamente que o Instagram que ela vende, teria sido em decorrência de interferência do companheiro e quando diz “não gostava de jeito nenhum”, supomos que houve tentativas de convencimento para que ele pudesse aceitar o fato de ela ter a rede social. Com a fala de D.F. sobre “era um surto absurdo por causa de Instagram, sabe, do meu Instagram”, supomos que, mais uma vez, ela coloca uma atitude dele na condição de *surto*, só que não se sabe qual eram as ações dessa vez, apenas que ela qualifica como *absurdo*. Subentende-se que o Instagram seria elemento fundamental na vida de D.F., como se atestasse quem ela é; algo do qual ela teria controle (*meu Instagram*).

Ao anunciar que “E, quando ele soube, me xingou de todos os palavras possíveis, é... mesmo eu não fazendo nada”, entende-se com *mesmo eu não fazendo nada* que D.F. poderia supor que caso fizesse algo, os xingamentos seriam aceitáveis, com quando ele soube, fica evidente que o Instagram era algo inegociável na relação e que, por isso, ela mantinha escondido. Em “*falei assim: “Cara eu não vou me permitir excluir o Instagram”, sabe?*”, supõe-se que o companheiro teria, então, solicitado que ela excluísse a conta no Instagram. O verbo permitir indicaria para a ideia de escolha da depoente. Ela usa de duas conjugações verbais (presente/passado) no mesmo trecho discursivo: “*Foi tão difícil, eu pensando comigo mesma: “Não vou excluir um Instagram”, sabe? É tão difícil [...]*”, de tal forma que essa justaposição dos tempos verbais apontaria para o quanto a relação ainda estaria presente e atual para a depoente.

É a partir dessa construção discursiva que se subentende que D.F. não teria decidido pôr fim à relação devido às violências sofridas ou por temer correr algum risco de vida, mas sim porque teve, de certa forma, o seu laço social ameaçado: o trabalho, como evidenciado anteriormente, e o Instagram, destacado agora.

Em “*Então, eu... eu terminei, a gente terminou*”, nota-se que há uma sobreposição entre a depoente e o parceiro (*eu terminei, a gente terminou*). Ao anunciar “*E duas vezes, se não me engano, ele veio, perguntando se eu realmente tinha certeza*”, entende-se que houve um movimento de procura por parte do companheiro, mas não se sabe a resposta de D.F., já que ela conta somente que ele pergunta *se ela realmente tinha certeza*, mas não há evidência explícita de um retorno desse questionamento.

Ao contar que “*Teve um momento que eu cheguei a ter uma recaída, né, e a gente se viu, depois de ter terminado, a gente se viu*”, não se sabe detalhes de como foi esse encontro, sabe-se apenas que eles teriam se visto. Nos chama a atenção na fala que se segue “*sabe quando você tá do lado dessa pessoa e você não se sente mais bem com*

ela? Foi exatamente o que eu senti naquele dia” que, mesmo depois de um tempo considerável junto ao companheiro em que teria sido traída e agredida, D.F. ainda se sentia bem ao lado dele. Ao tomar a atitude de ir vê-lo, subentende-se que D.F. poderia supor que estar ao lado dele novamente, ainda seria uma opção

Em sua fala “E eu senti que eu não amava mais ele, que eu não devia me sujeitar àquilo nunca mais” fica implícito que ela se *sujeitava àquilo* [deduzimos que à violência] por amá-lo e, por sentir que não o amava mais, não deveria se sujeitar mais.

Entende-se que a depoente reconhece e valoriza a experiência positiva que teve ao permanecer nesse trabalho (*eu sou muito grata por ter ficado naquele trabalho*), já que ao contar que “*Segui o conselho das meninas*”, subentende-se que teria uma rede de apoio com quem pudesse contar no ambiente de trabalho. Em “*Foi elas que me tiraram disso, então... foi um milagre, mesmo, isso ter acontecido*”, a princípio sugere que foram as “*elas*”, ou seja, as *meninas do antigo trabalho*, quem ajudaram/influenciaram a depoente sair de uma situação difícil (**disso**), que se pode supor ser o seu antigo relacionamento. No entanto, logo em seguida completa “*então... foi um milagre, mesmo, isso ter acontecido*”, o que leva a se pensar que se foram as meninas do trabalho as responsáveis por tê-la ajudado a sair, não teria sido um milagre isso ter acontecido. [ou ela a influência das meninas foi tão significativa para D.F que se assemelha quase que a uma experiência sobrenatural ou milagrosa para ela]

Ao contar que “*E nem a minha família conseguiu me tirar disso e pessoas que eu tinha, tipo, conhecido há poucos meses conseguiu mudar a minha cabeça, sabe?*”, subentende-se que apesar de não ter conseguido, a família já teria tentado ajudá-la ou tentado influenciá-la a sair da relação, de forma que a família estaria, então, sendo colocada em uma posição de relevância para D.F, que a conheceria há mais tempo do que *há poucos meses*, como teria sido o caso da equipe de seu trabalho. Já em “Eu acredito que são pessoas enviadas por Deus, né, para poder nos livrar das coisas”, supomos que D.F. teria uma percepção dessas pessoas influenciadas por uma intervenção divina, já que teriam operado um milagre (*foi um milagre, mesmo*), de tê-la tirado da relação, e teriam sido *enviadas por Deus*. Ao pontuar que seria para *livrar das coisas*, o verbo livrar remeteria a livramento, sugerindo que D.F teria sido salva de algum perigo (*das coisas* – que não se sabe o que é, por não ter sido elucidado por ela, mas deduzimos ser da relação atravessada pela violência).

Ao dizer que “Tomei essa decisão com o impulso de outras pessoas. Não foi fácil tomar essa decisão sozinha”, supõe-se que a decisão tomada por D.F. refere-se a sair do

relacionamento, a qual teria sido a partir do impulso de outras pessoas, mas ela quem teria decidido sozinha, dizendo de sua escolha por sair da relação. Seguindo, conta que “*Já tentei muitas vezes tomar essa decisão sozinha e eu sei o quanto é difícil*”, em que se nota a mistura de tempos verbais passado/presente. “Já tentei” e “Tomei essa decisão” são falas em que a diz sobre ações no passado, mas ao relatar e eu sei o quanto é difícil, ela lança mão de um tempo verbal no presente: “é” – o que se pode subentender que faz referência a um passado não tão distante, que tende a se confundir com o presente.

Entende-se que por só poder falar de si mesma e de sua experiência, ela partiria de uma vivência própria (não ter conseguido tomar a decisão sozinha) para dar uma dica para o seu público: “Se você estiver tentando tomar essa decisão sozinha, olha, eu quero ser sincera com você: não vai ser fácil”. No início de sua fala, a depoente teria dito sobre querer “ajudar o máximo de pessoas possível”, no entanto, em “Se você conseguir... nossa, tá de parabéns!”, em que *se você conseguir* faria referência à capacidade de tomar a decisão de saída do relacionamento sozinha, chama a atenção a fala *nossa, tá de parabéns*, a qual supõe-se sugerir uma improbabilidade de que isso aconteça e evidencia uma desmotivação.

Evidencia-se que ela teria nomeado o que vivenciou como “relacionamento abusivo”, em: “E agora eu sei o que é um relacionamento abusivo, eu nunca tinha passado por isso, nunca tinha imaginado como era um relacionamento abusivo”. Nessa mesma fala, pode-se supor que ela só saberia o que é um relacionamento abusivo por ter passado por um, antes disso não teria nem imaginado do que se tratava. Da mesma forma, supõe-se que D.F só poderia dizer isso agora, após ter passado pela vivência.

A depoente diz que “Muitos homens hoje em dia pensam: ‘Ah, agora tudo é abusivo para as mulheres!’”. Não, não é tudo abusivo! A gente sabe o que que é abusivo”, colocando-se na condição de saber o que pensam os homens (Ah, agora tudo é abusivo para as mulheres). Ao negar, em *Não, não é tudo abusivo*, partimos do ponto de considerar o termo *abusivo*: se algo é abusivo, pressupõe-se que existia um limite/fronteira do que é aceitável e alguém o excedeu ou fez uso incorreto/ilegítimo. Considerando isso, a nível implícito, subentende-se que D.F diz que se *não é tudo abusivo*, há, então, situações/comportamentos suportáveis. Dando seguimento, diz que “A gente sabe o que que é abusivo”, em que se subentende que *a gente* seria ela junto a um grupo [supostamente de mulheres] que sabem o que é abusivo, no entanto, não diz explicitamente o que é abusivo.

Por ter passado por um relacionamento abusivo, ela se coloca na condição de ser conhecedora do assunto e, por saber o que é, não aconselha a ninguém. A partir da expressão não *aconselho pra ninguém*, pode-se subentender que algo [relacionamento abusivo] se trata de uma experiência desagradável que não deve ser repetida por ninguém

Com a oração “*Eu espero que quem esteja passando por isso, quiser minha ajuda, quiser uns conselhos, é... pode mandar uma mensagem para mim lá pela DM*”, nota-se que ela inicia a fala com “*Eu espero*”, de forma que se subentende que D.F estaria dizendo de uma expectativa sua ou antecipando algo, que seria oferecer a sua ajuda e dar conselhos. Entende-se que ela se coloca na condição de ajudar e aconselhar por já ter passado *por isso* [relacionamento abusivo, mas que não é explicitado].

Subentende-se que em “*E juro para vocês, gente, nada que essa pessoa faz me abala mais... nada!*”, ao usar o verbo *jurar*, D.F estaria supondo que há a necessidade de retificar a veracidade de *que nada que essa pessoa faz me abala mais*, como se isso pudesse não ser verdade. A depoente nomeia como *gratificante* o processo de parar de gostar de uma pessoa tóxica: “*Quando você consegue sair, quando não sente mais que gosta dela... é muito gratificante*”.

Ao anunciar que “*Não importa se a pessoa tá fazendo sei lá o que pra te provocar, pra ver se te deixa mal*”, considerando que esteja implícito em sua fala, supõe-se que o ex-companheiro estaria fazendo tentativas que poderiam provocá-la e deixá-la mal. Novamente, D.F usa o verbo *jurar* em “*Juro pra você, se você conseguir, você não vai sofrer*”, o que sugeriria que não sofrer por conseguir se desvencilhar pudesse não ser verdade.

Finalizando o seu discurso, observa-se que D.F. desloca o assunto sobre a sua experiência para uma fala tida como padrão para quem grava e publica vídeos em plataformas digitais, como o Youtube: “*Então, é isso, gente, beijo. Se inscreva no canal, deixa o seu comentário, também, é... deixa seu like também e me siga no Instagram, tá aqui embaixo, na descrição. Beijo e até o próximo vídeo*”. Considerando isso, subentende-se que seria uma tentativa, por parte da depoente, de manter um bom engajamento sem se comprometer e implicar uma reflexão crítica do sentido da experiência para ela.

Título/Link: CONSEGUI ME LIVRAR DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA | Histórias de ter.a.pia #202 – [DEP04]

Tipo de mídia: Vídeo

Duração: 42min47s

Fonte: YouTube

Ano: 2021

Autor (a)/ Quem produziu: O vídeo faz parte do canal “Ter.a.pia”, que se trata de u

Termos de busca utilizados: “Relatos de relacionamento abusivo”

Observações: Trata-se de um vídeo gravado pela própria mulher, que conta sobre sua experiência na condição de vítima de violência na relação amorosa. Em alguns momentos do vídeo, a depoente chora ao narrar os acontecimentos.

TRANSCRIÇÃO

Então, eu fui casada durante 10 anos. Eu me casei muito novinha, com 20 anos de idade, até os 30. Onde eu sofri todas as violências: física, moral, sexual, emocional. O teu brilho vai apagando. Tudo aquilo que você faz, a pessoa critica. Critica seus amigos, critica a cor do seu cabelo. Critica a sua profissão, seu corpo. E você vai acreditando que você é tudo tudo de ruim. Já que você é tão ruim, aquilo que você ganha, também, não dá pra te sustentar. [DEP04-01]

E aí você acredita que aquele abusador é o salvador. O que, na verdade, é um grande manipulador. [DEP04-02]

E a gota d'água foi num dia em que eu estava com o meu cachorrinho, que era filhotinho, sentada na minha sala, e, ele no quarto, 11 horas da noite, falou: “Eu quero comer aipim”. E eu fui na geladeira pra pegar esse aipim, pra fritar. E quando o óleo começou a esquentar, ele do quarto, do nada, falou: “Esse óleo é sujo e eu vou te provar que esse óleo tá sujo”. E ele veio em minha direção e pegou essa frigideira. E quando ele veio pra me jogar o óleo quente, eu abaixei, e o óleo pegou na parede. Mas o que mais me assustou, em mim, não foi o fato dele me jogar um óleo quente onde eu ficaria toda deformada, porque aonde ficou a marca na parede era direcionada ao meu rosto. Eu não abaixei pra me defender, eu abaixei pra proteger o meu cachorro, que tava embaixo dos meus pés. [DEP04-03]

E aí eu entendi o quanto eu não me amava, o quanto eu precisava sair daquilo que naquele momento passou a ser um risco de vida, né? E eu falei “chega, aqui é o momento que eu tenho que ir embora”. [DEP04-04]

Aí eu encontrei um porão. Um porão, que era um cômodo, onde a pia, onde eu lavava a louça, era mesmo a pia do banheiro, não tinha janela, tinha um basculante. O chão era cimento, aí eu pinteí de vermelho, pra ele parecer uma casa de verdade, e fui morar lá. E, nessa época, eu já trabalhava com turismo pra terceira idade. Eu sou turismóloga, né? Trabalhava, e eu tava sem telefone, sem agência, sem nada. Não existia as facilidades da telecomunicação hoje que a gente tem. Aí eu ia lá pra fila da Previdência Social distribuir o meu papelzinho com telefone xerocado. E aí você pode me perguntar assim: “Mas S., você não tinha dinheiro? Não tinha um celular que estava chegando no Brasil?”. Só empresários, pessoas muito bem-sucedidas que tinham, e eu, também, não tinha um telefone fixo. Como é que eu fazia? [DEP04-05]

É que o papai do céu, mais uma vez, Ele resolveu olhar por mim, porque Ele colocou em frente à minha casa... sabe aquele famoso orelhão? Orelhão, telefone público. Só que esse era de alta tecnologia: ele recebia ligação. E, todos os dias, de duas às seis da tarde, eu ficava de plantão. Quando tocava o orelhão, não tinha pra ninguém, não tinha vizinho, não tinha periquito, não tinha papagaio. Eu saía correndo e fazia assim: “S., turismo e eventos. Boa tarde”. E, durante muito tempo, eu sobrevivi dessa maneira, junto com o meu cachorro, o meu colchão, o meu porão, que, ao contrário do que muitos pensam quando me perguntam sobre essa história ou fazem qualquer comentário. [DEP04-06]

“Nossa S., esse foi o seu fundo do poço?” Não. O porão, na verdade, eu descobri que ele era a mola para eu subir do poço, porque o fundo do poço estava lá atrás, na hora que eu levei aquele óleo quente no meu rosto, que eu abaixei, não para me proteger, mas para proteger o meu cachorro. Ali foi o fundo do poço. E aí, o porão foi, realmente, esse divisor de águas, porque, assim, nesse período que eu fiquei no porão, eu me tornei uma figura pública, por conta do meu trabalho com os idosos. [DEP04-07]

Eu participei de CPI de asilos, virei presidente do fórum, me tornei radialista, tudo dentro do porão. Quando eu comecei a fazer esse movimento, de brigar por eles, na verdade, eu estava brigando por mim. [DEP04-08]

Naquela época, não existia Maria da Penha, não existia o... eu não sabia o que era Lanon, AA, que é pra familiar do alcoólatra, e não tinha ninguém que brigasse por mim, eu não contava pra minha família o que acontecia, os amigos se afastaram. E como eu peguei uma causa, em que aquelas pessoas achavam que eu brigava por elas, né? A causa do idoso, eu brigava pelo direito delas. Elas me deram tanto amor, que eu

me senti tão importante, sabe? Como cidadã, como pessoa, que eu vi, “caramba, eu não sou aquele lixo, que tem que agachar pra salvar o cachorro porque nem acha que merece ser salva”. [DEP04-09]

Eu sou alguém que faz a diferença no mundo. Então, o que me salvou, também, assim, foi o amor dessas pessoas, a relevância com que eles enxergavam aquilo que eu fazia. E eu entendi, não que eu tivesse vergonha, mas eu entendi que pra sobreviver a esse novo cenário, eu tinha que ocultar onde eu morava. E aí quando as pessoas me levavam em casa, e eu não tenho vergonha de dizer isso não, eu pedia pra parar em duas casas anteriores a minha, porque as pessoas têm o preconceito de achar que quem apanha de marido é mulher de malandro. Eu fui, muitas vezes, julgada dessa forma. [DEP04-10]

Mas o que as pessoas às vezes não se dão conta é que você, às vezes, fica numa situação dessa na esperança de... Na esperança de nunca mais apanhar. Na esperança daquele sapo virar príncipe. Na esperança de você reestabelecer a sua relação. [DEP04-11]

Então, acho que eu escondia muito mais das pessoas de um modo geral, porque eu não tinha orgulho dessa história. Eu me emociono, mas eu não sinto mais dor quando eu conto essa história. Por isso que, quando, hoje, eu falo da história do porão, eu entendi que ela ajuda outras pessoas. Foi por isso que ela... hoje, eu falo sobre ela. Isso que eu entendi, sabe? [DEP04-12]

E o livro veio por causa da minha mãe. A minha mãe ficou doente, e eu ficava com ela num hospital, entre idas e vindas, e aí, enquanto ela dormia, eu escrevia. Só que aí eu comecei a escrever as minhas histórias e as histórias de outras pessoas que passaram pela minha vida, de mulheres que ressignificaram a sua história num final feliz. [DEP04-13]

Eu acho que essa S. de hoje, que lá atrás passou por tudo isso, tudo isso, ela merece esse carinho, essa acolhida, porque eu entendi que eu cuidei a vida inteira. Eu gosto de cuidar. Então, eu não fui trabalhar com idoso à toa, eu não cuidei dos meus pais quando precisaram de mim à toa. Eu não fui mãe, né? Mas eu sempre cuidei. E aí quando eu me vi precisando cuidar de mim, pela primeira vez na vida, eu confesso que eu fiquei em pânico. Mas aí agora eu resolvi abraçar essa S., sabe? [DEP04-14]

ANÁLISE

Logo no início do discurso, a depoente, na condição de sujeito do discurso, se apresenta como alguém que foi *casada durante 10 anos*, em se entende que S. consideraria ter 20 anos de idade ser “*novinha*” (*Eu me casei muito novinha, com 20 anos de idade, até os 30*), de forma que o uso do diminutivo “*novinha*” poderia apontar para certa ingenuidade/ inocência. Contata-se que ela se reconhece como vítima de diferentes tipos de violência: “*Onde eu sofri todas as violências: física, moral, sexual, emocional*”.

Observa-se que há um deslocamento do sujeito em primeira pessoa “eu”, para a terceira pessoa “você”, como em “*O teu brilho vai apagando*”, em que S. se dirige a um suposto público, mas considera que ela estaria dizendo a partir da sua própria experiência, o que se subentende que o brilho dela estaria apagando. Da mesma forma, em “*Tudo aquilo que você faz, a pessoa critica. Critica seus amigos, critica a cor do seu cabelo. Critica a sua profissão, seu corpo*”, supõe-se que a depoente estaria dizendo de suas vivências, em que era criticada pelo parceiro, o qual é nomeado como “*a pessoa*”, o que apontaria para uma tentativa de distanciamento do agressor. Já em “*E você vai acreditando que você é tudo tudo de ruim. Já que você é tão ruim, aquilo que você ganha, também, não dá pra te sustentar*”, entende-se que ela toma para si um discurso depreciativo do parceiro sobre ela: “*você vai acreditando que você é tudo tudo de ruim*”.

Observa-se que em “*E aí você acredita que aquele abusador é o salvador. O que, na verdade, é um grande manipulador*”, ao parceiro é conferido o atributo de “*abusador*” e “*manipulador*” em contraposição ao de “*salvador*”, que remeteria a um alto grau de idealização, que, supostamente, foi contrariada por uma perspectiva diferente, marcada primeiramente por “*você acredita*”, e, depois, por “*na verdade*”.

Em “*E a gota d’água foi num dia em que eu estava com o meu cachorrinho, que era filhotinho, sentada na minha sala, e, ele no quarto, 11 horas da noite, falou: “Eu quero comer aipim”. E eu fui na geladeira pra pegar esse aipim, pra fritar. E quando o óleo começou a esquentar, ele do quarto, do nada, falou: “Esse óleo é sujo e eu vou te provar que esse óleo tá sujo”. E ele veio em minha direção e pegou essa frigideira. E quando ele veio pra me jogar o óleo quente, eu abaixei, e o óleo pegou na parede*”, constata-se que ao enunciar uma “*gota d’água*” estaria dizendo de um “*transbordamento*” de um processo acumulativo de algo que se repete – a dinâmica que

rege o vínculo amoroso em questão – e que, até então, era suportado. Com *“Mas o que mais me assustou, em mim, não foi o fato dele me jogar um óleo quente onde eu ficaria toda deformada, porque aonde ficou a marca na parede era direcionada ao meu rosto. Eu não abaixei pra me defender, eu abaixei pra proteger o meu cachorro, que tava embaixo dos meus pés”* subentende-se que o que a assusta (*“mais me assustou”*) não foi ter se abaixado para se defender, mas sim para *“proteger o meu cachorro”*, o que sugere um reconhecimento de descaso com si própria.

Já em *“E aí eu entendi o quanto eu não me amava, o quanto eu precisava sair daquilo que naquele momento passou a ser um risco de vida, né? E eu falei “chega, aqui é o momento que eu tenho que ir embora”*, constata-se que há o reconhecimento da necessidade de romper com a relação (*“precisava sair daquilo”*), e que é considerada, apenas nesse momento, como *“um risco de vida”*, do que se subentende que as agressões cometidas até ali não eram tidas como um risco de vida, o que o verbo *“passou”* indica (*“passou a ser um risco de vida”*).

Com *“Aí eu encontrei um porão. Um porão, que era um cômodo, onde a pia, onde eu lavava a louça, era mesmo a pia do banheiro, não tinha janela, tinha um basculante. O chão era cimento, aí eu pintei de vermelho, pra ele parecer uma casa de verdade, e fui morar lá. E, nessa época, eu já trabalhava com turismo pra terceira idade”*, observa-se que o rompimento da relação é seguido de ela encontrar um porão (*“encontrei um porão”*), onde passa a morar. A depoente também enuncia trabalhar: *“eu já trabalhava com turismo pra terceira idade”*.

Em *“O porão, na verdade, eu descobri que ele era a mola para eu subir do poço, porque o fundo do poço estava lá atrás, na hora que eu levei aquele óleo quente no meu rosto, que eu abaixei, não para me proteger, mas para proteger o meu cachorro. Ali foi o fundo do poço”*, constata-se que a agressão cometida pelo parceiro (jogar óleo quente) e sua reação de abaixar-se, não pela própria defesa, mas do seu cachorro, é considerada pela mulher como *“o fundo do poço”*. Assim, o porão, seria uma forma de se desvencilhar dessa situação (*“ele era a mola para eu subir do poço”*).

Da mesma forma que o porão é tido como uma *“mola para eu subir do poço”*, é considerado um *“divisor de águas”* (*“E aí, o porão foi, realmente, esse divisor de águas [...]”*), na medida em que, supostamente, demarca o momento em que ela sai da posição de vítima de violência em seu relacionamento, escolhe romper com a relação e se dedica a reconstruir sua vida em um novo espaço, o porão.

Observa-se que ao enunciar “*Eu me emociono, mas eu não sinto mais dor quando eu conto essa história. Por isso que, quando, hoje, eu falo da história do porão, eu entendi que ela ajuda outras pessoas. Foi por isso que ela... hoje, eu falo sobre ela. Isso que eu entendi, sabe?*”, a depoente faz uma diferenciação entre se emocionar e sentir dor – um fato não dependeria do outro. Dor essa que não se pode considerar apenas como física, ocasionada pelas agressões físicas, mas uma dor também emocional, que estaria atrelada a prejuízos psíquicos provocados pelo que teria sido a relação amorosa atravessada pela violência.

Ao dizer que “*Por isso que, quando, hoje, eu falo da história do porão, eu entendi que ela ajuda outras pessoas*”, supõe-se que a história do porão, que englobaria o processo de se dar conta da gravidade da relação na qual estava inserida, o posterior rompimento e o movimento de reconstituir sua vida, isto é, o relato de uma experiência vivida, é tida, por ela, como um elemento capaz de ajudar outras pessoas (“*eu entendi que ela ajuda outras pessoas*”).

Observe-se que em “*Naquela época, não existia Maria da Penha, não existia o... eu não sabia o que era Al- Anon, AA, que é pra familiar do alcoólatra, e não tinha ninguém que brigasse por mim, eu não contava pra minha família o que acontecia, os amigos se afastaram*”, a mulher está anunciando a ausência de dispositivos que poderiam favorecer na situação que vivenciava, como a (Lei) “Maria da Penha” e o “Al-Anon” – quando, implicitamente, ela mostra a relevância que teria o Al-Anon, que é pra familiar de alcoólatra, subentende-se que seu marido era alcoólatra.

Com “*não tinha ninguém que brigasse por mim*”, supõe-se que ela queria que alguém, ao brigar por ela, a tirasse dessa situação de violência. Ao mesmo tempo, pode-se supor que ao mostrar, implicitamente, que desejava que alguém fizesse algo por ela, é possível considerar que não haveria, nesse momento, uma implicação na situação vivida. Ao enunciar que “*eu não contava pra minha família o que acontecia, os amigos se afastaram*”, subentende-se que não tinha uma rede de apoio, já que a situação de violência era desconhecida pela família, tendo em vista que ela não contava, e os amigos se afastaram. É de se perguntar o porquê que a mulher escolhia não contar e manter-se afastada dos amigos. Seria por influência do ex-companheiro?

Em “*Eu sou alguém que faz a diferença no mundo. Então, o que me salvou, também, assim, foi o amor dessas pessoas, a relevância com que eles enxergavam aquilo que eu fazia*”, observa-se que há o reconhecimento de sua potencialidade “*Eu sou alguém que faz a diferença no mundo*”, contrastando o discurso inicial, em que assumia

para si uma perspectiva depreciativa do companheiro sobre ela “*E você vai acreditando que você é tudo tudo de ruim*”. Essa mudança de perspectiva, que se pode dizer ser representada pelo verbo “*salvou*”, estaria atrelada à percepção e “*o amor o amor dessas pessoas*” [os idosos que ela ajudava].

Observa-se que em “*Mas o que as pessoas às vezes não se dão conta é que você, às vezes, fica numa situação dessa na esperança de... Na esperança de nunca mais apanhar. Na esperança daquele sapo virar príncipe. Na esperança de você reestabelecer a sua relação*”, há, no discurso, elementos que, supostamente, contribuem com a permanência da mulher na relação e que seriam respaldados na “*esperança de*”.

Ao enunciar que “*Na esperança de nunca mais apanhar*”, pode-se dizer da esperança de não ser mais vítima de violência, e, do mesmo modo, com “*Na esperança de você reestabelecer a sua relação*”, pontua-se que remeteria à fantasia da mulher de transformar a relação e/ou voltar ao que era antes – o que sugere que ela não queria romper com a relação, mas sim que ela pudesse retornar ao que um dia era, supostamente, ao período em que as violências não eram perpetrada. Já quando diz de “*Na esperança daquele sapo virar príncipe*”, pode-se constatar que, na medida em que, culturalmente, sapo e príncipe seriam opostos, nos contos de fada, em que sapo remeteria à aversão, e príncipe à idealização, supõe-se que há a esperança de que o comportamento desse parceiro mude – se distanciando do que seria aversivo e aproximando-se do idealizado.

Já em “*Eu acho que essa S. de hoje, que lá atrás passou por tudo isso, tudo isso, ela merece esse carinho, essa acolhida, porque eu entendi que eu cuidei a vida inteira*”, subentende-se que por ter passado por tudo isso lá atrás “*lá atrás passou por tudo isso*”, ela merece “*esse carinho, essa acolhida*”, de forma que se supõe que ter sido a violência demanda cuidado em algum momento. Observa-se que há uma diferenciação entre a S. de “*hoje*” e a de antes. Supostamente, esse distanciamento se daria pôr em outro momento ter sido vítima de violência e, agora, não mais.

Com “*porque eu entendi que eu cuidei a vida inteira. Eu gosto de cuidar. Então, eu não fui trabalhar com idoso à toa, eu não cuidei dos meus pais quando precisaram de mim à toa*”, considera-se que o cuidado é algo relevante para S., tanto que admite “*Eu gosto de cuidar*”, o que parece estar associado à sua atitude de “*trabalhar com idoso*” e de “*cuidei dos meus pais quando precisaram de mim*”. É de se perguntar se gostar de cuidar não estaria associado aos papéis de gênero sócio e culturalmente propagados, em que à mulher cabe a função de cuidado, seja dos filhos, seja da família,

seja do parceiro – sobretudo àquelas que são mães. Aqui, fica explícito que S. não é mãe: “*Eu não fui mãe, né*”, o que não a isentou da função de cuidar: “*Mas eu sempre cuidei*”. Esse cuidado, no entanto, parece que, até então, não tinha sido direcionado a ela mesma: “*E aí quando eu me vi precisando cuidar de mim, pela primeira vez na vida, eu confesso que eu fiquei em pânico*”, do que se subentende que causa “*pânico*” ter que cuidar dela mesma, e não dos outros, cuidado este que é enunciado como “*precisão*” (“*me vi precisando cuidar de mim*”).

Por fim, em “*Mas aí agora eu resolvi abraçar essa S., sabe?*”, pressupõe-se que o cuidado outrora enunciado, aqui é equiparado a “*abraçar*”. A conjunção adversativa “*mas*” sugere que apesar de em outro momento não ter sido alvo do próprio cuidado, agora, é, o que é confirmado, também, pelo verbo “*resolvi*”, que representaria uma mudança de perspectiva.

Título/Link: RELACIONAMENTO ABUSIVO | MEU RELATO – [DEP05]

Tipo de mídia: Vídeo

Duração: 42min47s

Fonte: YouTube

Ano: 2021

Autor (a)/ Quem produziu: O vídeo faz parte do canal “Fer Sousa”, que se trata de um canal pessoal.

Termos de busca utilizados: “Relatos de relacionamento abusivo”

Observações: Trata-se de um vídeo gravado pela própria mulher, que conta sobre sua experiência na condição de vítima de violência na relação amorosa. Em alguns momentos do vídeo, a depoente chora ao narrar os acontecimentos.

TRANSCRIÇÃO

O relacionamento abusivo não vai começar com tapa na cara, ameaça. Ele vai começar como num conto de fadas. Vai ser tudo maravilhoso. Vai ter muitas conquistas. Ele vai ser a pessoa mais apaixonante possível. Vai te conquistar a cada dia. Jantares românticos, por exemplo. Tudo vai começar assim. [DEP05- 001]

Pra quem não me conhece, o meu nome é F.. Eu sou casada com o T.. Tenho uma filha de um ano e meio, chamada M.. Hoje, eu vou estar contando o meu relato. Antes do T., eu já tive outros relacionamentos, tá? Então, eu vou estar relatando o que eu passei em um desses relacionamentos. [DEP05- 002]

Não é fácil pra mim gravar esse vídeo, porque é um vídeo que eu vou recordar de algumas coisas que me magoaram, mexeram muito comigo, me traumatizaram bastante. Só que eu penso que eu vou estar ajudando algumas mulheres com esse vídeo, porque eu acredito que tem muita relação assim, tá? Muita gente não sabe muito bem sobre o que é relacionamento abusivo, sabe meio por cima. Então, eu creio que eu posso estar ajudando, tá? Com esse vídeo, com o meu relato, minha história. Então não perca esse vídeo, tá? Esse vídeo tá bem interessante. Eu só queria pedir que vocês se inscrevam aqui no meu canal. O Instagram também tá passando por cima. Então vem acompanhar esse vídeo e bora lá! [DEP05- 003]

Bom, gente, então tudo começou de uma forma bem romântica, tá? A pessoa se mostra uma pessoa, um príncipe encantado, pra vocês entenderem, assim melhor. A pessoa é um príncipe encantado, quer te agradar de todas as formas, não vai de cara mostrar o outro lado dela, sabe? Primeiro, ela vai te conquistar, ela vai fazer de tudo pra te conquistar e foi, exatamente, o que aconteceu comigo. Eu me vi completamente

apaixonada. Eram músicas românticas que era pra mim, que a pessoa mandava, ele falava pra eu escutar que a música era pra mim, que ele sonhava comigo, que sempre quis ter uma mulher como ele de presença, me levar pra passear e parecia gentil e tudo muito bom. Até que vai passando algum tempo, não muito tempo tá? No meu caso, não passou assim meses, foi tudo no primeiro mês já, começou a acontecer e acredito eu que na terceira semana, com uns 15, 20 dias já começou a mostrar a cara mesmo, sabe? Mostrar as garras, vamos dizer assim. [DEP05- 004]

E começou a querer me mudar, né? Ele queria que eu fosse assim, do jeito dele. Queria que eu vivesse as coisas que ele falava pra mim viver. Tipo, minhas amizades. Então, ele começou a me proibir de ter algumas amizades, de frequentar a casa das minhas amigas. muito querida, muito querida por mim mesma, a gente tinha amizade há algum tempo antes dele. Só que essa amiga é parente de um namoradinho que eu tive, sabe? E quando eu conheci ele, né, que eu comecei a me relacionar com ele, ele já sabia disso, só que ele me proibiu de frequentar a casa dela, tá? Ele me proibiu de conversar com ela, não queria me ver conversando com ela. [DEP05- 005]

Então, aí começou as humilhações, os gritos, os xingos, aí que eu comecei a ver quem ele realmente era. Então, eu não podia mais ter essa amizade com essa pessoa E eu tinha escondido, eu conversava com ela escondido, sim! E até que um dia, ela foi embora da cidade, foi morar em outro estado. E depois de um tempo, que ela veio pra cá, de novo, pra visitar, eu me lembro de uma situação que eu quis ir até na casa dela pra ver ela. Ela não conseguia vir onde eu tava, então, eu tinha que ir lá ver ela. E foi aí que eu saí com a minha motinha, eu falei que eu ia. Não lembro o que eu falei, onde eu ia, mas eu lembro que eu saí e ele começou a me seguir, tá? Não sei se ele percebeu que ela estava na cidade, eu acho que sim, porque ele mexia no meu celular e deve ter pegado uma conversa, enfim. Ele me seguiu com o carro, começou a acelerar atrás de mim, com o carro e eu com a motinha – tinha uma bis, na época. E ele pediu para que eu parasse a moto, e eu falei: “Eu não vou parar”. Então, nisso ele começou a acelerar cada vez mais, até que ele me passou e jogou o carro na minha frente, eu quase caí de moto. E eu lembro bem que ele falou: “Onde você tá indo? Você tá indo lá na casa dela, né? Eu já não te mandei ficar em casa, eu já não te falei que não é pra você ir lá?”. No início, gente, era num tom de voz muito alto, muito agressivo. Tava no meio da rua, era no centro da cidade, tá? Na casa dela. Tinha muita gente olhando. Ele mandou eu descer da moto: “Desce da moto, desce da moto!”, me catou pelo braço. Eu caí na calçada, e a moto ficou ali. Ele mandou eu montar no carro, depois dar algum jeito de

buscar a moto. Eu não quis, de jeito nenhum. Falei que eu ia pra casa, comecei a ter medo dele. Um tom de voz, um jeito agressivo, assim. E ele falou “Entra no meu carro”, e eu não quis, e eu falei que ia pra casa, né, ia pegar a moto. E ele apertou o meu braço e quando ele montou no carro falou que estava me esperando em casa, que em cinco minutos era pra mim estar em casa. Eu fui montar na moto, apareceu uma mulher do meu lado e me perguntou se estava tudo bem, quem que era aquele homem, e se eu queria denunciar – porque ela viu que ele foi agressivo comigo e eu comecei a chorar muito. Falei que estava tudo bem. Eu tinha muito medo, eu tive muito medo, né? Tive muito medo. E eu falei que eu não queria denunciar e eu montei na moto e fui pra casa o mais rápido possível. Essa minha amiga depois voltou pro estado dela, pra casa dela e eu não vi ela. Eu era proibida de ver ela. [DEP05- 006]

Quando eu cheguei em casa, houve muito grito, muitos insultos. Era terrível gente. Eu comecei a ver com quem eu tava me relacionando, mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia sair disso. Porque depois eu ficava no meu canto, amuada, e, depois de um tempo, ele vinha e fazia inúmeras promessas e chorava e falava que não ia gritar nunca mais. Eu acreditava. Então, a gente voltava. Voltava ao normal [Aparece no vídeo escrito: Ficava de boa]. O que ele queria era que eu dependesse totalmente dele, exclusivamente dele. Queria me manipular para que eu fosse uma pessoa dependente. [DEP05- 007]

Então, eu tava tirando carta e... Eu tinha um carro, né? E eu queria que ele me ajudasse, me ensinasse alguns truques. Enfim, né? Dirigir e tal. E ele me colocou no carro e tal, e eu comecei a dirigir e eu afoguei o carro. Afoguei uma vez, depois eu fiz alguma coisa errada. Afoguei, de novo. Parei onde não devia parar. Começou a me xingar, a gritar comigo muito. Não tinha paciência, me chamava de burra. Me humilhar, mesmo, sabe? Me diminuir. Falar que eu não ia conseguir tirar carta desse jeito, que eu era muito burra, muito burra, muito burra. E eu desci do carro e fui embora a pé. Fui embora a pé, eu não queria mais estar naquele carro, eu não precisava ouvir aquilo, sabe? E aí ele desceu do carro, correu atrás de mim, me catou pelo braço, me jogou dentro do carro e eu fui embora pra casa. Depois disso, quando chegou em casa, ele me pediu desculpa, falou que não ia fazer mais isso, que a gente ia tentar de novo, tentar dirigir, que ia dar tudo certo. E eu acreditei, mais uma vez, né? Acreditei que ele ia mudar, não ia fazer mais aquilo. Só que eu comecei a ter medo, sabe? Eu tinha medo de fazer as coisas. Eu tinha medo dele, da reação dele. [DEP05- 008]

Eu sempre queria estar agradando de alguma forma, porque ele me fazia me sentir culpada pela reação dele. Ele sempre falava, ele falava assim “Eu tô assim, tô nervoso assim, fico enraivecido, assim, por sua causa, é você que me deixa assim. É só você não fazer eu ficar assim, que eu não fico”. Então, eu tinha medo. Eu tinha medo de viver, sabe? De fazer alguma coisa errada Tinha muito medo, muito medo, muito medo. [DEP05- 009]

Nisso, o meu relacionamento era uma gangorra. Ele tinha os altos e baixos. Ele era uma pessoa totalmente bipolar, descontrolada, agressiva, tá? Então, era essa gangorra. Outra hora tava muito gentil, te agradava, dava uma bondade. Outra hora tava um monstro. Então, isso me abalava muito, psicologicamente. Minha autoestima era lá no chão. Eu não tinha autoestima pra nada. Só eu sei quantas noites eu chorei. Me perguntando por que eu tava vivendo tudo aquilo. Só Deus sabe, né? E era uma teia, gente. Eu me sentia numa teia, eu me sentia presa, porque eu não conseguia sair daquilo. Ao mesmo tempo, a gente gosta da pessoa, ama a pessoa, a gente acredita que ela vai mudar, sabe? [DEP05- 010]

E eu comecei a me questionar onde eu tava errando. Por que eu fazia as coisas pra deixar ele daquele jeito? Por que eu tava errando, que eu fazia ele ficar agressivo? Então eu comecei a querer me mudar, sabe? Mudar o meu jeito de ser, minha essência, pra estar agradando ele mais, pra ele não ser mais agressivo comigo. Não chamar minha atenção perto dos outros, porque ele chamava. Se ele tivesse que gritar comigo perto de qualquer pessoa, aonde a gente tivesse, ele gritava. Ele chamava minha atenção, que eu era burra, eu era isso, eu era aquilo. E eu sentia muito vergonha disso. Então, eu tinha que pisar em ovos com ele, inclusive nos lugares, né, pra não ser chamada atenção por ele. Isso era horrível gente. Era horrível passar por isso. Ter medo. Muito difícil. [DEP05- 011]

Ele era uma pessoa totalmente controladora financeiramente. Eu tinha que prestar conta do meu salário. Eu sempre trabalhei, tá? Desde os meus 12 anos, eu sempre trabalhei, paguei minhas coisas E eu tinha que prestar conta de onde tava indo meu dinheiro. Eu não podia comprar uma coisa fora, sei lá, um suco, um salgado. Eu tinha que prestar conta, porque ele era uma pessoa extremamente controladora. E fazia eu tirar empréstimos e dar pra ele, pra ajudar ele, nas contas de casa. E além do dinheiro que eu já dava, que eu já contribuía, pagava algumas coisas, contas, enfim, eu tinha que tirar empréstimo pra dar pra ele. Mas, na verdade, ele tinha dívidas por fora. Dívidas que eu fui saber muito depois de coisas erradas que ele fazia. E eu tive que,

muitas vezes, socorrer ele, tá? Muitas vezes eu tive que socorrer ele, tirar o empréstimo do banco, emprestar cartão. E isso me endividou muito, Os três cartões meus estavam totalmente endividados, meu nome estava sujo. E fora os empréstimos que eu tinha, que eu tinha que dar pra ele, né? Não tive a opção de não dar, eu tinha que dar, entendeu? Eu tinha medo dele. Então, eu tinha que dar dinheiro pra ele tapar esses buracos de coisas erradas que ele fazia. E aí você me pergunta: “Nossa, mas por que você já nos separou no começo? Por que você continuou com essa pessoa por tanto tempo e tal?”

[DEP05- 012]

Gente, não é fácil assim, não é fácil você falar “Ai, tô indo embora”. Não é fácil, porque no relacionamento abusivo, essa pessoa te diminui muito e te faz sentir insegura. Ele faz você acreditar que você não consegue viver sem ele. Então, ele me fazia isso, sabe? Se eu largasse dele, eu não ia conseguir me manter, que meu salário não era pra nada, que eu nem conseguia viver sem ele, que ele me dava uma vida boa. cQue vida boa que ele me dava, sendo que ele me endividava, entendeu?!? Ele me endividava, eu tinha que dar parte do meu salário pra ele. Que vida boa que era essa?!? Uma vida de mentira, de ilusão. Eu vivia uma vida de mentira, tá? [DEP05-013]

Ele era uma pessoa extremamente mentirosa. Gente, que não sabe cantar uma verdade. Já peguei na mentira muitas e muitas vezes. Ele gastava muito dinheiro escondido de mim, inclusive. Depois eu descobria cartões que ele fez e, tipo, gastou muito e não paga as contas, sabe? E depois eu tinha que socorrer ele. Era muita mentira: ia num lugar, não ia, que fazia tal coisa e não fazia. Eu sempre pegava ele na mentira, e quando eu ia tirar satisfação, eu ia conversar, eu era taxada de louca. Eu era louca, que eu tinha que me tratar, que eu tinha que ir num psiquiatra. Então, é uma pessoa nunca assume os erros. É uma mentira em cima de uma mentira, vai virando uma bola de neve, que até ele se perde na própria mentira. E era assim que eu vivi, sabe? Era uma mentira, eu nunca sabia quando ele tava contando a verdade. Quebrou a minha confiança já bem no comecinho, sabe? E tudo que ele contava, eu questionava se ele tava falando a verdade. Sei lá, ele falava que tava num lugar e, muitas vezes, eu já até fui atrás pra ver se tava nesse lugar mesmo, e não estava. Então, eu já peguei ele na mentira várias vezes, e eu não acreditava. [DEP05- 014]

Confiança já não tinha, só que eu não conseguia sair dele, não conseguia! Eu fiquei nessa teia, no medo. No medo de não conseguir ser independente sozinha, porque ele me fazia sentir dependente dele. Então, eu não conseguia. E ele chorava, e pedia

perdão, falava que ia mudar e não sei o que, e eu acreditava, entendeu? Eu acreditava nele, eu queria dar mais uma chance. E eu sempre me vi, eu sempre achava que quem tava errado era eu. Falava “Gente, onde é que eu tô errando? Eu quero que meu relacionamento dê certo. Onde eu tô errando?”. E eu sempre me culpava, sabe? [DEP05- 015]

Eu sempre vivia frustrada, vivia frustrada, na verdade, triste. E as pessoas me perguntavam se tava tudo bem, meu relacionamento, como que tava indo. E eu tinha que falar que tava, que tava tudo bem. Eu queria muito contar para as pessoas o que que acontecia, sabe? Eu queria poder me livrar dele logo no começo. Eu não conseguia. E eu queria poder desabafar, sabe, com a minha família, com os meus pais, com as minhas amigas, pedir uma ajuda, um conselho, e eu não conseguia. Não conseguia falar e não podia. Porque ele me proibia de falar o que acontecia dentro de casa. Me ameaçava. Eu tinha medo do que ele poderia fazer. Entendeu? Eu não sei do que que ele era capaz então eu não falava. Não falava pra ninguém. Eu me calei. Por muito tempo, me calei. [DEP05- 016]

No comecinho, do relacionamento teve um aniversário na família dele, um parente dele. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida, eu era novinha nessa época, eu devia ter uns 18 anos. Eu fui nesse aniversário e tinha muita gente lá, família dele era grande. E eu lembro muito bem que foi um dos primeiros... uma das primeiras demonstrações de agressividade que ele demonstrou pra mim. A gente tava nesse aniversário e eu comecei a me sentir um peixinho fora d'água, porque as conversas, assim, não batia, é... e ninguém puxava muito assunto comigo, e eu também não puxava, porque eu era muito tímida, e eu não estava muito à vontade, e eu não estava à vontade. Eu queria, talvez, ir até embora, mas eu fiquei, fiquei quietinha lá, só que eu tava na minha, sabe? [DEP05- 017]

E... na hora dos parabéns, eu tava sentada num cantinho, porque ele tinha gritado comigo, eu não lembro o motivo, já faz tempo isso. Ele tinha brigado comigo, gritado comigo e eu fiquei chateada, porque algumas pessoas escutou. Eu fiquei envergonhada, chateada, e sentei num cantinho. Tipo assim, eu sentei aqui e aqui, um pouco pra cá, era a mesa do parabéns e as pessoas tavam aqui [Gesticula com as mãos para demonstra o posicionamento do qual estava explicando]. Então, as pessoas tavam praticamente de frente pra mim e todo mundo levantou pra cantar parabéns e e eu tava sentada aqui, quieta no meu canto. E eu não sei porquê, eu não levantei pra cantar parabéns, eu tava acuada, amuada ali e triste e queria ir até embora, mas eu fiquei, né,

como eu disse e eu não tinha clima pra cantar parabéns e eu fiquei quieta ali. E ele tava no meio do povo lá, da família dele, e eu tava sozinha e ninguém veio falar comigo. [DEP05- 018]

E o que que aconteceu? Acabou os parabéns, ele veio pro meu lado e me catou assim pelo braço, bem forte, e saiu me arrastando e falou assim: “Se você não serve pra cantar um parabéns, que que você tá fazendo aqui então? Pode sumir da minha família”. Falou e me catou e foi me arrastando lá pra fora e eu catei a minha bolsa, assim, e fui chorando, e todo mundo viu aquilo. Ééé... E todo mundo viu aquilo. Eu lembro que o pai dele chegou perto e falou: “O que que tá acontecendo?”. Ai ele falou: “Ah, vou levar ela embora.” e o pai dele falou “Mas precisa disso tudo? Solta o braço dela” e ele “não vou soltar não, é isso aqui que ela merece”. Logo, ele já saiu na frente, assim, o pai dele também não fez nada. E ele gritou muito comigo no carro, que eu tinha passado vergonha nele, que eu não cantei parabéns e não sei o quê. Acabou comigo. [DEP05- 019]

Gente, nunca nem meu pai gritou comigo dessa forma, nunca meu pai me catou pelo braço e gritou comigo assim, sabe? Na hora, me veio isso na cabeça e eu falei isso pra ele, falei que não dava mais, que eu não queria mais ele. E ele chorou muito, muito, muito... e pedia perdão e disse que ia mudar. e eu acreditei. E no outro dia eu ganhei um presente. Pra mim, presente não são demonstração de amor. Demonstração de amor é no dia a dia, sabe? É na rotina, ali. Pra mim, demonstra amor é na atitude, não é presente, mas ele tinha essa mania: era sempre um presente no outro dia. [DEP05- 020]

Ééé... teve uma outra situação, também... a gente ia deitar e eu queria deitar e dormir, ele não, tá? Acho que vocês já vão entender, né? Eu não tava muito legal e eu queria dormir. Ele não aceitou isso, então, eu levantei pra ir no banheiro ele levantou atrás e me empurrou. Empurrou bem forte, começou a empurrar, assim. Eu quis correr pro banheiro e ele foi atrás e começou a falar na minha cabeça já, parece que transformou, sabe? E começou me xingar. Eu não sei por que e começou a me xingar de vários nomes, me humilhar e falar que eu não prestava. Não me lembro muito bem do que que ele me xingava, mas eram coisas horríveis, e eu fiquei com medo dele, tá? Eu fiquei com muito medo dele e eu não sei do que que ele era capaz de fazer naquela noite. [DEP05- 021]

Ele tava muito agressivo. Então, me empurrou várias vezes depois que eu voltei do banheiro. Me jogou, assim, na cama e me pegar assim sabe [Faz gestos corporais para demonstrar a ação] deitou e me pegou e ficou assim comigo, sabe? Eu tava me

sentindo sufocada. Eu comecei chorar sem parar, sem parar sem parar... Eu tava sufocada porque ele me catou de um jeito, assim, que meu pescoço ficou preso aqui nele, sabe? [Mostra com as mãos o movimento] Ficou preso, eu não tava conseguindo respirar direito. E eu tava muito assustada, muito nervosa e eu chorava, chorava, chorava e eu tava perdendo o ar. Eu tentava pedir socorro e não saía voz. Eu gritei muito socorro, muito baixinho, sabe? Porque não saía voz e eu achava que alguém poderia me ajudar. Eu achava que alguém ia me ajudar, gente. Eu tava muito nervosa, pensando como eu ia sair disso, porque ele falou assim: “Ó, se você tiver que morrer aqui em cima de mim, você vai morrer”. Ai ele tava completamente descontrolado e então, eu pensei éé... em parar de chorar, porque quando a gente chora, o nariz dá aquela entupida e eu já tava assim sem respirar e eu comecei a tentar me acalmar, tentar me acalmar pra ver que jeito eu ia sair daquela situação. [DEP05- 022]

Eu não conseguia sair, ele tava muito forte, segurando muito forte e eu já não tava conseguindo respirar. Meu pescoço tava muito aqui [Gesticula com as mãos] e até que eu quis parar de chorar pedir pra Deus. Comecei a pensar em Deus pra me ajudar a me acalmar. Eu fui me acalmando, acalmando, porque eu falei assim “Ó eu tenho que me acalmar e se eu tiver que passar a noite aqui, então, quietinha, eu vou passar e sem chorar”, porque chorar tava me prejudicando e ele não soltava, gente, não soltava! Aquilo foi piorando e me veio uma coisa na cabeça de fingir que eu desmaiei. E eu lembro muito bem disso: era numa noite de Natal, era dia 24 para dia 25. Ééé... aí eu soltei, assim, o corpo e fingi que tinha desmaiado e ele parou, na hora. Ele me jogou, assim, na cama e começou a falar: “O que que eu fiz? O que que eu fiz? Eu te amo” que não sei o que, começou a me encher de beijos e eu comecei a chorar, como se fosse um bicho, como se fosse um bicho com medo. Chorei muito, fiquei encolhida, assim, na cama. [DEP05- 023]

E, aquela noite, não dormi mais, porque ele não deixava eu sair, não deixava eu ir embora. E, naquela noite, eu não dormi mais com medo do que ele poderia fazer comigo. Então, eu fiquei acuada, amuadinha, quietinha, com medo dele. Aí no outro dia, ele comprou presunto, comprou queijo e não sei o quê, para fazer um café da manhã bem bom e me pediu perdão chorou e me prometeu que ia mudar. Ele prometeu, era dia de Natal, dia 25. Eu comecei “Meu Deus o que que eu faço?” e ele falava “Se você largar de mim, você não vai conseguir viver sozinha”. Enfim, começou me manipular, que eu não ia conseguir viver sem ele, eu era um fracasso. E eu perdoei, mais uma vez, eu perdoei. E quando foi na outra semana, me encheu de presente de

novo, e eu fui vivendo, assim, sabe? Com medo, com insegurança, triste, eu não era feliz. E para as pessoas de fora, achava “nossa era o casalzão”, mas não era não, gente. Minha vontade era de gritar pra todo mundo, expor o que tava acontecendo. Era muito grande e eu não podia fazer isso. [DEP05- 024]

Uma outra vez, ééé... num outro dia, um parente dele chamou para gente comer pizza eu não tava muito bem naquele dia. Eu não tava disposta a sair. Era um dia de semana e eu sempre gostei de me arrumar, arrumar meu cabelo, me maquiar, esse é o meu jeito. Eu gostava que avisasse antes, sabe? Pelo menos um dia antes, pra dar tempo de eu, sei lá, fazer uma escova, pintar minhas unhas. Eu não gostava que me avisasse em cima da hora e, nesse dia, ele ficou muito bravo, muito agressivo, que eu não ia em nada, que eu não gostava da família dele. Começou a me xingar, ficar muito nervoso. Eu não aceitei aquilo e comecei a falar as coisas pra ele, também. E a gente brigava e sempre ele era o maior na discussão, né? Eu tentava falar as coisas, mas ele sempre vinha e, sabe, acabava comigo. [DEP05- 025]

E, nesse dia, ele pegou um pau de guarda-roupa, sabe? Aquele de colocar os cabides, aquele negócio de colocar cabide, não tem um pauzinho, assim? Ele pegou esse pau e ele correu atrás de mim, pra me bater com esse pau, porque eu tava discutindo com ele, sabe? Ele não aceitou isso, eu discutir com ele, tentar revidar de alguma forma o que ele tava me falando. E ele me pegou um pau, pra me bater, e eu corri pra dentro do banheiro, no banheiro do nosso quarto. E eu fiquei lá, e eu passei a noite nesse banheiro. No outro dia, eu conversei com o pastor na época, né, que a gente era da igreja. Sempre fui de igreja evangélica, tá? E no outro dia, eu conversei com o pastor, expliquei a situação. A gente orou junto, e só no outro dia que eu consegui sair desse banheiro. Nisso, ele bateu muito na porta. Ele tentou arrombar a porta e eu pedia para Deus “por favor”, pra ele não conseguir arrombar a porta, porque eu tinha muito medo e, nesse dia, eu não liguei pra polícia num liguei pra ninguém, porque eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo, ainda, sabe? Sei lá, depois dele sair da cadeia e me matar. Ééé... eu tinha um pouco de dó também, aí será que é pra tanto? Eu ficava, sabe? Me culpando, me julgando e eu tinha muito medo, então, eu não liguei pra polícia e eu passei essa noite no banheiro. [DEP05- 026]

Ééé... eu não podia, gente, contrariar ele. Tinha que ser tudo de jeito que ele queria, eu tinha que ser a pessoa que ele queria, que ele idealizava, tá? A casa tinha que tá um brinco. Eu sempre trabalhei fora e eu tinha que cuidar da casa sozinha, ele não me ajudava. Eram raras as vezes que ele fazia uma coisa ou outra, tá? Eu tinha

que implorar muito pra isso, e a casa tinha sempre que tá um brinco. E teve um certo dia, que eu cheguei do serviço e não tava bem. Sabe quando você só quer deitar? Eu sabia que tinha alguma coisa de errado comigo, o estômago tava ruim, o corpo tava ruim, tava doendo muito e eu tinha algumas coisas pra fazer: tinha que lavar louça, fazer janta, dar uma varrida na casa, porque eu trabalhava o dia inteiro, né? E nesse dia, eu cheguei e deitei. Ele chegava sempre meia hora depois de mim, meia hora, 40 minutos, ele chegava. E eu cheguei e deitei. Ele chegou, me viu deitada. Pra ele, aquilo foi a morte. Ele não aceitava de hipótese nenhuma eu deitar e ter serviço em casa pra fazer. Não aceitava! Não podia descansar, tá? Tinha que ser uma escrava. E eu tava deitada, ele acabou comigo, Ele chegou, não perguntou como que eu tava, se eu tava bem, se eu tava mal. Ele não queria saber. Ele perguntou: “Por que você tá deitada, com aquele monte de louça pra lavar e a janta? Você não começou fazer a janta ainda”. Isso num tom muito alto, muito grosseiro, tá? E eu passando mal, deitada, falei: “Eu não tô bem”. Aí ele começou falar “Agora tudo é ‘não tá bem’. Eu também não tô bem, vou deitar, então, vou ficar deitado, aqui, então”, e me chamando de vagabunda e acabando comigo. [DEP05- 027]

Gente, nesse dia, eu quis ligar pra minha mãe pra contar o que tinha acontecido. Eu falei, assim, que a pessoa brigou comigo, que eu tava deitada, que eu tava passando mal e ele queria que eu fizesse janta, e eu não tinha feito. E a minha mãe e minha irmã mais velha, ainda, chegou lá em casa e fizeram janta pra mim e eu tive muito medo, depois, porque ele tava me olhando com uma cara muito feia, tipo assim: “Por que que você foi contar pra ela?” Porque logo minha irmã já perguntou: “Uai, você brigou com ela porque ela tá deitada e não tá bem? Onde já se viu isso?!”. E pra que, né, que isso aconteceu... Ele falou: “Não, ela tem que fazer janta sim. Ela tem que levantar, tem que fazer janta. Muié não pode ficar deitada, não, com coisa pra fazer”. E minha irmã achou o cúmulo do absurdo aquilo e quis até me levar embora: “Vamos embora daqui, vamos lá pra casa. Você fica lá, aí outro dia, você vem”. E eu olhei, assim, pra ele, eu morrendo de medo dele, falei “não”, que eu ia ficar. Enfim, a minha família fez a janta, minha mãe e minha irmã. Elas foram embora e, depois disso, ele acabou comigo: me humilhou muito, me xingou muito, me falou que nunca mais era pra mim falar o que acontecia dentro de casa, porque o trem ia ficar feio. Então, me ameaçava, e eu tive muito medo. [DEP05- 028]

Sério, eu poderia ficar horas, aqui, conversando com vocês ou até escrever um livro, tá? Eu tô contando alguns episódios só, tá? Só alguns. E numa dessas brigas que

a gente teve, discussão e briga, ééé... ele veio pra segurar meu braço, me apertando, chacoalhando, sabe? E eu tentei avançar nele, também, pra revidar, e ele machucou muito meu braço, apertou muito, sabe? Unhou, arranhou, assim, e eu fiquei com muita dor nos braços, sentindo uma fraqueza. E ele queria, ele não parava, sabe? E eu corri, de novo, pra dentro do banheiro. Eu tava com o celular, aí eu liguei para o pai dele. Ele tinha muito medo do pai dele. Eu liguei pro pai dele, falei o que tava acontecendo. Em 10 minutos, ele chegou lá em casa. Chegou pai, mãe, acho que até irmão chegou, e eles tentou conversar com ele. Mostrei os braços, assim, roxo mostrei, tá? Sempre tirava foto, é, tentando criar coragem pra denunciar ele, sempre! Só que eu não conseguia denunciar, e o pai dele falou “Se ela te denuncia, com os braços tudo machucado, você vai preso”, sabe? Falou o bicho pra ele, lá, mas não virou nada. Não virou nada, era só isso que eles faziam: falava o bicho pra ele, falava que tinha que ficar tudo bem, que não podia ficar brigando. Enfim, depois eu até apagava as fotos. Nunca consegui denunciar. Eu ainda tinha dó, gente. Amor próprio zero, zero! Amor próprio, não conseguia. [DEP05- 029]

É... ele era uma pessoa totalmente autoritária. Só a família dele era a boa, tá? Só o jeito dele era o bom, só ele sabia as coisas. Ele me diminuía em tudo. Tudo que eu sabia, era ele que sabia mais. A minha opinião tá errada. Eu não podia opinar. Ele dava risada da minha cara, falava que eu era burra, que não entendia de nada, quem entendia era ele. A opinião dele, sim, era a boa, entendeu? A família dele, sim, era os bons, e as minhas amigas... Ixi! As minhas amigas não têm estudo, não sabe de nada, é um bando de gente que não sabe de nada. É só a opinião dele que era boa, ele que sabia de tudo, tá? Os irmãos que eram os bons, eram formados. Minhas irmãs não são boas, os irmãos dele que eram os bons. O pai dele que era o bom, meu pai não era. Eu tinha que escutar que o pai dele... eu tive que escutar, né, que o pai dele podia mandar na nossa casa, porque o pai dele ajudava ele, financeiramente, porque ele ficou um tempo sem receber e o dinheiro que ele recebia acho que ele gastava com coisa errada, tá? Eu acho não, eu tenho certeza. Eu tô afirmando, aqui, ele gastava com coisa errada. Então, faltava dinheiro pra nossa casa e o pai dele sempre que tinha que tá ajudando. Ajudando a colocar comida em casa, ajudando pagar as contas. Enfim, eu tive que escutar que o pai dele podia, sim, mandar na casa dele. E que os dois mandavam: que era ele e o pai dele. Podia mandar, porque era eles que punham comida dentro de casa e que eu tinha que escutar e ficar quieta. Ficar quieta e agradecer, como se eu fosse uma ingrata. [DEP05- 030]

E eu tive que escutar que meu pai não me ajuda, que o meu pai não me ajuda em nada, que meu pai não gostava de mim ele. Ele colocava a família dele num pedestal, e a minha família diminuía. Nada da minha família prestava pra ele... meu pai. Ainda tinha que escutar, também, que ninguém gostava de mim. Ele falou isso, pra mim. Isso me machucou muito, muito, muito mais do que qualquer agressão física, mais que qualquer tapa, qualquer soco, qualquer coisa assim. Ele falou que ninguém gostava de mim, porque nem minha mãe biológica me quis, quando eu era bebê. Pra quem não sabe, eu fui abandonada quando eu era bebê, tinha 11 meses, pela minha mãe e pelo meu pai. E ele falou que ninguém gostava de mim, nem meus pais biológicos me quis, quem ia querer...Ele me diminuía muito, me diminuía muito e falava que eu tinha que aceitar era ele mesmo, porque ninguém gostava de mim. Que meus pais não me ajudavam financeiramente, porque não gostavam de mim. E que eu era burra, que eu não era capaz, que eu não ia conseguir. [DEP05- 031]

Ai gente, como eu falei, eu poderia ficar horas aqui conversando com vocês, falando o que eu passei nesse relacionamento meu. Mas pro vídeo não ficar muito grande, não se estender muito, eu já vou... O relacionamento durou, se não me engano, quatro anos, quatro anos e pouco, quatro anos e pouquinho. Eu consegui me desprender dele, eu consegui começar a olhar pra mim, me enxergar, a recuperar minha autoestima, a pensar em mim, porque eu não aceitava mais a viver daquele jeito. Eu não aceitava a todo dia passar por essas coisas, a pisar em ovos, a viver em função dos outros e ter que ser do jeito dele. Eu não aceitava mais isso. Eu orei muito pra Deus, tá? Me ajudando. E eu comecei a ter mais amor próprio, comecei a ter outra visão, comecei amadurecer, também, né? [DEP05- 032]

No comecinho do relacionamento, eu tinha uma idade depois, né? Comecei a amadurecer mais, também, né? Eu resolvi me separar, não foi fácil pra decidir, mesmo, me separar. Não foi só eu. Sei o quanto foi difícil, tá? Mas eu me separei, e, mesmo depois que eu me separei, eu pensei em voltar, tá? Porque ele falava que eu ia tá no fundo do poço, que eu não ia conseguir me sustentar, que eu ia passar dificuldade, que eu não ia comer nada de coisas boas, sabe? Ele me colocou tão insegura, que eu fiquei com muito medo e eu pensei em voltar pra ele várias vezes. Graças a Deus e minhas amigas, que me aconselharam bastante: beijo S., F., obrigada por todo apoio, sempre! Obrigada por me entender, obrigada por tudo amigas. Obrigada pelas orações. Então, graças a Deus, eu não voltei pra ele, eu consegui me desprender. [DEP05- 033]

Hoje, eu tô casada, com meu marido maravilhoso. Eu tenho uma filha linda, linda, linda. Fui muito abençoada por Deus. Se eu tivesse acreditado nele, no começo, se eu tivesse acreditado nele, quando ele falou que eu ia tá no fundo do poço, eu não estaria vivendo a melhor fase da minha vida, hoje, com a minha família. Então, é graças a Deus, né, gente, que eu consegui me desprender dessa teia desse relacionamento. Graças a Deus, mesmo. [DEP05- 034]

Eu espero que eu tenha ajudado vocês de alguma forma com esse vídeo, tenha trazido algum aprendizado. Eu sei que muitas pessoas vão se identificar demais com esse vídeo, vão até se ver em algumas situações. E, gente, não é fácil, mas vocês conseguem, vocês também são capazes, tá? Acredite em você, olhe pra você! Você não merece passar a vida, é, toda sofrendo, angustiada, com medo do companheiro, sendo humilhada, sendo xingada, sendo agredida fisicamente, verbalmente. Você não merece passar por isso, tá? Com certeza você vai conseguir, sim, em nome de Jesus, se livrar desse relacionamento abusivo. Eu tô aqui na torcida por vocês! Nós precisamos ter mais empatia, sororidade com outras mulheres, e ajudar sabe dar um conselho, conversar quando ver alguém passando por um relacionamento assim. Alguma amiga, algum parente, sabe? Tentar dar um apoio, uma conversa, um conselho pra essa pessoa abrir os olhos, né? Porque parece que a gente tá vendada, né, gente? A gente tá vendada, não enxerga, mas é isso, tá? Pro vídeo não ficar muito grande. Espero que vocês tenham gostado. Quero pedir pra que vocês se inscrevam, aqui, no meu canal, tá? Se você não for inscrito. Isso me ajuda muito, tá? E o Instagram tá passando aqui em cima. Então, é isso! Um beijo e até o próximo vídeo. [DEP05- 035]

ANÁLISE

Logo no início, em “*O relacionamento abusivo não vai começar com tapa na cara, ameaça. Ele vai começar como num conto de fadas. Vai ser tudo maravilhoso. Vai ter muitas conquistas. Ele vai ser a pessoa mais apaixonante possível. Vai te conquistar a cada dia. Jantares românticos, por exemplo. Tudo vai começar assim*”, há a inserção de um tema: relacionamento abusivo. Ao enunciar que ele não vai começar com tapa na cara, ameaça, pode-se supor que, em algum momento, isso aconteceria, mas que não no começo. Ao começo é atribuído uma semelhança a um conto de fadas e tudo maravilhoso, o que sugere um encantamento. Em “*Ele vai ser a pessoa mais apaixonante possível*”, por dedução, “*ele*” seria o parceiro amoroso.

Ao enunciar *“Pra quem não me conhece, o meu nome é F.. Eu sou casada com o T.. Tenho uma filha de um ano e meio, chamada M..”*, constata-se que há a possibilidade de uma parcela do público que a estaria assistindo conhecê-la e outra não, que é a quem se refere, fazendo uma breve apresentação, a partir de quem é, o que englobaria com quem se relaciona ser mãe. Na sequência, conta qual o propósito do vídeo em questão: *“Hoje, eu vou estar contando o meu relato. Antes do T., eu já tive outros relacionamentos, tá? Então, eu vou estar relatando o que eu passei em um desses relacionamentos”*.

A depoente qualifica a gravação do vídeo como *“Não é fácil”*, já que *“recordar de algumas coisas que me magoaram, mexeram muito comigo, me traumatizaram bastante”*, logo entende-se que o relacionamento do qual vai relatar provocou mágoa e traumas (*“Não é fácil pra mim gravar esse vídeo, porque é um vídeo que eu vou recordar de algumas coisas que me magoaram, mexeram muito comigo, me traumatizaram bastante”*). Apesar disso, a gravação parece estar sendo motivada, pelo menos explicitamente, pela possibilidade de ajudar outras mulheres: *“Só que eu penso que eu vou estar ajudando algumas mulheres com esse vídeo, porque eu acredito que tem muita relação assim, tá? Muita gente não sabe muito bem sobre o que é relacionamento abusivo, sabe meio por cima. Então, eu creio que eu posso estar ajudando, tá? Com esse vídeo, com o meu relato, minha história”*. Ao pontuar que *“Muita gente não sabe muito bem sobre o que é relacionamento abusivo, sabe meio por cima”*, ela estaria se colocando na posição de quem saberia o que é relacionamento abusivo.

Observe-se que, em *“Bom, gente, então tudo começou de uma forma bem romântica, tá? A pessoa se mostra uma pessoa, um príncipe encantado, pra vocês entenderem, assim melhor. A pessoa é um príncipe encantado, quer te agradar de todas as formas, não vai de cara mostrar o outro lado dela, sabe?”* é atribuída uma qualidade *“romântica”* ao início do relacionamento, o que permite hipotetizar, que a *“forma bem romântica”* sugere gestos de amor, cuidado, atenção com a outra pessoa. Em *“A pessoa é um príncipe encantado”*, subentende-se que ao parceiro são conferidos atributos que o aproximariam de uma figura comum a contos de fadas e narrativas amorosas: o *“príncipe encantado”* – este seria reconhecido por sua beleza, gestos nobres, cavalheirismo, bondade. Tais atributos, em conjunto, sugerem um alto grau de idealização desse parceiro amoroso.

Com “*pra vocês entenderem, assim melhor*”, subentende-se que a compreensão melhor se daria ao aproximá-lo de uma figura idealizada. Já em “*não vai de cara mostrar o outro lado dela, sabe*”, pode-se entender que o outro lado seria aquele que se afastaria dos atributos de um “*príncipe encantado*”.

Ao enunciar “*E começou a querer me mudar, né? Ele queria que eu fosse assim, do jeito dele. Queria que eu vivesse as coisas que ele falava pra mim viver. Tipo, minhas amizades. Então, ele começou a me proibir de ter algumas amizades, de frequentar a casa das minhas amigas. muito querida, muito querida por mim mesma, a gente tinha amizade há algum tempo antes dele*”, o verbo “*começou*” sugere algo que antes não acontecia, como querer mudar ela (“*E começou a querer me mudar*”; “*ele começou a me proibir de ter algumas amizades*”).

Finalizando, em “*Eu espero que eu tenha ajudado vocês de alguma forma com esse vídeo, tenha trazido algum aprendizado. Eu sei que muitas pessoas vão se identificar demais com esse vídeo, vão até se ver em algumas situações*”, ela enuncia sobre sua expectativa de poder ajudar quem a estaria assistindo. A ajuda se daria pelo vídeo, o qual poderia ser material para *aprendizado*. F. se coloca na condição de afirmar que o público viria a se identificar, o que sugeriria que mulheres em condição de violência doméstica estariam submetidas a situações semelhantes.

Seguindo, com “*E, gente, não é fácil, mas vocês conseguem, vocês também são capazes, tá? Acredite em você, olhe pra você! Você não merece passar a vida, é, toda sofrendo, angustiada, com medo do companheiro, sendo humilhada, sendo xingada, sendo agredida fisicamente, verbalmente. Você não merece passar por isso, tá?*”, ela qualificaria o movimento de saída do relacionamento como “*não é fácil*”. Apesar de não ser fácil, nota-se frases genéricas e comumente propagadas em situações de violência, como “*Vocês conseguem, vocês também são capazes, tá? Acredite em você, olhe pra você!*”, em que “*também*” sugere que ela se coloca no lugar de alguém capaz. Ao dizer “*Você não merece passar a vida, é, toda sofrendo, angustiada, com medo do companheiro, sendo humilhada, sendo xingada, sendo agredida fisicamente, verbalmente*” e entendendo que ela diz a partir de sua própria experiência, subentende-se que em algum momento era ela o alvo de humilhação, xingamentos, agressões físicas e verbais.

Em “*Então, aí começou as humilhações, os gritos, os xingos, aí que eu comecei a ver quem ele realmente era. Então, eu não podia mais ter essa amizade com essa pessoa. E eu tinha escondido, eu conversava com ela escondido, sim!*”, o verbo

“começou” indica que algo que não acontecia teve início naquele momento: de um lado o parceiro começa com “*as humilhações, os gritos, os xingos*”, e, de outro, ela começa a “*a ver quem ele realmente era*”. Aqui, com “*a ver quem ele realmente era*” pode supor que, até então, ela o considerava a partir de um viés idealizado, e que, agora, era capaz de vê-lo em seu potencial agressivo. É de se perguntar se, naquele momento, ela teria considerado as humilhações, os gritos e os xingos como violência. Na sequência, enuncia que “*Então, eu não podia mais ter essa amizade com essa pessoa E eu tinha escondido, eu conversava com ela escondido, sim!*”, em que “eu não podia” estaria referindo-se à interferência do companheiro que teria a proibido de conversar com essa amizade, no entanto, é de se pensar em uma desimplicação da depoente.

Observe-se que, em “*Quando eu cheguei em casa, houve muito grito, muitos insultos. Era terrível gente. Eu comecei a ver com quem eu tava me relacionando, mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia sair disso. Porque depois eu ficava no meu canto, amuada, e, depois de um tempo, ele vinha e fazia inúmeras promessas e chorava e falava que não ia gritar nunca mais. Eu acreditava. Então, a gente voltava. Voltava ao normal* [Aparece no vídeo escrito: Ficava de boa]. *O que ele queria era que eu dependesse totalmente dele, exclusivamente dele. Queria me manipular para que eu fosse uma pessoa dependente*”, apesar de parecer haver um reconhecimento do potencial agressivo do parceiro (“*Eu comecei a ver com quem eu tava me relacionando*”), F. enuncia “*mas, ao mesmo tempo, eu não conseguia sair disso*”, do que se subentende que assim que se ocorre os primeiros episódios de humilhações, gritos e insultos, como mencionado por ela, há, ao que parece, tentativa não sucedida de sair da relação. Em seguida, conta sobre o que parece sustentar o seu dilema: “*Porque depois eu ficava no meu canto, amuada, e, depois de um tempo, ele vinha e fazia inúmeras promessas e chorava e falava que não ia gritar nunca mais. Eu acreditava*”. Aqui, constata-se que ela acreditava na promessa de mudança do parceiro.

Já em “*E aí ele desceu do carro, correu atrás de mim, me catou pelo braço, me jogou dentro do carro e eu fui embora pra casa. Depois disso, quando chegou em casa, ele me pediu desculpa, falou que não ia fazer mais isso, que a gente ia tentar de novo, tentar dirigir, que ia dar tudo certo. E eu acreditei, mais uma vez, né? Acreditei que ele ia mudar, não ia fazer mais aquilo. Só que eu comecei a ter medo, sabe? Eu tinha medo de fazer as coisas. Eu tinha medo dele, da reação dele*”, F. parece inserir na sua narrativa episódios que deixam de ser apenas verbais, para físicos (“*me catou pelo braço, me jogou dentro do carro*), em que os verbos “*catar*” e “*jogar*” sugerem, na

fala, uma agressividade. Na sequência, constata-se que, novamente, ela teria acreditado na mudança de comportamento do parceiro: “Acreditei que ele ia mudar, não ia fazer mais aquilo. Só que eu comecei a ter medo, sabe? Eu tinha medo de fazer as coisas. Eu tinha medo dele, da reação dele”, só que, nesse trecho, um afeto é destacado, o medo (de fazer as coisas, dele, da reação dele).

Em “Eu sempre queria estar agradando de alguma forma, porque ele me fazia me sentir culpada pela reação dele. Ele sempre falava, ele falava assim “Eu tô assim, tô nervoso assim, fico enraivecido, assim, por sua causa, é você que me deixa assim. É só você não fazer eu ficar assim, que eu não fico”. Então, eu tinha medo. Eu tinha medo de viver, sabe? De fazer alguma coisa errada Tinha muito medo, muito medo, muito medo”, constata-se o afeto da culpa, que seria decorrente de um movimento do parceiro de colocar nela a responsabilidade por estar sendo agredida. Acompanhando a culpa, o medo também seria um afeto que se presentifica no discurso da mulher.

No trecho “E, nesse dia, ele pegou um pau de guarda-roupa, sabe? Aquele de colocar os cabides, aquele negócio de colocar cabide, não tem um pauzinho, assim? Ele pegou esse pau e ele correu atrás de mim, pra ne bater com esse pau, porque eu tava discutindo com ele, sabe? Ele não aceitou isso, eu discutir com ele, tentar revidar de alguma forma o que ele tava me falando. E ele me pegou um pau, pra me bater, e eu corri pra dentro do banheiro, no banheiro do nosso quarto. E eu fiquei lá, e eu passei a noite nesse banheiro. No outro dia, eu conversei com o pastor na época, né, que a gente era da igreja. Sempre fui de igreja evangélica, tá? E no outro dia, eu conversei com o pastor, expliquei a situação. A gente orou junto, e só no outro dia que eu consegui sair desse banheiro. Nisso, ele bateu muito na porta. Ele tentou arrombar a porta e eu pedia para Deus “por favor”, pra ele não conseguir arrombar a porta, porque eu tinha muito medo e, nesse dia, eu não liguei pra polícia num liguei pra ninguém, porque eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo, ainda, sabe? Sei lá, depois dele sair da cadeia e me matar. Ééé... eu tinha um pouco de dó também, aí será que é pra tanto? Eu ficava, sabe? Me culpando, me julgando e eu tinha muito medo, então, eu não liguei pra polícia e eu passei essa noite no banheiro”, F. conta de um dos episódios de violência cometido pelo ex-companheiro (Ele pegou esse pau e ele correu atrás de mim, pra ne bater com esse pau, porque eu tava discutindo com ele, sabe?) e, em seguida, enuncia uma situação identificada por ela que seria disparadora dessa violência: “porque eu tava discutindo com ele, sabe? Ele não aceitou isso, eu discutir com ele, tentar revidar de alguma forma o que ele tava me falando”.

Nota-se, também, a relevância da religião para a depoente, sendo inclusive, uma figura religiosa a quem recorre (*No outro dia, eu conversei com o pastor na época, né, que a gente era da igreja. Sempre fui de igreja evangélica, tá? E no outro dia, eu conversei com o pastor, expliquei a situação. A gente orou junto, e só no outro dia que eu consegui sair desse banheiro*”), ao invés de uma figura que representaria um dispositivo de segurança (*“nesse dia, eu não liguei pra polícia num liguei pra ninguém, porque eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo, ainda, sabe? Sei lá, depois dele sair da cadeia e me matar”*). Também, observamos como a construção imaginária da mulher, explicitada no medo de o companheiro matá-la também engloba o posicionamento de alguém que, por motivos aqui não muito claros, não parece ter sido capaz de confiar no sistema de justiça, aqui representado pela polícia (*“eu tinha medo de ligar pra polícia e acontecer alguma coisa comigo”*).

Ainda, mobilizada por um receio de o ex-companheiro *“sair da cadeia e me matar”*, essa construção discursiva aponta para a possibilidade de uma grande alteração da imagem que ela um dia teve do parceiro – talvez antes das agressões começarem – em relação a esse quando o ex-parceiro não só é capaz de cometer violências contra ela como se pode matá-la. Esse aspecto, ainda que não tenha aparecido de modo explícito nos outros discursos analisados, permite pensarmos que tal medo não seja infundado. Chama a atenção o trecho discursivo *“eu tinha um pouco de dó também, aí será que é pra tanto? Eu ficava, sabe? Me culpando, me julgando e eu tinha muito medo, então, eu não liguei pra polícia e eu passei essa noite no banheiro”*, em que são enunciados os afetos que essa relação provocaria (dó, culpa e medo). Mesmo sentindo medo da postura agressiva do companheiro, a depoente se culpava pelo que estava acontecendo, e, mobilizada pelo sentimento de dó, não recorria às autoridades.

Nota-se que, em *“Com certeza você vai conseguir, sim, em nome de Jesus, se livrar desse relacionamento abusivo. Eu tô aqui na torcida por vocês! Nós precisamos ter mais empatia, sororidade com outras mulheres, e ajudar, sabe, dar um conselho, conversar quando ver alguém passando por um relacionamento assim. Alguma amiga, algum parente, sabe? Tentar dar um apoio, uma conversa, um conselho pra essa pessoa abrir os olhos, né? Porque parece que a gente tá vendada, né, gente? A gente tá vendada, não enxerga, mas é isso, tá?”* em um primeiro momento, a depoente se comunica, em específico, com quem estaria em uma relação violenta, recorrendo à religião como uma rede de apoio: *“Com certeza você vai conseguir, sim, em nome de Jesus, se livrar desse relacionamento abusivo”*.

Também, F. faz uso do pronome “*nós*”, se incluindo no grupo que precisaria “*ter mais empatia, sororidade com outras mulheres, e ajudar, sabe, dar um conselho, conversar quando ver alguém passando por um relacionamento assim*”, e, logo, se coloca junto às mulheres que estão inseridas em uma relação amorosa violenta: “*Porque parece que a gente tá vendada, né, gente? A gente tá vendada, não enxerga, mas é isso, tá?*”. Por fim, observa-se que, em “*Pro vídeo não ficar muito grande. Espero que vocês tenham gostado. Quero pedir pra que vocês se inscrevam, aqui, no meu canal, tá? Se você não for inscrito. Isso me ajuda muito, tá? E o Instagram tá passando aqui em cima. Então, é isso! Um beijo e até o próximo vídeo*”, há um deslocamento da narrativa da experiência para uma fala tida como padrão para quem grava e publica vídeos em plataformas digitais, como o Youtube.